

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director: J. B. MAGALHÃES

Secretario: T. A. ARARIPE

Gerente: A. CHAVES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XVI

Rio de Janeiro, Abril de 1929

N. 184

Edição de 70 paginas

SUMMARIO

EDITORIAL

- O MOMENTO MILITAR ACTUAL 229

COLLABORAÇÃO

- O problema da defesa Nacional — Dr. Carlos Sampaio 232
O papel da Cavallaria e sua organização — Major Laperche 234
ASSUMPTOS NAVAES — Os quadros dos officiaes da Armada no Congresso (cont.) — Cmt. Muniz Barreto 242
Notas sobre a instrucção de conjunto do R. C. — Major Colin 244
O Regulamento geral de Instrucção Physica (trad.) — Cap. Barboza Leite 259
Tactica de Infantaria — VIII Conferencial — Ten. Cel. Hugues 265
A divisão territorial do Brasil — Ten. Segadas Vianna 271
A propósito da industrialisação da instrucção na Infantaria — Cap. T. A. Araripe 277
Estudo da progressão da Infantaria sob o fogo da Artilharia (trad.) — Ten. Portocarreiro 282

DA PROVINCIA

- O Serviço de remonta no Exercito — Major Alfredo Ferreira 280

SUGGESTÕES

- Necessidade de ampliação dos quadros dos especialistas nos corpos — Ten. Isapuan Leal 287

DA REDACÇÃO

- Marechal Foch 231
Escolas Militares na Inglaterra (Arad.) 257
A propósito do serviço militar 264
Os progressos da Aviação 288
A base naval de Ferról 287
SUBSIDIOS — Os officiaes de reserva — A organisação de um Pel. de Cav. 289
A Infantaria nas marchas nocturnas — Cap. O. Paranhos 292

Aos nossos colaboradores

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados collaboradores o seguinte:

— apresentar os originaes sempre legíveis e, se possivel dactylographados;

— só escrever em uma das paginas das folhas do papel que utilizem;

— se se tratar de assumpto technico usar sómente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais regras prescriptas pelo R. S. C. (qualquer edição) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação, etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes têm que soffrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos tóca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresental-os em condições.

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção prescrevemos o seguinte:

1) — Tudo que se refira á collaboração, suggestões e assumptos que lhe sejam correlatos deve ser endereçado ao Secretario;

2) — Qualquer assumpto sobre assinaturas e envio de importancias deve tratar-se com o Gerente;

3) — Sempre que se queira reiterar qualquer communicação, ao Director;

4) — Os annuncios e quaesquer outras

Curem-se pela Homœopathia, fazendo uso dos nossos afamados especíscicos

Antipapirus — o melhor, o mais poderoso remédio para curar a gripe — um vidro 2\$000.

Antiferinus — Cura Coqueluche em 15 dias e preserva as creanças desse mal — 1 vidro 2\$000.

Angasturium — E' o grande remedio das infecções intestinaes de carácter grave — 1 vidro 2\$000.

Arsenico Iodado Composto — O melhor e o maior fortificante da homœopathia — 1 vidro 3\$000.

Vitirus — Cura as tosses e as bronchites — vidro 2\$000.

Cardusmajus — Poderoso remedio para curar as doenças do fígado — 1 vidro 2\$000.

Cepyl — Cura o corysa, os resfriados — 1 vidro 2\$000.

Purgina — Ideal combinação contra a prisão de ventre — 1 vidro 2\$000.

Selurius — Cura diarréas das creanças e dos adultos — 1 vidro 2\$000.

Phosphorina — Faria — O melhor remedio para as creanças. Facilita a dentição — 1 vidro 2\$000.

Rhus composto — Cura o rheumatismo — 1 vidro 2\$000.

Matifolium — Indicado nas doenças do estomago — azia, dyspepsia, gastralgia — vidro 3\$000.

Ourubenzol — Contra a syphilis e suas manifestações — um vidro em tablettes 5\$000.

Uracido — Poderoso medicamento para combater o acido urico, as affecções dos rins e da bexiga, o artritismo e o rheumatismo — vidro em tablettes 3\$000.

Creme Medicinal de Hamamelis — Preparação científica para o embellezamento da pele, sem substancia gordurosa, indicado nas espinhas, rugas, pannos e manchas de pele. Pote pequeno 4\$000 — grande 7\$000.

Sabonete de Hamamelis — um 2\$000 — duzia 20\$000.

Guia de Medicina Homœopathica do Dr. Nilo Cairo

A maior parte destes remedios existe também em globulos.

Enviamos pelo correio qualquer medicamento, mediante a remessa da importância por vale postal.

Loção Curativa de Hamamelis — Feridas, doenças da pele, queda dos cabellos, etc. — Vidro 4\$500.

CORTONICO — Indicado nas doenças do coração — Vidro 5\$000.

Hemœovermil — A mais completa e inofensiva preparação, contra todas as variedades de vermes, oxiuros, ascaridias, necator e outros. — 1 vidro em tablettes, 4\$000 — Duzia 45\$000.

DE FARIA & C.

R. S. José, 75 — Tel. C. 2247 — C. Postal 2564 — Rio de Janeiro.

publicações pagas, tratam-se com o Director de Publicidade: Odilon de Queiroz Jucá;

5) — Toda a correspondencia para a Caixa Postal, 1602, ou rua do Ouvidor, 164.

A Defesa Nacional

GRUPO MANTENEDOR

J. B. Magalhães, T. A. Araripe, Alexandre Chaves (Directores) — Muniz Barreto (repres. naval) — Frederico Duarte (repres. civil) — A. Pamphiro, Mario Travassos, Sayão Cardoso, Bina Machado, Fernando Saboya, Humberto Castello Branco, Bellagamba Sevilha (da Red.) — Toscano, Lage Sayão, E. Dornelles (da Adm.)

CORPO DE REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

E.M.E. — Cap. Pery Bevilacqua
Q. G. 1^a R. M. — Cap. Edgard Oliveira.
D.G. — 1^o Ten. Nilo Chaves.
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.
D. G. I. G. — Cap. Raymundo S. Barros.
Dir. Av. — Cap. Aguinaldo Caiado de Castro.
Ars. Guerra — Ten. Antonio A. Borges.
Fabr. Cartuc. — 1^o Ten. Sebastião M. Barreto.
M.M.F. — 1^o Ten. Sarmento.
S. G. M. — Cap. Heraldo.
E.E.M. — 1^o Ten. Barros de Castro.
E.A.O. — Cap. Octavio Paranhos.
E. P. L — 1^o Ten. Pletz Espindola.
E.Av.M. — Cap. Bellagamba
E.M. — 1^o Ten. Cyro de Rezende.
Alumino João Bina Machado.
E.Int. — 2^o Ten. Ferich.
C.M. — 1^o Ten. Berzelius.
E.S.I. — 1^o Ten. Ignacio Rolin.
1^o R.I. — 1^o Ten. Armando Gonçalves
2^o R.I. — 2^o Ten. Fabio de Castro.
3^o R.I. — 1^o Ten. Barbosa Pinto.
1^o R.C.D. — 2^o Ten. Alfredo A. Silva.

15^o R. C. I. — 1^o Ten. Pletz Espindola.
1^o G.A.Mth. — 1^o Ten. Virgilio de Carvalho.
1^o R.A.M. — 2^o Ten. Antonio H. A. Moraes.
2^o R.A.M. — 2^o Ten. Antonio Marau.
1^o G.I.A.P. — 1^o Ten. João M. Lebrão.
Forte de Copacabana — 2^o Ten. Faria.
Fortaleza Santa Cruz — 1^o Ten. Faustino.
Forte Vigia — Cap. F. Fonseca.
Forte Lage — 1^o Ten. Couto Ramos.
1^o B.E. — Cap. Adalberto Albuquerque.
1^o Cia. F. Viaria — 1^o Ten. Nyelson.
C.C.C. — 1^o Ten. Adalberto Coelho.
1^o Cia. E. — 1^o Ten. Carneiro da Cunha.
F.S.D. — 2^o Ten. Waldemar Fretz.
1^o Cia. Adms. — 2^o Ten. Otton Barbosa.
Regimento Naval — Cmt. Santa Cruz.
Av. Naval — Cmt. Appel Netto.
Flot. Sls. — Cmt. Christiano de Figueiredo.
P. M. D. F — Cap. Souto Mayor.
Club Off. Res. — Cap. Valença.
C. P. O. R. 1^a R. M. — 1^o Ten. João M. Lebrão.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2^a D. I — São Paulo — 1^o Ten. Costa Leite.
Q. G. 3^a D. I. — P. Alegre — Cel. Amilcar Magalhães.
Q. G. 4^a D. I. — Juiz de Fóra — Cap. Pinto Paccia.
Q.G. 5^a R.M. — Curityba — Cap. Aché.
Q.G. 6^a R.M. — Bahia — Cap. Nobrega Filho.
Q.G. 7^a R.M. — Recife — Ten. João Facó.
Q.G. 8^a R.M. — Cap. Veríssimo.
Q. G. Circuns. M. — Campo Grande — Cap. Alcêdo.
Fab. de Polvora — Estrella —
Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima.
C.M. — Porto Alegre — 1^o Ten. Nestor Souto.
C.M. — Ceará — 1^o Ten. Tullio Belleza.
4^o R.I. — Quitaúna — 1^o Ten. Langleberto.
5^o R.I. — II Btl. — Pinda — Asp. Bayard.

6^o R.I. — Caçapava — 1^o Ten. Arlindo Nunes.
7^o R.I. — Sta. Maria — Cap. Frederico Botelho.
8^o R.I. — Cruz Alta — Cap. Juvenal Antunes.
9^o R.I. — Rio Grande — 1^o Ten. Edgard Buxbaum.
10^o R.I. — Juiz de Fóra — 1^o Ten. Armando B. Moraes.
11^o R.I. — S. João d'El-Rey — 2^o Ten. Hugo Faria.
13^o R.I. — Ponta Grossa — 1^o Ten. Leonardo de Campos.
1^o B.C. — Petropolis — 1^o Ten. Bonorino.
2^o B.C. — S. Gonçalo — 2^o Ten. Francisco P. Quedes.
3^o B.C. — Victoria — 2^o Ten. Pio Borges.
4^o B.C. — S. Paulo — 1^o Ten. Saboya.
6^o B.C. — Ipamery — Ten. João C. Gross.
7^o B.C. — Porto Alegre — Cap. Jeronymo Braga.

- 8º B.C. — S. Leopoldo — 2º Ten. A. Vianna.
 9º B.C. — Caxias — 2º Ten. Aveline.
 10º B.C. — Ouro-Preto — Cap. Mariano Chaves
 13º B.C. — Joinville — Cap. Cesar Gonçalves.
 15º B.C. — Curityba — Ten. Domingues do Santos.
 16º B.C. — Cuyabá — 2º Ten. Alves de Lima.
 17º B.C. — Corumbá — 2º Ten. A. Xavier.
 19º B.C. — Bahia — 2º Ten. Joaquim Monteiro.
 21º B.C. — Recife — 1º Ten. Oliveira Leite.
 22º B.C. — Parahyba — Ten. Carvalho Lisboa
 24º B.C. — S. Luiz — 2º Ten. José Maria Rodrigues.
 25º B.C. — Therezina — 1º Ten. Moysés — Cap. Salgado dos Santos.
 27º B.C. — Manáos — Cap. Salgado dos Santos.
 28º B.C. — Aracajú — 1º Ten. Isaias.
 2º R.C.D. — Pirassununga — Cap. Alcides Lauerodó.
 3º R.C.D. — Jaguarão — Cap. Aureliano.
 4º R.C.D. — Tres Corações — 1º Ten. Goulart Bueno.
 1º R.C.I. — Boqueirão — 1º Ten. Ortega Novaes.
 2º R.C.I. — S. Borja — 2º Ten. Anaurelino.
 3º R.C.I. — São Luiz — 1º Ten. Steliano da Costa.
 4º R.C.I. — Sto. Angelo — Maj. Soares da Silva.
 5º R.C.I. — Uruguaiana — Cap. Arnaldo Bitencourt.
 6º R.C.I. — Alegrete —
 8º R.C.I. — Rosario — 2º Ten. Pontes.
 10º R.C.I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
 11º R.C.I. — Ponta Porã — 2º Ten. Henrique Rodrigues.
 12º R.C.I. — Bagé — 2º Ten. Emilio Medici
 14º R.C.I. — D. Pedrito — Ten. Hercio Lemos.
 R.A.Mixto — Campo Grande — Ten. Cid Oliveira.
 4º R.A.M. — Itú — Cap. Manoel Nobrega.
 Ten. Sylvio Flemig.
 5º R.A.M. — Santa Maria — Cap. Léo Cavalcanti.
- 6º R.A.M. — Cruz Alta — 1º Ten. Frederico Droumond.
 8º R.A.M. — Pouso Alegre — 2º Ten. Clovis S. Barros.
 9º R.A.M. — Curityba — 1º Ten. Oscar G. Amaral.
 2º G.I.A.P. — Quitaúna — Ten. Horacio Gonçalves.
 3º G.I.A.P. — Cachoeira — 1º Ten. Orlando Geisel.
 5º G.A.Mth. — Valença — 1º Ten. Figueiredo Cardoso.
 1º G.A.Cav. — Itaqui — Cap. Euclides Sacramento.
 2º G.A.Cav. — Alegrete — Cap. Fabricio.
 3º G.A.Cav. — Bagé — 2º Ten. Balthazar.
 5º G.A.Cav. — Sta. Anna do Liv. — Cap. Americano Freire.
 4º B.E. — Itajubá — Ten. Abreu Sobrinho.
 1º B.F.Viaro — Sto. Angelo — Ten. Paulo Leite.
Forte de Itaipús — 2º Ten. Abelardo Marcondes.
Guarnição de Bello Horizonte — Ten. Coelho dos Reis.
Guarnição de Florianópolis — 2º Ten. Orlando Gómes.
Guarnição de São Gabriel — Cap. Geraldo Da Camino.
Força Pública — São Paulo — Cap. José M. dos Santos.
Força Pública — R. de Janeiro — Cap. Collares Moreira.
Brigada Militar — R. G. do Sul — 1º Ten. Alcindo Nunes Pereira.
 1º Batalhão da B.M. — Porto Alegre — Acácio F. Oliveira.
Força Estadual — Ceará — 1º Ten. R. Jourdan.
Força Estadual — Sta. Catharina — 2º Ten. João Walheimer.
Força Estadual — Matto Grosso — Major Aristides Prado.
 C.P.O.R. 3º R.M. — Porto Alegre — Cap. Salvador Obino.

Director de publicidade

Odilon de Queiroz Jucá

* * * * VENDA DE LIVROS * * * *

1º — Communicamos aos nossos leitores á venda os seguintes livros:

	Preço	Pelo correio mais
— Preparação e mecanismo do Tiro — 1º Ten. Olivio de Oliveira Bastos.	7\$500	— 1\$000
— Conselho sobre a instrução de combate e serviço em campanha — Cap. Araripe	6\$000	— 1\$000
— Orientação em campanha — Cap. Demerval	3\$500	— \$700
— O que é preciso saber da Infantaria, Tradução do Cel. Abbadie pelo Cap. Demerval	6\$000	— 1\$000
— Resumo da Guerra do Paraguai — Cap. Danton	7\$000	— 1\$000

2º — A Gerencia de "A Defesa Nacional" incumbe-se da venda de livros militares mediante condições a combinar com os autores interessados.

3º — Facilitaremos aos nossos assignantes a obtenção de quaisquer livros militares á venda nas livrarias do Rio de Janeiro mediante a taxa de 1\$500 para registo e expediente. — A quantia correspondente deverá ser remettida adiantadamente em vale postal.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — J. B. Magalhães

Secretario — T. A. Araripe

Gerente — A. Chaves

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XVI

RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1929

N. 184

EDITORIAL

O MOMENTO MILITAR ACTUAL

Os progressos continuamente crescentes das industrias aggravam cada vez mais a situação dos povos em relação á guerra, impondo-lhes a necessidade de medidas de previsão dia a dia extensas.

Para bem se avaliar da importancia das medidas de precaução a tomar basta termos em conta, entre outras cousas não menos interessantes, as possibilidades da aviação actual que permitem levar a aggrassão ás mais profundas regiões de um paiz, aos seus proprios centros vitaes, ás suas linhas de comunicações, causando serios prejuizes materiaes, perturbando o curso normal dos acontecimentos e abalando seriamente o moral das populações; ter em conta a extensão que pôde tomar a guerra chimica, desencadeada por um povo qualquer pouco disposto a sacrificar o que julga serem seus interesses ás sadias idéas humanitarias; e considerar a rapidez, a quasi instantaneidade, com que estes e outros meios de destruição podem ser postos em acção. Vê-se assim a importancia de se estabelecer uma previsão que comporte medidas a adoptar cuidadosa emeticulosamente estudadas.

A segurança das nações não exige por isso que vivam elles permanentemente em pé de guerra, em estado de extrema tensão, o que seria em pouco tempo, a fadiga, o esgotamento, a ruina dellas. Mas impõe que se precavenham, sem nada descurar porque sobrevinda a guerra não haverá tempo de organizar os meios de luta e de polos em acção, se tudo não estiver preparado.

A Grande Guerra apresentada ás vezes; sem razão, como exemplo para provar a desnecessidade de preparação meticulosa e completa por causa dos exemplos inglez e americano, ao contrario, attenta esta necessidade, desde que se considere o que teria advindo se a França não dispuzesse, desde o inicio das hostilidades, de meios capazes de conter os allemaes cerca de 2 annos quasi sem o auxilio dos outros paizes.

A segurança de uma nação basta que tenha ella prompta a entrar immediatamente em acção parte de suas forças e preparadas para serem rapidamente utilisaveis as restan-

tes conforme planos de utilisação logicamente estabelecidos. Quaesquer descuidos, porém, havidos nestes assumptos serão avaramente pagos, si a guerra os surprehender.

E' preciso, então, ter em armas a força suficiente para conter as primeiras aggressões inimigas durante o tempo necessário a que as demais forças nacionaes possam transformar suas actividades pacificas em actividades guerreiras; possuir todos os elementos capazes de adextrarem a nação para o exercicio dessas actividades guerreiras e de prepararem as condições de sua entrada em acção em tempo util.

Nisto consiste, em resumo, o que se pôde chamar a preparação de uma nação para a eventualidade de uma guerra, sem que importe em desejar e estimular esta. Tal preparação é da responsabilidade natural dos elementos dirigentes do paiz; a technica seguida, os methodos e processos adoptados cabem aos orgãos militares que existem com carácter permanente.

Isto importa em dizer que o papel do Exercito e da Armada em relação á preparação da guerra consiste em indicar as medidas que se devem adoptar para assegurar a defesa do paiz e em industrializar conforme os recursos de que dispuzerem, cada qual em sua esphera de acção os elementos nacionaes de acordo com a utilisação que para elles fôr prevista.

+ + +

A primeira condição que o Exercito tem a preencher para cumprir sua missão, é saber. Esta noção, bem comprehendida e sentida há dezeseis annos passados pelos que fundaram esta Revista, traçou em parte a orientação até aí mantida pelos que os sucederam.

Em nosso meio estava perdida a noção das necessidades da guerra. Povo e exercito já não estavam em relação aos progressos da arte da guerra e de sua preparação realizada por outros povos, estacionarios. Continuamente distraídos por problemas sociais e economicos (como o da es-

cravidão) e por problemas políticos a resolver (como os da consolidação do Império e o da República) não se apercebiam da evolução que se operava em outros povos onde os problemas da guerra eram mais prementes. A índole pacífica de que é dotado o povo e a situação continental eram outros factores também poderosamente influentes para este estado de causas de que não se apercebiam os directores de nossa conducta política.

Formaram-se dess'arte uma mentalidade rostil aos encargos de ordem militar, no elemento civil; e uma mentalidade imprópria às necessidades da guerra, incomprendidas pelo elemento militar, e a qual se revelava em hábitos e costumes milicianos ou inadequados a um exército moderno. Nenhuma previsão de guerra.

Assim se apresentava o nosso problema. Para resolvê-lo era preciso operar uma transformação radical nos espíritos e fazê-lhos compreender, sentir as necessidades e tornal-os capazes de as ajuizarem em justo valor.

A transformação deveria, então, começar pelo próprio Exército a quem cabe a missão de ter em dia as causas relativas à guerra, notadamente à sua técnica...

Actuou, portanto, nossa Revista tendo por principal escopo o problema da instrução no Exército contribuindo para dar-lhe consciência de suas finalidades e responsabilidades constitucionais.

O progresso obtido de inicio foi relativamente rápido. O momento era opportuno, a reforma iniciada com a ação de Mallet no M. G. havia produzido seus frutos. Os elementos mais jovens a quem uma formação mais apropriada favorecia, colaboravam quasi todos ardenteamente para a transformação que se encetava e a qual não era estranha a influência de Rio Branco.

O progresso foi continuado até que não mais era possível avançar senão com extrema lentidão porque não dependendo apenas da ação jovens, apresentavam-se sérias resistências a vencer. Era preciso actuar sobre elementos de ordem mais elevada e modificar hábitos e costumes largamente inveterados.

Não mais satisfaziam as alterações obtidas em questões de pormenores e, para continuar a haver progresso real eram necessárias modificações radicais na constituição mesma dos elementos fundamentais, notadamente dos quadros. Fez então, nossa Revista grande campanha em prol de uma nova lei de promoções que chegou a repercutir no Congresso onde apareceu um projecto, e que não teve andamento.

* * *

Ao mesmo passo que assim se procedia e comprehendendo a extrema lentidão de uma evolução exclusivamente levada a effeito com os próprios recursos, fazia-se no Exército intenso trabalho em prol do contracto de uma missão estrangeira.

Esperavam-se grandes resultados. Havia a este respeito a experiência dos países vizinhos já organizados militarmente.

A guerra pôz termo ás discussões em torno da nacionalidade da missão. Foi feito contracto com os elementos do Exército Francez.

Actuando, porém, somente através das escolas, onde apenas ingressavam voluntariamente os elementos menos collocados na escala hierárquica, sem nenhuma influencia prática nos accessos dos postos, sua ação, meramente técnica, não tem produzido todos os resultados desejados.

Comtudo, novo e considerável lanço para a frente desde logo se manifestou. Deu-nos ella uma doutrina de guerra, traduzida em regulamentos de armas e serviços que ensinou interpretar aos que passaram por suas escolas.

Mas esse maximum assim attingido representa de facto um valor latente e muito reduzido em comparação do que devia ser obtido.

* * *

Resta ainda a operar um trabalho de reeducação, de reforma de hábitos e costumes, de mentalidade, de modo a que se traduza por práticas costumeiras e generalisadas a assimilação das doutrinas regulamentares.

Não basta conhecer os regulamentos, ter ciência de sua existencia, é preciso saber cumpril-os. E cumpril-os.

O resultado total neste sentido só pode ser obtido depois que uma reforma dos processos de promoções assegure uma constituição normal dos quadros; e depois que a organização e o pleno funcionamento dos E. M. proporcionem aos chefes meios de exercerem ação continua e coordenada, sempre conforme com os progressos que houverem sido já realizados.

Mas até lá muito pôde contribuir a ação de cada um em sua esfera individual para que se vá transformando cada vez mais o ambiente. Essas ações mesmo apparentemente isoladas, a despeito de contrariedades e de decepções, irão a pouco e pouco reagindo e cada vez mais operando a transformação. E a prova temos no que já foi feito até agora. Preciso, portanto, é coitinar; mas agora, que os regulamentos de armas e serviços já existem, no sentido francês da reeducação dos hábitos e costumes pela prática, mais fiel possível, desses mesmos regulamentos, numa tendência cada vez mais accentuada para pureza e a verdade das causas.

E esse trabalho realizado, haverá, então, facilidades bem maiores para obter o resto. O Exército não mais se apresentará por certos de seus individuos, em público: e sim pelos seus órgãos os mais legítimos e naturaes com plena responsabilidade. Haverá um prestigio normal e valioso sem o qual difficilmente encontrarão solução as necessidades da defesa nacional.

Elle, operando como reagente e estimulante deve ter a energia necessaria e essa energia é seu proprio valor real.

MARECHAL FOCH

"Les formes évoluent, les principes directeurs subsistent". — FOCH.

"La victoire est aux armées qui manœuvrent, c'est à dire, qui sont les plus instruites."

Chaque jour davantage elle réclame de tous le "Savoir". — FOCH

A figura majestatica do Grande Marechal da Victoria projectou-se sobre o mundo inteiro em toda sua grandeza por occasião de seu passamento, isto é, de sua entrada triumphal no mundo da immortalidade.

Nós não podemos deixar de registrar em nossas paginas a repercussão desse acontecimento de tão alto relevo. Além dos serviços de ordem geral que todos lhe devemos por ter dirigido as hostes victoriosas da segunda batalha do Marne, da admiração que lhe consagramos pelo seu saber, que soube tão bem transmittir e fazer fructificar, ha a influencia de seu genio constituindo como que a solida base de nossa cultura profissional.

A doutrina de guerra que professamos, o metodo porque tratamos os phenomenos da guerra, aqui trazidos por Gamelin e os officiaes M. M. F., assentam nas formidaveis lições da historia que Foch interpretou e que ensinou a interpretar. Nada ha de novo a acrescentar ás suas obras *"DES PRINCIPES DE LA GUERRE"* e *"DE LA CONDUITTE DE LA GUERRE"*, a tal ponto são elles claras, verdadeiras e precisas. Elle applicou nos pontos de luta que ocupou os principios, methodos e conselhos que apregoou. Verificou-os sob varias fórmas e em diversos escalões do comando. Vio-os aplicar com maestria e sucesso por seus discípulos e tambem poude verificar que eram logo castigados por cahir em situações de graves consequencias ou em erros irreparaveis, aquelles que os despresavam.

E com isso deu-nos mais uma de suas soberbas lições: a confiança que devemos ter em nossos principios e o criterio com que devemos segui-los.

E não só. A propria carreira militar de Foch, a sua impeccavel condutca de soldado moderno, que *nenhuma seduções* jamais conseguiram desviar, toda sua vida, emfim, deve constituir motivo de meditação para nós.

"A Defesa Nacional" rende suas homenagens do grande soldado e pensa não poder fazê-lo de forma mais expressiva que reproduzindo as palavras que sobre elle proferiu o Sr Gen. Spire Chefe da M. M. F. e que trascrevemos, data venia, de *"O Jornal"*:

— "A vida de Foch é simples e bella como tudo o que é grande.

Resume-se nestas simples palavras — ser à patria com todo o seu coração, toda a sua

intelligencia, toda a sua energia. Para conseguil-o — Foch em tempo de paz foi um homem de estudos. Assim preparou-se para a accão.

No tempo da guerra foi um homem de accão. Assim preparou-se para a victoria.

Reflectiu profundamente sobre todos os problemas da guerra, estudou todas as campanhas dos grandes capitães e assim deduziu os grandes principios que são a essencia da sua doutrina de guerra. Os acontecimentos de 1914 encontraram-no preparado; apesar de sua grande modestia.

Patenteava o seu valor nos ensinamentos magistraes do seu curso na Escola de Guerra.

Deante do inimigo esse valor, brilhou aos olhos de todos de forma indiscutivel, tanto que, desde os primeiros acontecimentos a sua personalidade destacou-se para o primeiro plano.

N A G U E R R A — Commandava um corpo de exercito no momento da mobilização, elle, um mez mais tarde commandava um destacamento de exercito, depois um exercito cumprindo-lhe supportar, na batalha do Marne, o choque dos exercitos allemaes no ponto em que elles desenvolveram o seu maior esforço.

Desde então e durante todo o periodo da guerra, ora como delegado do commandante em chefe, ora como conselheiro technico do governo, elle aparece onde quer que o perigo se fazia sentir mais intenso, onde havia mistér de uma decisao difficult, até o dia emfim que, pelo consentimento geral, sem distincão de nacionalidades foi investido do commando supremo dos exercitos alliedos.

Desde esse dia a victoria acampou entre os Aliados.

Foch imprimiu ás operaçoes dos ultimos mezes um vigor até então desconhecido. Vibrando um golpe no inimigo elle preparava logo o seguinte, aos ataques succediam-se os ataques, até o dia em que o adversario, tendo esgotado todas as suas reservas, viu-se constrangido a uma retirada precipitada, a uma verdadeira derrocada, e emfim ao pedido de armisticio — unico meio de poder salvar alguma coisa da catastrophe. Foch grande pensador militar, grande chefe de guerra, permanecerá como uma das figuras dominantes da historia. Personificou a Vontade servida pela Intelligencia.

O problema da Defesa Nacional

Pelo Dr. CARLOS SAMPAIO
(Antigo Prefeito do Distrito Federal)

N. R. — Publicamos abaixo um artigo da autoria do Dr. Carlos Sampaio, publicado em O Jornal, desta Capital.

Sem dúvida incompleto e encarando apenas alguns traços do problema, tem para nós sobretudo, a grande importância de revelar mais um sinal do despertar das atenções das nossas élites para tais assuntos, os magnos assuntos da Pátria.

Este primeiro passo dado, isto é, o interesse das cogitações sobre as questões da defesa nacional despertado ao nossos homens de inteligência e de cultura, essa inteligência e essa cultura chegarão facilmente a atinar com as necessidades e os meios fáceis de fazê-las.

O difícil não é aqui resolver as questões e sim fazê-las conhecidas d'aqueles que devem solucionar.

Felizmente há, actualmente, um movimento salutar em nossas élites.

Transformer nos soldats français, d'abord en soldats de guerre civile chez nous, ensuite, en soldats au service de la révolution mondiale, c'est-à-dire en gardes rouges au service de la III^e Internationale. C'est un pacifisme étrange qui présente les aspects les plus affreux du bellicisme, un pacifisme à rebours, dont vous devinez tout de suite les conséquences immédiates: la rébellion, la désertion, l'avilissement de la conscience nationale, la déchéance de la patrie." — Chiaffe, Prefeito da Policia de Paris — Discurso proferido em 30 de dezembro de 1928.

Preparar a Nação para se desenvolver e progredir, provocando por essa forma a cobiça dos povos em que o imperialismo do capital ou do operariado ainda não desapareceu nem "talvez" desapareça, sem salvaguardar-se a própria existência com os elementos de defesa indispensáveis, — é condenar a nossa pátria a um insucesso lastimável e desastrado.

O estado inquietante em que se encontra o mundo inteiro, em que o desarmamento de cada nação é limitado pelas necessidades da sua defesa, mostra claramente quanto longe estamos do ideal de paz almejado por todos, em todos os tempos e em todas as épocas.

Acabar, porém, com as guerras entre povos, aticar, com mais fervor as guerras civis e especialmente entre classes, todas estas essenciais ao desenvolvimento e ao progresso dos povos, é evitar um mal menor para alimentar e acuar um cataclisma que acabaria por destruir a civilização.

Por outro lado, cada nação quer reservar para si o direito de determinar o limite do seu desarmamento, função do seu coeficiente de segurança na defesa, conforme o seu caso particular, umas julgando indispensável um exército formidável, patente ou em forma potencial, outras só se considerando seguras com um certo "standart" do seu poder naval; outras ainda, recorrendo ao poder submarino ou ao aéreo; e, se se observa a maneira por que todas se aplicam à descoberta de novos meios de destruição, ou de aperfeiçoamento dos existentes, cada vez mais formidáveis e mortíferos, sente-se uma tristeza infinda ao contemplar o que se passa no nosso paiz especialmente em relação às questões de Marinha e Aviação.

Paiz com uma imensa costa e com grandes rios navegáveis que invadem o seu interior nas zonas as mais ricas, não se pode compreender a verdadeira incuria em que se acha nossa Armada outrora tão brilhante e respeitada. E' de pasmar até como o Brasil sustenta uma comissão naval americana de efeitos uteis incontestáveis e indiscutíveis, este bem organizado preparo da nossa ilustra e dedicada oficialidade só serve para desmoralizar os nossos officiaes e os fazer abandonar a carreira pela crença e desesperança de ver melhorar um estado de coisas, que se lhes revela cada vez mais calamitoso á medida que seu espírito vai sendo esclarecido com os conhecimentos que vão adquirindo na Escola Superior de Guerra ! !

Admira mesmo que se continue a dispender nas obras do dique da ilha das Cobras onde já se gastou cerca de uma centena de milhares de contos, ainda muitos outros milhares com a pretenção de se construir ali um Arsenal que nunca conseguiria ter área suficiente, que, mesmo com o mais modesto objectivo de ser uma officina de reparações, nada mais tem de reparar quando concluído, por falta de "navios" a serem concertados, tal o estado em que então se devem achar as nossas unidades de guerra quando menos não seja por se ter tornado obsoletas ? !

SOLUÇÃO NATURAL

Pois não era mais natural reservarem as avultadas sommas que se gastam em obras de utilidade discutível, em concertos de navios já condenados e no incremento assombroso do nosso funcionalismo público, para constituir a base, como serviço de dívida, de uma operação financeira que nos permitisse a realização de um programma naval previamente estudado e debatido?

Não se teria mesmo a probabilidade, se a certeza, de que os grandes constructores e vales dos diversos países estariam dispostos concorrer para pôr em obra a execução do plano mediante o pagamento em títulos do governo

brasileiro emitidos exclusivamente para esse fim, tal emissão sendo subscripta por esses constructores os seus banqueiros e auferindo juros somente depois de utilizados os respectivos títulos nos pagamentos que forem executados.

No próprio orçamento da Marinha se encontrariam verbas que mais utilmente seriam aplicadas nesse serviço da dívida contrahida.

Por outro lado, a Marinha mercante, que, durante a Grande Guerra, se mostrou um auxiliar indispensável da Marinha de Guerra, devia estar sob a jurisdição do Ministério da Marinha, tornando-se uma fonte de renda, e não um sorvedouro, dos dinheiros públicos e constituir uma escola prática para os nossos oficiais subalternos cuja promoção deveria depender do estádio que aí fizessem.

Para tudo isso, porém, é necessário muito e muito patriotismo e uma melhor compreensão da parte de alguns de nossos oficiais fe-

lizmente em muito pequeno número, de, que as armas que a Nação lhes confia não devem em caso algum ser empregadas contra a própria nação.

Nós também estamos destinados a ser uma grande potência e devemos nos mirar no espe-
lho da figura infra que é o gráfico que mos-
tra as despesas navaes das grandes potências
em 1914 e de 1929.

Não é da Argentina, nem do Chile, nações com as quais devemos, ao contrário, manter as melhores relações, que nos podem vir re-
ceios, e sim antes de outros lados que nunca podem ser previamente conhecidos, porque a
história política dos povos é cheia de surpresas.

Uma nação de riquezas naturais tão varia-
das e abundantes e que, portanto, tem sobre si
os olhos de todos os grandes países, não pode
descuidar de um problema que é incontestavel-
mente o "sine qua non" da sua independência
e por consequência da sua própria existência.

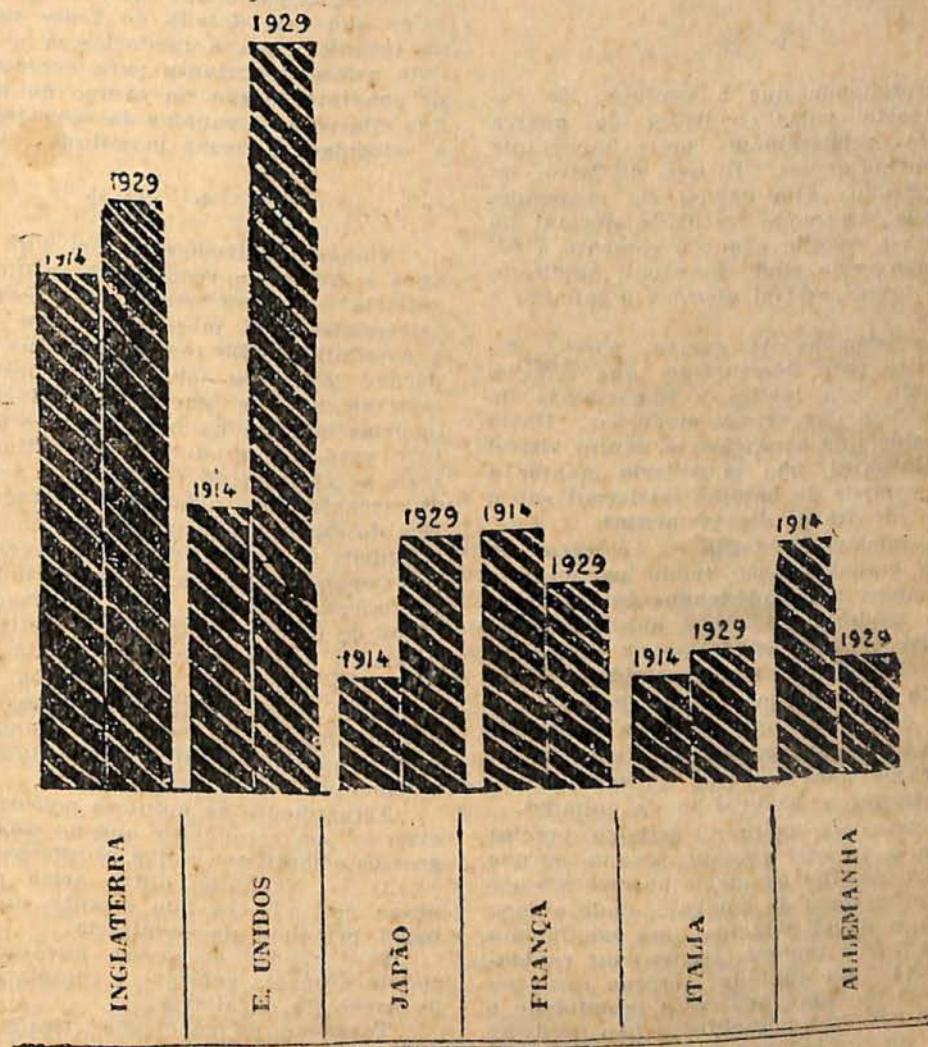


Gráfico demonstrativo das forças militares das seis maiores potências do mundo

O PAPEL DA CAVALLARIA E SUA ORGANISACAO

Condições peculiares ao Brasil

Pelo MAJOR LAPERCHE

(Da M. M. F. e professor da E. E. M.)

A Guerra, que trouxe grandes modificações na organização e nos processos de combate de todas as armas, determinou uma transformação particularmente importante na composição e na maneira de operar da cavallaria.

E', então, interessante ver quaes são as opiniões geralmente admittidas em relação ao emprego da cavallaria actualmente e salientar, o que representa um valor especial para nós. quaes são no Brasil as condições particulares que cream, para seu emprego, a PROPRIA NATUREZA DO PAIZ e o caracter de sua utilização eventual.

* * *

Não surprehende que a evolução da cavallaria, imposta pelas condições da guerra moderna, seja relativamente mais importante que a das outras armas. E' que, de facto, em todos os Exercitos, ella entrou em campanha crente de que seu modo de accão normal no combate seria a cavallo e que o combate a pé, pelo fogo, não seria sinão eventual, applicado quando não fosse possível abordar o inimigo a arma branca.

Algumas semanas de guerra, porém, foram bastantes para demonstrar que não se havia avaliado com justiça a importancia da potencia de fogo das armas modernas. Havia se desconhecido que a cavallaria, muito visivel e muito vulneravel, não se poderia manter a cavallo nos campos de batalha modernos sob o fogo, mesmo de fracos destacamentos.

Então, iniciou-se desde o começo da guerra uma transformação tendo por objecto dotal-a de meios mais adequados ás condições do combate moderno, pondo á sua disposição uma potencia de fogo conforme ás exigencias desse combate. Era uma necessidade absoluta revelada em todas as fontes. Fazia-se indispensável que ella fosse tambem capaz de combater a pé com efficacia, dispondo de fogos poderosos para quebrar as resistencias, deter ou retardar a progressão do inimigo.

Mas, armando-a melhor, fazia-se preciso evitar tornal-a excessivamente pesada porque se era preciso dar-lhe os meios necessarios aos seus novos progressos de combate, onde o fogo representava o papel principal, era igualmente necessário que ella pudesse transportar rapidamente e atravez de qualquer terreno seus poderosos meios de fogo, utilizar a mobilidade e a velocidade em suas manobras e não perdesse a faculdade de combater a arma branca. Esta ultima eventualidade continuava a poder se apresentar para certas unidades, conforme o terreno e outras circumstancias.

Assim foi que se manifestaram certas modificações em seu armamento e em sua organização, definindo uma evolução que continuou e continuará sem cessar acompanhando os progressos que forem effectuados na fabricação do material de guerra.

A cavallaria é uma arma que sofre mais que qualquer outra a influencia das melhorias introduzidas no armamento, porque ella tem necessidade de possuir engenhos poderosos, mas leves e sob a forma mais manejavel, sem o que não poderá cumprir suas missões efficazmente. O papel que ella tem a desempenhar exige que seja dotada de todos os progressos da technica, que a modernisem e aperfeiçoem num esforço constante para accrescer o poder de sua intervenção no campo de batalha, sem que ella perca a rapidez de seus deslocamentos, a velocidade de suas manobras.

* * *

Numerosas discussões têm sido sustentadas após a Guerra a respeito da utilidade da Cavallaria e de seu papel. Por vezes, theorias extremistas têm mesmo chegado a negar-lhe a possibilidade de ter emprego na guerra moderna. Apoiados sobre conclusões tiradas exclusivamente da guerra de trincheiras, tais theorias incidem na falta de se crer quē o futuro verá a reprodução da ultima guerra e mais se afastam da realidade si se consideram as extensões dos theatros de operações da America do Sul que não permitem encarar a eventualidade de uma guerra sob aquella forma.

Constata-se, aliás, de outro lado que estas polemicas tornam-se cada vez menos intensas e que de todas as reflexões por elles suscitadas resalta a formação de uma opinião geralmente admittida por todos que estudam, com imparcialidade, o conjunto das operaçoes effectuadas em todas as frentes da Grande Guerra e com o mesmo espirito colhem tambem os ensinamentos de suas campanhas.

Actualmente as opiniões concordam, a bem dizer-se, em reconhecer que no estado dos progressos scientificos e dos progressos materiais:

1º — Nenhuma outra arma pode incumbir-se das missões que sempre constituiram o papel principal da cavallaria;

2º — Todas as armas novamente creadas podem e devem reforçar e completem os meios de accão da cavallaria.

Tais são as conclusões tiradas das experiências da Guerra maduramente estudadas em todos os exercitos e tais são os principios que orientam o trabalho relativo á transformação da cavallaria. Apenas modalidades de

execução aparecem naturalmente relativas aos diversos exercitos, em vista das peculiaridades proprias aos diferentes paizes quer de ordem puramente militar, quer de ordem politica ou financeira.

A idéa de que nenhuma outra arma pode preencher o papel da cavallaria, e que nenhum duvida deixa aos que conhecem os processos de accão desta arma, é das que mais duvidas levantam entre os que não têm estudo por menorisadamente o caracter particular das missões que lhe são confiadas e o modo porque a cavallaria as cumpre. Taes modo de vêr assentam sobretudo na contemplação dos progressos realizados pela aviação e na adaptação do automovel como material de guerra, fazendo surgir a idéa de uma substituição vantajosa da cavallaria por estas novas armas.

No que se refere á aviação, é natural que se imagine que ella pode com proveito substituir a cavallaria, notadamente na procura de informações, o que é proprio d'esta ultima em todas as operações e que particularmente constitue uma das suas missões capitais — a exploração. Mas é sufficiente considerar-se a natureza das informações que uma e outra arma fornecem, para se constatar que elles se completam, não se contradizem e que, portanto, no estado actual das cousas, uma não pode substituir a outra.

Observe-se ainda que a cavallaria é tambem capaz de fornecer as informações que a aviação vae procurar ao longe, mesmo colhidas na zona de retaguarda do inimigo, enquanto que a aviação não é apta a desvendar os movimentos que este faz á noite ou em tempo brumoso, a desmascaral-o quando elle se sobre contra as vistas aereas. Em taes casos só a cavallaria, que opera no solo, pode descobrir o inimigo, tomar-lhe o contacto, seguir passo a passo seus movimentos.

Sem querer mais insistir, podemos concluir este assumpto assignalando que cada uma destas duas armas tem suas aptidões especiaes e fornece informações de ordem differente. A aviação, com seu grande raio de accão e a rapidez na transmissão das informações, é a arma dos reconhecimentos de grande alcance, os quaes a cavallaria só tem podido realizar em condições bem inferiores.

Ao contrario, colher informações negativas certas ou mesmo positivas sob qualquer tempo, em qualquer terreno, mesmo coberto de mato, fazer prisioneiros, conhecer graças á manutenção do contacto, em todos os insanes, a situação do inimigo, são resultados proprios somente á cavallaria. Em outras missões, em que a procura da informação não é o principal objecto, muito menos ainda poderá a aviação pretender substituir a cavallaria. E, pois, totalmente erroneo querer oppor uma a outra e fazê-l-as rivais: ellas se completam e não podem substituir-se mutuamente.

Os detractores da cavallaria têm igualmente preconisado, para cumprir suas missões, a substituição mais ou menos radical das divisões de cavallaria por unidade de infantaria transportada em caminhões e dotadas do armamento adaptado sobre material automovel.

Ainda aqui podemos verificar que as conclusões exageradas decorrem de um estudo muito superficial tirando falsos ensinamentos da guerra de trincheira, esquecida das experiências da guerra de movimento, ainda a unica forma normal da guerra, que fornece fartos argumentos em favor da importância do papel da cavallaria, particularmente nos paizes como o Brasil. E, porém, interessante constatar que os mais fervorosos partidarios do motor pertencem aos paizes que encaram o desenrolar das operações eventuais de seus exercitos em regiões onde as vias de comunicação numerosas e excellentes permitem uma circulação intensa de automoveis e cujo terreno muito cortado e coberto offerece poucos espacos livres apropriados ao desenvolvimento das actividades da cavallaria. Ao contrario, nos exercitos que encaram o desenvolvimento das operações em theatros economicamente pouco desenvolvidos, possuindo uma rede de estradas de construção sumaria e pouco extensa, não se põe em duvida o valor da arma de cavallaria, observação esta que á particularmente interessante para o Exercito Brasileiro.

Aliás devemos assignalar que todas as experiências que têm sido feitas, a titulo de estudo, após a Guerra, para se aquilatar a capacidade das grandes unidades automoveis para as missões de cavallaria, não têm dado, mesmo nas regiões favoraveis, resultados satisfatórios. A minima perturbação lançada pelo inimigo numa columna automovel entra-lhe consideravelmente a marcha e mesmo corre ella o risco de paralizar-se. Além disso, não existem meios motorizados que permittam em qualquer terreno, informar e cobrir as unidades automoveis em movimento.

Mas, si nenhuma das novas armas pode substituir a cavallaria todas as novas realizações devem vir completal-a e reforçal-a, tornal-a mais efficaz, continuando a evolução iniciada desde o começo da Grande Guerra.

Hoje, a cavallaria não pode mais desempenhar seu papel, cumprir suas missões, sem se aperfeiçoar incessantemente, aproveitando-se dos progressos technicos diariamente realizados, em vista das qualidades que o desempenho de taes missões exige.

Quaes são, com effeito, as qualidades que della reclamam as missões a desempenhar? Grande mobilidade, poderosa força de fogo, velocidade e habilidade equestre.

Estas condições são contradictorias. Si se quer dotal-a de meios de fogo poderosos, corre-se o risco de sobrecarregar demasiadamente os cavallos, de tornal-a pesada a assim não se obter mais que uma infantaria montada, tornando-a incapaz de preencher o papel que se lhe pede. Si, ao contrario, quer se lhe conservar toda sua mobilidade, toda sua aptidão á velocidade, corre-se o risco de não obter senão uma potencia de fogo demasiadamente reduzida.

Allar, em justo equilibrio, os meios que lhe permittem agir pela força e pela surpresa, eis em que consiste, portanto, todo problema

proposto aos que têm a responsabilidade de sua organização.

Aproveitando os progressos realisados pela industria do armamento e do material de guerra, os diferentes paizes, conforme as intenções e as condições que lhes são peculiares, têm dosado em proporção variável a introdução das armas novas nas grandes unidades de cavalaria.

Uns, em vista de condições financeiras e da redução do tempo de serviço militar, procuram diminuir o numero de suas unidades a cavalaria, unidades custosas e que requerem um tempo mais longo para uma instrução completa dos homens que as outras.

Tal conducta lhes é facilitada quando, como vimos, seu desenvolvimento económico e sua situação militar lhes facultam appellar para a intervenção em maior escala da tracção automovel.

Outros, inversamente, razões de ordem contraria conduzem a não diminuir mas até a aumentar os efectivos das tropas montadas.

Mas quaesquer que sejam as soluções adoptadas pelo diversos paizes para a organização de suas grandes unidades de cavalaria, os principios admittidos nos seus exercitos são os mesmos: dispor de meios necessários para dominar pelo fogo os efeitos do fogo inimigo que se oppõem á cavalaria no cumprimento de suas missões; ter uma mobilidade bastante para permitir-lhe, por movimentos rápidos e flexíveis, conduzir o mais perto possível do inimigo seus meios de acção; e, enfim, conservar aos cavaleiros a leveza e a habilidade indispensáveis para poder manobrar e eventualmente atacar a arma branca.

Resumindo, a transformação capital operou-se por um accrescimo considerável em seu armamento, salvaguardando-se no maximo suas antigas propriedades de velocidade e de "aliante". Ela precisa com efeito continuar a ser audaciosa, mantendo suas qualidades especiais, as que se vem ajustar uma potencia de fogo que no combate a pé lhe concede uma força, tornando sua intervenção comparável á da infantaria.

Defendemos-nos, porém, da idéa, que é preciso combater com grande cuidado, de que a cavalaria desceu em nossos dias á condição de mera infantaria montada. Nada existe de mais falso. A principal de suas propriedades continua a ser a aptidão ao movimento, a mobilidade, a facilidade em seus deslocamentos, a velocidade de suas manobras, sem as quaes ella perde a razão de existir. Pode-se-lhe hoje atribuir, desde que ella apeie, um papel analogo ao do infante, mas o cavaleiro se distingue porque seu cavalo permite-lhe infiltrar-se rapidamente pelo terreno, utilizando os melhores caminhamentos para chegar de surpresa até onde se acha o inimigo. Uma cavalaria que apeiasse aos primeiros tiros de fuzil adversários daria uma prova grave de incompreensão de seu papel. O que justamente a distingue das outras armas é esta aptidão em escapar-se bastante a tempo, tanto tempo quanto possível, aos efeitos do fogo inimigo; em não

engajar o combate a pé senão quanto já alcançou as ultimas cobertas que a separam do inimigo, quando não lhe é mais possível progredir a cavalo; em romper bruscamente o combate para ir, graças aos seus cavalos, levar a outro ponto o poder de sua acção. De uma semelhante acção só ella é capaz com a condição, porém, de conservar todas as qualidades equestres. Só ella tem sobre todas as outras armas essa superioridade de mover-se com velocidade em terreno variado permittindo-lhe aproveitar as mascaras e cobertas para manobrar até a immediata proximidade do inimigo.

Sem querer prejulgar vãmente, podemos dizer que será preciso ainda muito tempo para que os progressos a se realizarem permittam ao automovel e ao tank mover-se com a mesma agilidade da cavalaria em todos os terrenos e assim poder chegar de surpresa ás bordas do inimigo. Actualmente o caminhão automovel deve deter-se desde que chegue á zona em que pode ser alcançado pelo fogo inimigo; o tank continua a ser uma arma para o ataque inapta porém, para as acções isoladas ou longínquas.

Assim o objectivo a alcançar, com a transformação da cavalaria, consiste em fazê-la evoluir mantendo todas suas tradicionaes qualidades que elevam ao maximo sua potencia. Suas oportunidades de acção acham-se multiplicadas e suas acções ganham a força que lhes fazia falta sem perder a faculdade do efeito de surpresa que lhes dá um valor primordial.

Esta força nella se accresce cada dia mais pelo augmento de armamento: — metralhadoras pesadas que são bem as armas especialmente apropriadas ás operaçoes da cavalaria em suas acções de surpresa e sobre grandes frentes; metralhadoras leves para o combate approximado; pelos canhões de sua artilharia a cavalo; e tambem pelo reforço de suas divisões com infantaria tornada o mais móvel possível

Sua mobilidade, ella a conserva graças aos cuidados pelo valor de seus cavaleiros e de seus cavalos. Augmenta, ainda seu raio de acção e a rapidez em manobrar pela adjuncção de elementos de aviação ás suas grandes unidades.

* * *

Assim, em vez de a encontrarmos diminuída em seu papel e substituída por novas armas, vem-l-a, ao contrario, conservando toda sua importancia anterior e evoluindo, adquirindo um novo valor pelo aproveitamento dos progressos que diariamente se realizam.

Pelo facto, porém, de se haver tornado mais complexa, de se haverem multiplicado suas oportunidades de intervenção, sua organização material e sua instrução exigem aperfeiçoamentos e cuidados ainda maiores que outr'ora. O official e o cavaleiro devem possuir hoje conhecimentos mais extensos, porque lhes é indispensável assimilar em grande parte conhecimentos proprios ás outras armas, sem prejuizos dos estudos e aptidões particulares da cavalaria.

Si de facto tornou-se seu combate normal, o combate pelo fogo, não é menos evidente que todas as missões de cavallaria comportam uma proporção de manobras e operações a cavalo que na maioria dos casos representam a maior parte de seu trabalho.

Por isso em todos os exercitos admittese que unidades de cavallaria mais ou menos importantes, conforme as opiniões dominantes no paiz, terão ainda occasões de atacar o inimigo a arma branca, occasões estas para o Brasil tanto mais provaveis quanto são ellas favorecidas pela extensão dos theatros de operações que offerecem vastos terrenos livres e favoraveis ás acções por surpresa.

E' necessário, então, desenvolver a habilidade equestre, o espirito cavalleiro, l'entrain e l'allant, que só se adquirem por uma instrução a cavalo muito cuidada e desenvolvida.

Emfim, o cavalo, que precisa ser capaz de fazer, sob uma grande carga, longas marchas e movimentos rápidos, em andaduras vivas através de qualquer terreno, não poderá corresponder a estas duras exigências se a cavallaria não continuar a cuidar de sua remonta tanto quanto no passado, ao menos, e do mesmo modo não se esmerar pelo ensino dos seus cavalos e a perfeição de seus arreiamientos.

Em resumo, todos os exercitos trabalham actualmente pela evolução e pelo aperfeiçoamento de suas cavallarias, porque sua tarefa que sempre foi delicada e difícil tornou-se na guerra moderna mais complexa. Assim, ella que foi sempre delicada e difícil de empregar, requer agora, que se tornou uma arma de possibilidades de acção tão diversas, uma aptidão maior e conhecimentos mais extensos aos que têm as responsabilidades de a organizar, de a instruir e de a commandar.

Mas, ninguém põe em dúvida que o papel de uma cavallaria instruída, equipada e comandada a moderna, conserva toda sua importância preponderante e merece uma atenção muito especial.

II — CONDIÇÕES PECULIARES AO BRASIL

Cada paiz tem suas características próprias: sua geographia phísica, sua situação política, seu desenvolvimento económico, etc. Todos estes elementos reagem sobre a organização dos exercitos e particularmente exercem considerável influencia sobre a importância e a organização da cavallaria.

O Brasil possui um imenso território com fronteiras muito extensas. Em razão nessa mesma grandeza não pode ser dotado ainda de uma rede ferroviária e rodoviária muito desenvolvida e, em grande parte, o terreno fica livre ao movimento de grandes unidades. Dahi resulta imediatamente para a cavallaria um valor particular. E' ella a unica arma que pode, de um lado, deslocar-se rapidamente através de todos terrenos e que, de outro, não encontra obstáculos que se opponham á sua liberdade de manobras como se dá nos paizes de situação económica muito desenvolvida.

Só ella pode, graças a seus cavalos, deslocar rapidamente suas grandes unidades com todo seu material e todos os seus meios de combate.

Nenhuma outra arma, constituída em formações importantes, poderá rivalizar em mobilidade com as divisões de cavallaria, mesmo com o emprego da locomoção automovel que em guerra. Será, então, graças aos elementos audaciosos. Aqui, a locomoção automovel não pode ser encarada para tales grandiosidades porque as estradas são muito pouco numerosas e insuficientemente resistentes em vista de um tráfego intenso e pesado como o que ocorre em guerra. Será, então, graças aos elementos exclusivamente hippomoveis que as grandes unidades de cavallaria poderão no estado actual (e o exercito deve ser adaptado ás possibilidades presentes) possuir e uzar suas qualidades caracteristicas: — mobilidade e surpresa.

E', aliás, interessante constatar os resultados das experiencias feitas depois da guerra por certos exercitos, em virtude de campanhas se desenvolvendo sobre theatros de operações cujas condições de terreno apresentam grandes analogias com os nossos. No decorrer da campanha de Marrocos em 1926 a cavallaria demonstrou todo seu valor em meio das dificuldades de viabilidades que tornaram muito precário o emprego de materiais automoveis. E' nesta ordem de idéas que a França que reduziu o numero de regimentos de cavallaria metropolitana aumentou o da do Norte Africano; que a Russia, paiz de grandes extensões e de comunicações pouco desenvolvidas, longe de reduzir a arma de cavallaria, após os ensinamentos da guerra de 1920 contra a Polónia, admittio a formação de exercitos de cavallaria.

A importância da cavallaria no Brasil ressaltará ainda mais evidente si nós estudamos em suas grandes linhas as principaes missões que lhe poderão caber no curso de uma campanha eventual e como as desempenhará. Assim, concluiremos mais facilmente as necessidades a que deve satisfazer a organização de suas grandes unidades.

* * *

No inicio das hostilidades, a cavallaria tem a missão normal de assegurar a cobertura, isto é, de proteger a construção e de oppôr-se ás tentativas do inimigo para transpor a fronteira. Como executará ella esta missão?

Dispondo de destacamentos leves estendidos sobre uma frente muito larga, apoiada na retaguarda por fortes reservas promptas a se lançarem rapidamente sobre os pontos ameaçados.

A cooperação da aviação facilitará grandemente a tarefa da cavallaria, assignalando-lhe os pontos importantes da concentração inimiga, a marcha e a direcção de suas columnas.

Esta cobertura só a cavallaria a pode assegurar, em grande parte, no Brasil. Nos paizes ricos em vias de comunicação, é possível constituir reservas a serem rapidamente transportadas em automoveis por numerosas vias de

rocada que as permittirão conduzir ao ponto desejado, mas aqui só o cavallaria dará ás reservas a mobilidade necessaria e indispensavel.

Esta missão defensiva, que é uma modalidade da segurança executada pela cavallaria em favor das outras armas e que achará numerosas applicações no decorrer das operações, poderá igualmente comportar o exercito de accções retardactrizes em relação á progressão do inimigo. Ainda aqui, só a cavallaria posse qualidades para conduzir a bom termo semelhante empresa. E' que se trata em tal hypothese de, uma vez conhecidas pelas informações da aviação e da descoberta terrestre os movimentos das tropas adversarias, levar o mais longe e o mais rapidamente possível, deante delas elementos que offereçam resistencias á sua marcha. Isto não quer dizer marchar ao encontro do inimigo mas alcançar o mais rapidamente possível o mais longinquo corte do terreno, que é possivel alcançar em tempo util e favorável ao estabelecimento de uma primeira resistencia.

Mais ainda, arma rapida para ganhar terreno, arma poderosamente dotada para oppor ao avango inimigo uma barragem de fogo, arma flexivel e movel capaz de actuar sobre os flancos e até sobre a retaguarda, sobre qualquer parte em que o inimigo apresente um ponto vulneravel, a cavallaria possue toda capacidade de accção para tirar proveito das oportunidades.

Além disso, o ponto delicado para o exercicio das accções retardactrizes é interromper o combate, para ir organizar á rectaguarda uma nova resistencia. Graças á mobilidade dos seus cavallos de mão, ella pode desprender-se rapidamente do combate, e, por sua velocidade, dispor de tempo e espaço que lhe permittam estabelecer-se sobre uma outra posição, de antemão balisada.

Oz mesmos elementos podem na cavallaria ir ocupar a nova posição enquanto que para outras armas seria preciso ahi empregar outras tropas para acolher as que têm combatido na posição anterior e offerecer nova barragem, porque não dispondo de velocidade elles não podem escapar rap'damente como os cavaleiros á pressão do inimigo.

Desde o inicio das operações pode tambem a cavallaria ser, do mesmo modo, empregada offensivamente. Por exemplo, si o commando quer lançar a perturbação na mobilização ou na concentração do inimigo, pode dar a grandes unidades de cavallaria a missão de penetrar a força em seu território para transportarem-se a determinadas regiões e alcançarem certos pontos, operações que são mais fructuosas nos paizes de fraca rede de comunicações, acrecendo a importancia dos pontos de passagem forcada e dos nôs ferroviarios.

Desde o começo igualmente, receberão as grandes unidades de cavallaria a missão de se lançarem em explorações para precisar, pelo contacto em terra, as informações fornecidas pela descoberta aerea. Hoje, como se procede a esta exploração?

Em consequencia da facilidade com que fracos elementos de fogo podem deter os or-

gãos de descoberta admitte-se que os destacamentos que a operam devem ter força para quebrar uma resistencia e leveza para se mover facilmente. Elles serão, então, constituídos de um ou mais esquadrões, ou mesmo de elementos mais fortes dispondo de artilharia. O grosso da divisão, no caso em que estes destacamentos sejam contidos por forças superiores a de que elles dispõem, deverá achar-se prompto para intervir abrindo-lhes as portas.

Nestas grandes operações, independentes, nós vemos ainda tomarem relêvo estas condições — mobilidade e força; mobilidade que permitir investigar uma zona por toda parte, rapidamente a procura do inimigo e seguir depois seus movimentos; força sem a qual a operação será interrompida antes de realizar seus objectivos e sem a qual não poderão os elementos incumbidos da missão permanecer na regiões interessantes ás pesquisas.

Com o correr das operações de guerra, a todas estas formas de actividade que encontram numerosas oportunidades para se reproduzirem, tem ainda a cavallaria de accrescer ás suas incumbências e cooperatoria na batalha, em intima ligação com as outras armas.

Antes, durante e depois da batalha ella é no Brasil, mais que em qualquer outra parte "a arma do Chefe", que nella encontra a força movel, unica apta ás missões numerosas e variadas cuja execução é indispensavel ao exercicio do commando.

Fornecer constantes informações sobre a situação do inimigo, retardar-lhe a marcha, operar contra seus flancos, de surpresa; intervir rapidamente sobre todos os pontos sensíveis do adversario; tapar um intervallo que se abre ou uma brecha que se produza no dispositivo do exercito; ou, ao contrario, aproveitar uma brecha que se manifeste no dispositivo do inimigo para penetrar por ella e mais enfraquecel-o; são alguns exemplos de oportunidades em que o commando pode achar somente na cavallaria o elemento possuindo a potencia do fogo necessaria e bastante movel para com elle preparar a batalha e conduzil-a.

Quando o momento da decisão se approxima, em virtude da mobilidade que seus cavallos lhe emprestam e da potencia de seus fogos, a cavallaria age por surpresa sobre os flancos e retaguardas adversas, apressando a solução, augmentando a desordem material do inimigo já abalado. Emfim, graças á sua leveza ella pode se ligar ás columnas do inimigo em retirada, impedil-as de se refazerem precedel-as em suas linhas acolhimento, disputar-lhes os pontos de passagem forcada, acabar sua desorganização. E' a perseguição que permite a cavallaria bem commandada e bem instruída obter resultados consideraveis e que podem ter uma importancia decisiva.

Em todos estes empregos, nós vemos sempre uma combinação intima da mobilidade e do fogo e, portanto podemos concluir que uma cavallaria sem estas propriedades não poderá prestar os serviços que se esperam della.

Sem mobilidade, suas operações, fazendo-

se lentas, serão presentidas pelo inimigo que terá tempo de se preparar contra elas e, assim, não haverá surpresa; sem a potencia de fogo, ficará ella desarmada em face do adversario, que facilmente poderá barrar-lhe a estrada, e então suas intervenções na batalha serão sem efeito apreciavel.

Algumas exemplos nos indicam, particularmente para as vastas extensões que podem vir a ser theatro para o emprego da cavallaria brasileira, cujas grandes unidades teriam frequentemente missões longinquas e independentes a cumprir, o que necessita a organização das divisões, como devem elles ser largamente dotadas de tudo o que é necessário a suas operações e a seus reabastecimentos de toda natureza.

Além disso, será possivel conforme as circunstancias attribuir-lhes reforços das outras armas, o que requer possuam elles estados maiores bastante importancia, capazes de fazerem face ao accrescimo de trabalho d'ahi resultante.

Uma divisão de cavallaria deve ter effectivos suficientes para poder cumprir suas missões, que comportam geralmente destacamentos mais ou menos importantes lançados em descoberta, unidades encarregadas de manobrar, reservas disponíveis na mão do chefe. Para corresponder a estas necessidades, a composição que geralmente se admite como sendo a melhor é a da divisão a tres brigadas de dois regimentos. Tal organisação attende ás possibilidades do commando por um só chefe e é suficiente para conduzir a bom termo uma operação de cavallaria. A artilharia que lhe é affecta deve possuir um material bastante leve para poder seguir-a a todo tempo e possuir um numero de grupos em relação com o das brigadas.

Um serviço que merece attenção particular no Brasil é o das transmissões, que attende á necessidade de fazer chegar rapidamente as informações e permitte, nas operações isoladas e longinquas, manter a ligação com o alto commando e com o Exercito a que taes operações mais directamente interessam.

Na maior parte dos casos, a cavallaria tem grande interesse em possuir um apoio de infantaria que traz a vantagem de não sómente aumentar a potencia em suas acções de combate mas tambem de a aliviar consideravelmente em numerosos casos, tomando a si a guarda dos bivaques, a ocupação de pontos importantes, a segurança das communicações etc. No Brasil o ponto delicado neste assumpto é o transporte destes elementos em boas condições de velocidade para que não constituam elles um peso morto para a cavallaria. O automovel e a bicicleta que satisfazem no caso como meio de locomoção em muitos paizes, não podem ainda ser encarados como solução boa para o Brasil.

E' uma solução dotar-se as divisões de cavallaria de batalhões de infantaria montada, mas não é isenta de inconvenientes, entre os quaes os principaes são: — velocidade reduzida (não se pode contar com velocidade maior que a do passo- difficultando o acompanhamento da cavallaria em seus deslocamentos;

— necessidade de consumir effectivos para guarda dos cavallos de mão.

Ao contrario, esta solução tem a vantagem de ser economica, em tempo e dinheiro, quanto á constituição destas unidades, cuja instrucção é mais facil e cuja remonta não precisa ser tão cuidada como a dos esquadrões.

Uma outra solução poderia ser a de reforçar o armamento de uma das brigadas de cavallaria e seu equipamento, dando-lhe uma aptidão maior para o combate a pé. Esta formula, porém, apresenta grandes defeitos; requer os mesmos cuidados de organização e de instrucção que as outras unidades de cavallaria; a especialização ao combate a pé e o maior peso inevitável para augmentar sua potencia de fogo, tiram-lhe em parte suas qualidades cavalleiras.

E' uma questão que merece um estudo aprofundado e cuja solução só a experiência pode decidir do modo mais vantajoso.

Emfim, a divisão de cavallaria deve ser dotada de meios para o reabastecimento e o remuniciamento necessarios á sua liberdade de accão e capazes, portanto, de garantir-lhes as faculdades de viver e combater qualquer que seja a amplitude de seus movimentos.

Aqui tambem apparece a necessidade de dotar estes serviços, de capital importancia, da mobilidade indispensavel.

Neste caso pelas razões já expostas não se pode pensar ainda em recorrer ao automovel que mais das vezes, atravez de muitas regiões, não poderá seguir a tropa.

Mas, como antes de tudo é preciso conservar á cavallaria sua mobil'dade, surge a necessidade de estudar a organização de columnas hypomoveis batante ligeiras e capazes de se adaptarem a todas as circumstancias de terreno, e de afastamento das bases de reabastecimento.

A constituição base da D. C. é estabelecida de modo firme mas deve permitt'r-lhe receber reforços de unidades de todas as armas cuja importancia variará com a natureza da missão. Por exemplo, a aviação representa um papel de primeira grandeza em proveito das operações de cavallaria, notadamente no Brasil onde a immensidade do territorio dá á rapidez de seus reconhecimentos um valor consideravel na orientação das grandes unidades sobre as zonas interessantes para elles, evitando-lhes um trabalho de pesqu'sa que retarda sua intervenção. Conforme o caracter da missão, o reforço de uma grande unidade em aviação deve ser mais ou menos forte, do mesmo modo que deverão variar os reforços que lhe serão concedidos em infantaria e artilharia.

Todas estas considerações devem constituir objecto de previsões, assim como desde o tempo e paz deve igualmente ser regulamentada a formação eventual de corpos de cavallaria pela reunião de varias divisões.

Particularmente, como havemos já assignado, na composição dos E. M. das grandes unidades de cavallaria, deve-se ter em conta a eventual'dade de casos, tão variaveis: a im-

provisão em campanha é sempre defeituosa e mesmo nefasta.

+ + +

Mas, se é permittido encarar um papel de importancia accrescida pela evolução da cavalaria e por seu progresso, é indispensavel tambem ter em consideração as novas difficuldades trazidas por sua organização e por sua instrucção e que se pode resumir:

— no ponto de vista da organização — qualidade dos cavallos, arreiamento, equipamento dos homens, transporte do armamento, mobilidade da artilharia;

— no ponto de vista da instrucção — conhecimento dos officiaes, aptidão dos cavalleiros a cavalo e a pé, destreza no tiro, treinamento e estado dos cavallos; qualidades que têm dado provas de valor no passado e as quaes se vêm juntar todas que são inherentes ás novas formas de possibilidade de acção.

Materialmente, é preciso considerar a **qualidade dos cavallos** que devem ser capazes dos mesmos serviços que no passado mas sob uma carga maior, proveniente do augmento das munições, utensilios etc., devem ser robustos, ageis e tambem de um **tipo leve**, particularmente no Brasil, porque o cavalo que tem muita massa é menos agil e se fatiga depressa nas andaduras vivas e nos terrenos variados e é de outro lado, um **consumidor de forragem**, cujo estado decae rapidamente quando sobrevém dificuldades no reabastecimento.

E, preciso ainda um arreiamento cuidadosamente estudado, bem equilibrado e forte; e, para cada sella um perfeito ajustamento ao lombo do cavalo sem o qual sobrevêm ferimentos e excessivas pisaduras.

As mesmas attenções merecem o fardamento e o equipamento do cavalleiro para que estes possam ser, por tempos e climas variaveis tão aptos a cavalo como a pé.

A maneira de transportar os fuzis metralhadores, as metralhadoras, a escolha do material da artilharia a cavalo capaz de permitir a acompanhar a cavallaria por toda parte e em todas as andaduras, são outras questões que não admitem a menor negligencia.

Em relação á instrucção, as funcções do official de cavallaria têm sempre exigido conhecimentos, **rapidez de julgamento, espirito de iniciativa** tão desenvolvidos quanto possível, porque seu papel é mais complexo que nas outras armas. Além do mais, elle é empregado em numerosas circumstancias em missões isoladas e longinquas que reclamam uma habilidade profissional e um espirito de decisão á altura das responsabilidades de taes missões; elle precisa ainda conhecer os processos de combate das outras armas, notadamente da infantaria e saber o que se pode esperar dos armamentos novos; saber trabalhar em ligação com todos os elementos que constituem os modernos exercitos em campanha.

Analogas exigencias devem ser feitas em relação aos graduados e cavalleiros. Será necessario assignalar, a titulo de exemplo as qualidades que devem ter os officiaes, os gra-

duados e os cavalleiros no exercicio de uma missão de descoberta, a importancia que se dá á uma informação e ao successo de sua transmissão?

Para que o cavalleiro possa utilizar toda sua **aptidão** é preciso considerar como base de formação a instrucção equestre. E' assim que vemos em todos os exercitos um cuidado cada vez maior com a instrucção a cavallo; em desenvolver o espirito arrojado e vivaz da cavalaria, a habilidade e audacia dos cavalleiros, a educação e o treinamento dos cavallos. Todas estas condições são fundamentaes.

Sem uma instrucção equestre desenvolvida, o cavalleiro se fatiga, fere seu cavalo, é incapaz de percorrer um terreno variado em andadura viva e de util'zar suas armas e cavallo. Sem as qualidades do infante, elle não poderá conduzir a bom termo no combate a pé uma acção que exige habilidade no tiro, capacidade de marchar a pé, treinamento nos trabalhos com ferramenta de sapa.

Esta simples exposição mostra quanto é complexo o trabalho do cavalleiro e como é arduo o papel do official de cavallaria. Mas nenhuma de taes condições pode ser desprezada porque a cavallaria que não souber realizar-as de um modo completo será um instrumento inutil.

E' ainda preciso notar que contrariamente ao que se passa para as outras armas que recebem numerosos reforços no dia da mobilização, as grandes unidades de cavallaria partem para a campanha com os elementos que elles têm em tempo de paz: **ellas devem estar promptas**.

Isto constitue uma vantagem para o chefe de unidade que a tem preparada cuidadosamente mas acarreta-lhe o dever de velar em todos os instantes por sua instrucção e seu treinamento, **inquirindo a todo momento se a tropa** sob sua responsabilidade está **prompta** t partir imediatamente para campanha.

A formação, a preparação e treinamento de uma cavallaria são obras de grande folego, como se pode facilmente deprehender do que dissemos.

Uma cavallaria digna do papel particularmente importante que tem a desempenhar no Brasil tem, pelo que expuzemos, antes que tudo de realizar as condicões materiaes que são a base de seu valor. E', portanto, particularmente importante investigar se este grande paiz possue os elementos desejados para dotar seu exercito com uma cavallaria capaz da tarefa preponderante que lhe caberá numa guerra futura.

Sem hesitar pode-se responder afirmativamente e mesmo dizer que o Brasil se encontra entre as nações privilegiadas no que se refere ao numero e mesmo a qualidade dos recursos necessarios.

No ponto de vista da remonta, o paiz encontra em sua criação nacional cavallos que possuem bôas qualidades de resistencia, de destreza e rusticidade que formam o cavallo de guerra. Basta ver as remontas que a cavallaria recebe, a ~~comissão~~ de certos esquadras, os numerosos exemplares de selecção

fornecidos pelo paiz para avaliar-se o resultado que seria colhido por um serviço da remonta encarregado de seleccionar e encorajar uma criação correspondente ás necessidades da arma.

Um outro exemplo, a este respeito, pode-se ter nos productos obtidos pelos proprietários que os fazem admirar nos hyppodromos como especimens irreprehensíveis da criação nacional.

Seria desejar que um certo numero de provas de steeple chase militares convidasse o publico a se interessar pelos performances dos officiaes encorajando, recompensando e estimulando os esforços dos criadores de cavalos para o Exercito.

Aliás, num muito interessante artigo publicado ultimamente em "A Defesa Nacional" sob a assignatura de um autor particularmente qualificado, mostra-se que a remonta no Brasil não deixa de ser estudada por personalidades cuja competencia permitte as melhores esperanças no futuro.

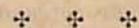
No que se refere aos homens, o recrutamento fornece-os possuindo, por uma questão mesma de raça, as qualidades physicas que caracterizam o cavalleiro delgados, ageis, apeos a todos os exercícios do corpo, constituindo recrutas particularmente faceis de pôr a cavalo e de bem assentá-los na sella. Se se acrescenta que elles têm já em grande parte habito do cavalo e que montavam antes de serem incorporados, vê-se que facilidades, maiores que muitos outros paizes, se oferecem aos officiaes para a instrucção equestre de seus cavalleiros, que adestrados ultimamente nos principios que caracterizam a equitação militar asseguram a homogeneidade das unidades e o valor dos esquadrões.

Não é inutil tambem lembrar a importante vantagem que se apresenta para o Exercito Brasileiro de poder constituir, sobre o immenso territorio do paiz, campos tão numerosos e extensos quanto é necessário á instrucção de combate de grandes unidades. E' nesses compostos que se poderão reunir, completas as divisões de cavallaria, o que é indispensavel para que ellas se exercitem em condições se approximando ao maximo das de guerra.

As mesmas facilidades encontram-se em todas as regiões para a execução de manobras de conjunto; é absolutamente necessário que as D. C. tomem parte em manobras combi-

nadas, de todas as armas, para se habituarem a trabalhar em ligação com elles.

Pode-se então dizer, sem temer errar, que o Brasil entre suas innumeraveis riquezas, possue todos os recursos necessarios para dotar seu Exercito de uma cavallaria capaz da tarefa primordial que ella terá de prehencer em campanha e digna dos altos destinos e do glorioso futuro deste grande paiz.



Deste modesto e rapido apanhado não parece exagero concluir que a cavallaria graças aos progressos já realizados, e ao proveito que ella poderá tirar sem cessar, dos processos tecnicos do futuro, vê suas possibilidades de acção augmentadas consideravelmente.

Além disso, ha notadamente no caso Brasileiro, missões de carácter vital para um exercito que não podem no estado actual de cousas ser desempenhadas por nenhuma outra arma, porque só a cavallaria possue, com a potencia de fogo, as qualidades de mobilidade e velocidade, que o cavalo lhe dá e que só elle pode dar em nossos dias. Não é duvidoso que num futuro mais ou menos proximo, o maravilhoso desenvolvimento do paiz, conceda á cavallaria brasileira melhorar ainda seu armamento e seus serviços pelo emprego dos transports automoveis, mas isto não será mais que uma nova phase de evolução constante desta arma que deve dia a dia adaptar seus meios, de modo o usufruir todas as possibilidades proprias em que vive.

Mais ainda que outros paizes, o Brasil tem necessidade de uma forte cavallaria e mais que outros, do mesmo modo, possue elle os elementos, todos os recursos que condicionam seu valor.

Emfim, a propria natureza e a extensão do territorio offerecem a esta arma oportunidades e condições de emprego as mais favoraveis permittindo aqui esperar resultados muito mais importantes que em muitos outros theatros de operações.

E', então, com uma inteira confiança no valor e importancia de seu trabalho e no sucesso assegurado á seus esforços patrioticos que, em todos grãos da hierarchia, os que têm a nobre responsabilidade da organização e da instrucção da cavallaria podem consagrar-se a esta tarefa elevada.

Nota da Redacção

Devido a um embaraço de ultima hora não foi possível inserir neste numero a continuaçao do trabalho do Cap. Ary Silveira — O tiro na Artilharia de Costa

Por essa falta pedimos desculpas ao autor e aos leitores.

Ficam para ser publicados no proximo numero, entre outros trabalhos, os seguintes:

— Os Estados Maiores e os Serviços — Cel Jasseron;

— As manobras de Cavallaria na 3^a Região — Cap. Orosimbo.

GUARANÁ IODO KOLA
NUTRITIVO MUSCULAR
TONICO DOS NERVOS
REGULARISADOR DO CORAÇÃO
SILVA ARAUJO & CIA

A s s u m p t o s N a v a e s

OS QUADROS DOS OFFICIAES DA ARMADA NO CONGRESSO

Pelo Commandante MUNIZ BARRETO

(Continuação do n. 183)

Um accrescimo de cerca de 60 officiaes superiores no quadro ordinario do Corpo da Armada, virá prejudicar o tirocinio necessario, indispensavel, essencial ao exercicio do alto Commando obrigando a conservar menos tempo embarcados os officiaes desses postos com o reduzido material flutuante de que podemos dispor.

Haverá um meio de evitar-se esse prejuizo, mantendo-se, ao mesmo tempo, as vantagens do projecto apresentado pelo Sr. Senador Lau-ro Sodré? Parece que sim. Possivel será ainda — e conveniente — ampliar-se, mesmo o que encerra elle de vantajoso, sem os maleficios que uma pura e simples dilatação de quadros visa certamente acarretar.

O projecto leva ao inconveniente de englobar em um mesmo quadro ordinario todos os Capitães de Mar e Guerra necessarios ás diferentes funcções que correspondem hoje a esse posto, o mesmo podendo dizer-se sobre os Capitães de Fragata, integralmente, e, embora em menor escala, tambem aos Capitães de Corveta.

Basta correr o mappa que acompanha o projecto, para verificar-se que, das 34 commissões destinadas aos officiaes do primeiro desses postos, apenas 6 são de embarque!

Das 59 que competem aos Capitães de Fragata, sómente 14 lhes correspondem a bordo; e das 129 destinadas aos Capitães de Corveta, unicamente 38 não são de terra.

Succederá inevitavelmente que, pertencendo todos esses officiaes ao mesmo quadro, destinando-se ao commando e aspirando ao almirantado, deverão elles forçosamente fazer o tirocinio de bordo como manda o Regulamento de promoções: 2 annos para os Capitães de Corveta e de Fragata, e 1 anno para os Capitães de Mar e Guerra. Esses prazos, que constituem simplesmente marcados na lei de acesso, são minimos; e a administração naval deve sempre providenciar para que todos possam completalos o mais cedo possível.

Começa ahi a surgir o primeiro inconveniente da dilatação dos quadros. Haverá que substituir-se, logo ao cabo de 24 mezes, um excellente commandante, cuja maior permanencia no cargo seria vantajosa ao serviço e lhe daria maior experiencia para ascender ao generalato, — porque um outro, muitas vezes de valor inferior, não raro de capacidade mediocre, sem grande enthusiasmo pela profissão, tem de embarcar e commandar para poder ser promovido, encarando apenas esse embarque como o caminho de chegar ao posto immediato, para reformar-se, então, com melhores vantagens. Que especie de almirantes pode esperar uma Marinha que, para 98 officiaes dos dois

ultimos postos de commando, dispuser apenas de 20 commissões para elles em sua esquadra?

Qual o proveito que se aufera para a profissão guerreira, para a formação da mentalidade militar e technica, para a cultura professional, com o perpassar de annos, de um commandante pelas capitaniais de portos, por certos cargos hierocraticos sem feição technica, sedentarios, nas Directorias do Pessoal, Portos e Costas, por exemplo, na Biblioteca e na Imprensa Naval?

Se todos esses cargos complementares da carreira naval fossem ocupados por officiaes que não mais se destinasse ao commando sem obrigação de completar embarque, em uma actividade restricta, seriam conseguidos dois grandes proveitos em prol de maior efficiencia dos quadros: — nem esses officiaes ficariam mais constrangidos a fazer embarque, tomando logar a outros; nem se forçaria a andar por funcções accessoriais da carreira, aos commandantes que pelo seu valor technico e intellectual estivessem naturalmente indicados a completar o seu aperfeiçoamento no exercicio efectivo do commando ou em commissões technicas de importancia militar.

Aquelles, tambem, cuja aptidão physica já não mais permitta o desempenho cabal das funcções de commando no mar, ainda validos, entretanto, para os serviços sedentarios, podiam ser nelles aproveitados, independentes das clausulas necessarias á carreira do Commando.

A presunção da inaptidão physica pela edade, essa "invalidez relativa", é variavel conforme a natureza da função a ser exercida.

O abaixamento do limite da edade hoje estabelecida para o serviço activo é medida que se impõe. A inaptidão presumida para a vida do mar, caracterizada na época da reforma compulsoria, não é absoluta para todos as funcções da carreira; ella é relativa apenas aos trabalhos mais arduos, ás privações, ao desconforto da permanencia a bordo e do adestramento no oceano, fóra da relativa comodidade da séde.

Muitos cargos sedentarios, muitas commissões de carácter militar restrictos, em terra, poderão ser desempenhados pelos officiaes que a edade e o depauperamento fazem afastar do ambiente trabalho e materialmente absorvente de bordo, mas cuja experiencia, ponderação e honesto empenho em servir ao paiz indicam o seu aproveitamento consoante as energias apreciaveis que ainda lhes restam.

Na America do Norte, ha uns doze annos escrevia com justa razão o Almirante Fletcher:

"Isso de abrir vagas á força para a selecção, e mandar descansar os re-

formados ganhando dinheiro do Estado desperta no Congresso a mesma oposição que encontrou o "plucking board".

"Apresentem ao parlamento um processo pelo qual o oficial, uma vez deixando o quadro ordinario, continue a prestar serviços que justifiquem os vencimentos que recebe, e não será certamente negada á Marinha uma lei que por esse meio lhe facilite maior rapidez de acesso, permitindo o extravasamento do excesso de cada posto." (Army and Naval Journal — Maio 1916).

Dizia ainda o articulista, que o Presidente deveria ser autorizado pelo Congresso a transferir, annualmente, até quatro por cento dos Capitães de Mar e Guerra, de Fragata e de Corveta do quadro ordinario (active list) para outros serviços do Governo, e acrescentava:

"Ha muitas funções no serviço do Estado que os officiaes da marinha podem desempenhar e, muitos delles, já exercem de regra.

Estão elles no serviço de pharões, levantamentos hydrographicos, inspeção de machinas, e certas funções na Secretaria de Estado e suas repartições (Navy Department) e arsenaes.

Não haveria dificuldade em encontrar-se duzentas ou trezentas comissões dessa especie, que perfeitamente canalizariam o excesso do quadro ordinario".

Em 1915 era tal a crise dos quadros de officiaes na Marinha norte-americana que o Almirante Selfridge escrevia:

"A presente estagnação é uma ameaça que se levanta contra a efficiencia da Marinha, e que augmenta a ponto de tornar-se intoleravel".

E continuava elle, nos Annaes do Insti-

tuto Naval dos Estados Unidos, de Maio — Junho de 1916:

"Tambem reconheço que a efficiencia da marinha depende em alto grao das habilitações profissionaes, do zelo e vigor dos officiaes subalternos, permitindo-se a todos os officiaes physicamente aptos, e em certo limite de edade, a sua passagem para o quadro activo da reserva, no posto acima".

"Um plano de promoção por selecção exigiria que esse limite de edade para os diversos postos fosse de 40 annos para os Capitães Tenentes, 45 para os de Corveta, 50 para os de Fragata e 55 para os de Mar e Guerra".

E' que a Lei de Meyer, votada em 1910, precisava ser modificada.

Assim, nos Estados Unidos, de 1915 a esta parte muito se vem debatendo a questão dos quadros, do accesso, das reservas. E' o paiz do mundo em que mais se tem discutido o assunto, e desse debate vem surgindo com frequencia numerosas considerações da mais alta relevancia.

Entre nós, a recente lei de 31 de Dezembro de 1928, tornou extensivo á Marinha a reserva de 1ª Classe creada em 1917 para o Exercito e poderá resolver satisfactoriamente o problema, se a edade de transferencia do serviço activo permanente para o quadro da reserva for reduzida de alguns annos. Se uma regulamentação adequada, a par disso, determinar desde logo quaes as funções burocraticas e sedentarias que competem aos officiaes reservistas, se nella ficar estabelecido que, depois de feitos accessos dahi decorrentes, não serão preenchidas as vagas que ocorrerem, até á volta dos efectivos hoje em vigor, que são perfeitamente sufficientes nos postos superiores, para as necessidades do serviço, uma vez que as Capitanias, o Commando das escolas de aprendizes e a maior parte dos serviços das Directorias do Pessoal Portos e Costas, Navegação fiquem a cargo dos officiaes da reserva.

BRIM KAKI INGLEZ MARCA "FORTALEZA"

Fabricado especialmente de acordo com os cadernos de encargo do exercito e da marinha e com certificado da Camera do Commercio de Manchester. O mais resistente, côn absolutamente firme e acabamento garantido.

GRANDE QUANTIDADE EM DEPOSITO

Cia. Importadora de Tecidos

Rua Visconde de Inhauma n. 56

Notas sobre a instrução de conjunto no quadro do regimento de cavallaria

Pelo Major CoLIN

(Da M.M.F. e professor da E.P.C.)

(Continuação do n. 183)

EXERCICIO N. 2 (DE $\frac{1}{2}$ R.C. — P.M.)

(Depois de ter recebido informações positivas da descoberta e da segurança afastada)

R.E.C.C. — 4^a PARTE — ARTIGOS 53—76—78—82—119—120

THEMA

I — Trava-se uma batalha na frente *Palmeira-Iguassú-Jacutinga*.

Um destacamento de cavallaria inimiga de O., cuja força ainda não foi avaliada, foi assignalado bivacando hontem a cerca de 20 kms. O. de *Sta. Cruz*.

Uma Bda. Cav. amiga de leste marcha ao seu encontro com a missão de:

1º — tomar seu contacto;

2º — retardar a sua marcha para leste em proveito de um destacamento amigo de todas as armas que deve chegar no dia seguinte na região de *Anchieta* e ao S., onde se installará defensivamente para cobrir o flanco S. do *Exercito*.

A resistencia deve ser organizada de modo a impedir ao inimigo a transposição do arroio *Sarapuh*, antes da tarde do dia seguinte.

II — A intenção do Gen. de Bda. é

1º — fazer tomar, por uma descoberta, o contacto do inimigo o mais longe possível;

2º — retardar o inimigo, estabelecendo-se successivamente:

a) na região *Campo Grande*;

b) nas entradas O. dos desfiladeiros da região de *Santissimo* e ao Norte;

c) sobre o arroio *Sarapuh*.

Em consequencia a Bda. de Cav. marcha pelo itinerario: ... *Ricardo de Albuquerque*, *Guaraciaba*, estrada N. e O. da cota 60 (S. da Faz. do Eng. Novo), morro de *São Bento*, etc.

V.G. (1º, 2º Esq. e P.M. do 1º R.C.) { Sob o commando do
Cel. commandante
do 1º R.C.

Cobertura dos flancos.....	Norte	{ 1º Pel. do 1º Esq. do 2º R.C. sobre o itinerario: <i>Anchieta</i> , Faz. do <i>Bananal</i> , Faz. do <i>Cabral</i> , Col. do <i>Cemiterio</i> , Est. do <i>Boqueirão</i> .
	Sul	{ 1º Pel. do 4º Esq. do 2º R.C. sobre o itinerario: <i>Deodoro</i> , <i>Villa Militar</i> , <i>Realengo</i> , <i>Bangú</i> .

A Bda. está informada por um destacamento de descoberta de 1 esquadrão (3º Esq. do 1º R.C.). O Gen. de Bda. marcha atraç do grosso da V.G.

INFORMAÇÃO A RESPEITO DO TERRENO MANDADA PELA DESCOBERTA

Ao N. das pontes N.O. do morro de *São Bento*, o arroio *Sarapuh* é intransponivel, excepto nos pontos seguintes:

— 800 metros S. do canto N.O. do *Campo de Instrucção* (passagem difficultil);

— canto N.O. do *Campo de Instrucção* (ponte em máo estado);

— pontes entre Col. do *Trem* e Col. do *Heron* (pontes em bom estado).

SITUAÇÃO NO INÍCIO DO EXERCICIO

A's 9,10 a situação da Bda. Cav. é a seguinte:

1º — V.G. (1º, 2º Esq. — P.M. do 1º R.C.).

<i>Pel. Testa-Ponta (1º Pel. do 2º Esq.)</i>	<i>Ponta (2º Esq.)</i>	Ao trote, vae abordar a cota 40 (500 metros O. da cota 60 S. de Faz. de Eng. Novo).
	<i>Testa (o resto do pelotão)</i>	Collo entre cota 60 e esporão N.O. desta cota.
<i>Pelotão encarregado da segurança dos flancos da V.G. (2º Pel. do 1º Esq.)</i>	<i>Cmt. do 1º Pel.</i>	No observatorio (vertentes N.O. da cota 60).
	<i>Patrulha de 1 cabo — 1 esquadra</i>	Attinge as vertentes N. da cota 40 (500 metros O. da cota 60). Foi destacada da cota 60.
	<i>Patrulha de 1 sargento — 1 esquadra</i>	Cota 40 (S.O. da cota 60). Foi destacada de <i>Guaraciaba</i> (veja estudo da marcha do Grosso da V.G.)
<i>Grosso da V.G.</i>	<i>Grosso do Pelotão (2 esquadrões)</i>	Com o 1º Pel. (<i>testa-ponta</i>).
	<i>3º e 4º Pel. do 1º Esq. e P.M.</i>	(Entre cota 60 e Faz. do Eng. Novo).
	<i>2º Esquadrão [Entre cota 60 (S. da Faz. do Eng. Novo) e cota 60 (N.O. da Caixa d'Água.)]</i>	[Entre cota 60 (S. da Faz. do Eng. Novo) e cota 60 (N.O. da Caixa d'Água.)]
<i>3º — PELOTÕES F.G.</i>	<i>Cel. Cmt. da V.G.</i>	(No observatorio — vertentes N.O. da cota 60).
	<i>1º Pel. do 1º Esq. do 2º R.C.</i>	— Região Coll. do Cabral
	<i>1º Pel. do 4º Esq. do 2º R.C.</i>	— Região saídas leste de Villa Nova.

3º — GROSSO DA BDA:

<i>Desemboca de Guaraciaba</i>	<i>o 2º R.C.</i>	pelo caminho que vae de <i>Guaraciaba</i> (ponto 36 para as vertentes S.E. da cota 60)
	<i>o 4º Esq. do 1º R.C.</i>	pelo caminho que segue a linha de bonde.

4º — O GENERAL DE BDA:

Chega na cota 60 (S. da Faz. de Eng. Novo).

INFORMAÇÃO DA DESCOPERTA

A's 9 horas e 10 minutos e estando a Bda. na situação acima indicada, o Gen. de Bda. recebe em cota 60 a informação seguinte do Esq. de descoberta (3º Esquadrão):
 "Elementos de cavallaria inimiga attingiram Est. *Paciencia* e encruzilhada da Est. dos Palmares com o encanamento de *Sta. Cruz*, ás 7 horas, marchando em direcção a *Campo Grande*.
 Retiro-me guardando o contacto: 2 pelotões pelo Est. *Real*, 2 Pel. ao Norte."

ESTUDO DA V.G. DE UMA TROPA DE CAVALLARIA

(depois de ter recebido informações positivas da descoberta ou da segurança afastada)

A partir do momento em que se sabe que a descoberta ou segurança afastada tomou contacto, a distância relativamente curta em que, para frente, ella opera, o tempo necessário á transmissão de suas informações e, enfim, como no caso presente, o facto de marchar o inimigo ao encontro da descoberta, impõe, a cada escalão da tropa considerada (destacamento de segurança e grosso) a dupla obrigação:
 — de progredir com precaução maior (reconhecimento mais completo, formações mais abertas);
 — de progredir "em guarda", isto é, num dispositivo que permitta a cada um destes escalões uma ação rápida no sentido da sua missão particular ou da idéa de manobra do chefe.

No que concerne á V.G. a missão permanece a mesma { Reconhecer
 Cobrir.

Ella, porém, deve, a partir deste momento:

- redobrar a vigilância, isto é, esquadrinhar o terreno com maior minúcia;
- progredir num dispositivo tal que possa rapidamente na frente da operação do grosso, reconhecer e cobrir o mais completamente possível nos limites dos seus meios.

DEFINIÇÃO DO PAPEL "RECONHECER"

Como comprehender o papel "reconhecer"?

A função "reconhecer" apresenta diferentes phases:

1^a PHASE — Em 1º lugar e graças á acção de certos meios de investigação visual (elementos plasticos de cavallaria, observação aerea) apparecem *AS DIMENSÕES DO INIMIGO*:

- contorno apparente;
- elementos de sua profundidade.

Porém, os elementos ligeiros e plasticos de cavallaria encarregados de determinar o contorno apparente, a observação aerea encarregada de determinar a profundidade ficam detidos ou peiados, aquelles pelo fogo, esta, pela artilharia anti-aerea e a aviação inimiga, e ambos pela dificuldade de observar inimigo que procura, na utilização do terreno e das suas cobertas, a occultação dos seus meios e da progressão.

Em consequencia, essa primeira phase em que só opera a vista não pôde fornecer a respeito do inimigo senão:

- um contorno apparente;
- alguns elementos da sua profundidade.

Ella não dá, pois, informações completas a respeito da sua força.

2^a PHASE — A 2^a phase da função "reconhecer" consiste em *avaliar a força* de um inimigo que reage offensiva e defensivamente.

E' pois a luta que se empenha e é de toda a evidencia que não se pôde conhecer o valor relativ da força desse inimigo senão depois de tel-o vencido ou de ter sido vencido por elle.

A função "reconhecer" conduz, pois, directamente para o combate offensivo, combate que, principiando pela descoberta, será prosseguido pelos destacamentos de segurança, para, enfim, ser terminado pelo proprio grosso da tropa — Da descoberta ao grosso, as possibilidades deste combate que pouco a pouco vai revelar a força exacta do inimigo ficam evidentemente proporcionaes aos meios dos elementos successivos que o conduzem.

Porém, da descoberta ao grosso, cada elemento deve encarar este objectivo, tomar as suas disposições em vista delle e, de baixo para cima, cada escalão se deve esforçar por preparar a entrada em acção em escala superior.

Numa palavra, e a partir dos primeiros contactos, o mesmo *espírito offensivo* deve manifestar-se em profundidade e no mesmo sentido: o da missão geral recebida pelo *Grosso*.

No que concerne á Vg. (assunto em estudo) ella deve logo que os seus elementos ligeiros, plasticos tomaram o molde do contorno inimigo, empenhar-se sempre vigorosamente e encarar a sua acção como uma etapa preparatoria para o grosso, de modo a facilitar ao maximo a entrada em acção deste ultimo.

— acções offensivas parciaes proprias para informar sobre o valor dos contactos tomados pelos seus elementos avançados;

— acções offensivas parciaes proprias para se apoderar dos pontos do terreno cuja posse pôde favorecer o ataque do grosso.

A presença ou a proximidade do Commando Superior (que marcha com a Vg.) facilita este papel difícil, graças á possibilidade que tem este ultimo de comunicar ao Cmt. da Vg. as suas intenções, que tornam ainda mais claras pela vista do terreno e pelo conhecimento que tem a respeito das primeiras posições do inimigo.

A — DECISÃO TOMADA E ORDEM DADA PELO CMT. DA BDA.

I — REFLEXÃO

1º — *Onde se acha o inimigo.*

O inimigo (verosimilmente descoberta do destacamento de cavallaria que bivacou, hontem, a cerca de 20 kms. O. de Sta. Cruz) atingiu, ás 7 horas, a região de Est. Paciencia e ao N. marchando em direcção Campo Grande.

O meu esquadrão de descoberta retira-se diante delle.

São agora 9 h. e 10 minutos e essa cavallaria pôde, por conseguinte, ter atingido a região Est. S. nador Vasconcellos, Faz. do Rio da Prata do Mendenha.

Um encontro é, pois, possível nas saídas leste dos desfiladeiros O. do arroio Sarapuhy.

2º — *De que se trata?*

A Bda., depois de ter tomado o contacto do inimigo tem por missão retardar a sua marcha para leste de modo a impedir-lhe que transponha o arroio Sarapuhy antes de amanhã.

Ora, até agora só se tem o contacto de descoberta inimiga diante da qual se retira a nossa.

Trata-se, pois, e em 1º lugar, de repelir essa descoberta, afim de tomar o contacto do destacamento de cavallaria assignalado, que a Bda. recebeu a missão de retardar.

Tomado o contacto, é mistério oppôr ao seu avanço rês de fogos successivos afim de retardar os limites de tempo prescriptos pela ordem.

Ora, dadas as informações de hontem (bivaques de cavallaria a cerca de 20 kms. O. de Sta. Cruz) de hoje (elementos avançados de cavallaria ás 7 horas na região Est. Paciencia e ao N.), é de esperar po-

atingir com o grosso da Bda. e antes dos grossos inimigos as entradas O., dos desfiladeiros da região de Santíssimo e ao N., região em que o Gen. de Bda. previu uma resistência (veja tema: intenção do Gen. de Bda.).

Em resumo trata-se:

— de levar o mais rapidamente possível o Grosso da Bda. para a região de Santíssimo em condições de interditar ao inimigo a entrada O. dos desfiladeiros.

a) *Como agir para isso realizar?*

E' de toda evidencia que, dado o ambiente criado pelas informações recebidas a marcha da Bda. não pode prosseguir nas mesmas condições e, por conseguinte, no mesmo dispositivo de até agora. Não se têm informações precisas a respeito da descoberta inimiga diante da qual se retira a nossa e ella pôde ser forte.

O inimigo (descoberto) foi assinalado a uma hora e a uma distância tais que ha probabilidades de encontrar nas saídas léste dos desfiladeiros a O. do arroio *Sarapuhy*.

A despeito deste inimigo, o Gen. quer transportar rapidamente a sua Bda. para a região de Santíssimo assim de ahí retardar o avanço dos Grossos da cavalaria inimiga.

Para isso realizar é necessário assegurar desde logo:

- 1 — que a Bda. possa desembocar a O. do arroio *Sarapuhy* e da localidade de *Bangú*. { papel que incumbe à Vg. enquanto que os destacamentos de flanco cobrirão a operação ao N. e ao S.;
2 — que o Grosso esteja em condições para intervir efficazmente, caso a Vg. seja detida quer antes, quer depois do arroio *Sarapuhy*; } papel eventual do grosso resultante da idéia de manobra do Gen. de Bda.

b) *Como adaptar essas necessidades ao terreno?*

Um olhar na carta mostra logo que para desembocar a O. do arroio *Sarapuhy* e da localidade de *Bangú*, é necessário estar de posse das alturas que dominam a O. esse arroio e as orlas O. de *Bangú* (papel da Vg.):

- vertentes S.E. do morro do *Retiro*;
- cotas 60 (S.E. do morro do *Retiro*);
- cota 60 (O. de *Bangú*).

Além disso, sendo o arroio *Sarapuhy* transponível nas passagens indicadas pela descoberta (veja tema), é necessário que a operação seja coberta ao N. na região collina do *Capão Redondo*, collina do *Heron* (papel da F. G. Norte).

A carta mostra também que em caso de encontro do inimigo, o terreno plano situado ao S. do morro de *São Bento* e ocupado pela localidade de *Bangú* se presta mais a uma acção defensiva (graças aos bons campos de tiro oferecidos pelas ruas de *Bangú*) do que a uma acção offensiva (dificuldades do apoio pelo fogo).

A região N. de *Bangú* ao contrario, graças ao morro de *São Bento* em primeiro lugar e depois ás ultimas cotas 60 (S.E. do morro do *Retiro*) permite um apoio efficaz pelo fogo enquanto que o terreno a O. dessas últimas cotas não oferece ao inimigo possibilidades nem humas para a defesa.

Dante dessas condições de terreno, o Gen. de Bda. decide manobrar pelo N. caso seja necessário. Embora seja eventual esta manobra, a idéia do Gen. de Bda. a seu respeito tem, como veremos, grande importancia no que concerne á actuação da Vg. e deve ser conhecida do Cmt. desta ultima.

Além disso, é em função dessa idéia que será regulado o deslocamento do grosso.

c) *Repartição das forças:*

Grosso	4º esquadrão	do 1º R.C.
	2º esquadrão	
	3º esquadrão	
	4º esquadrão (menos 1 pel.)	
P. M.		do 2º R.C.
Vg.	1º esquadrão	do 1º R.C.
	2º esquadrão	
	P. M.	
<i>Cobertura dos flancos</i>		1º Pel. do 4º Esq. — do 2º R.C. 1º Esq. — do 2º R.C.
<i>Informação</i>		A Bda. continua informada pelo seu destacamento de descoberta (3º Esq. do 1º R.C.)

d) Quando iniciar a acção?

Immediatamente.

II — DECISÃO

Ordem verbal (tipo n. 1: movimento).

1 — O 3º Esq. do 1º R.C. tomou ás 7 horas o contacto com a descoberta inimiga na região *Paciencia*, entroncamento da Est. dos *Palmares* com o encanamento de *Sta. Cruz* e retira-se diante della.

E' minha intenção transportar a Bda. para a região de *Santíssimo* e ao N. afim de retardar os gastos inimigos nas entradas O. dos desfiladeiros que desembocam sobre o arroio *Sarapuhy*.

2 — Em consequencia:

a) O Grosso

$\left\{ \begin{array}{l} 4^{\circ} \text{ Esq.} \\ 2^{\circ} \text{ Esq.} \\ 3^{\circ} \text{ Esq.} \\ 4^{\circ} \text{ Esq.} \\ \text{P.M.} \end{array} \right\}$	$\left\{ \begin{array}{l} \text{do } 1^{\circ} \text{ R.C.} \\ \text{do } 2^{\circ} \text{ R.C.} \end{array} \right\}$
---	--

transportar-se á para a região das vertentes S.E. morro de *São Bento* e da cota 50 (léste do morro).

b) Coberto por

$\left\{ \begin{array}{l} \text{Vg.} \\ 1^{\circ} \text{ Esq.} \\ 2^{\circ} \text{ Esq.} \\ \text{P.M.} \end{array} \right\}$	$\left\{ \begin{array}{l} \text{do } 1^{\circ} \text{ R.C.} \\ \text{do } 2^{\circ} \text{ R.C.} \end{array} \right\}$
---	--

Itinerarios:

$\left\{ \begin{array}{l} 4^{\circ} \text{ Esq. do } 1^{\circ} \text{ R.C.} \\ 2^{\circ}, 3^{\circ}, 4^{\circ} \text{ Esq. e P.M. do } 2^{\circ} \text{ R.C.} \end{array} \right\}$	$\left\{ \begin{array}{l} \text{por cota 60 (S. de Faz. Eng. Novo)} \\ \text{cotas 40 a O. dessa cota, cota 50 (léste do morro de São Bento)} \\ \text{por } Villa Nova \text{ e a estrada N. da linha de tiro de Realengo.} \end{array} \right\}$
---	--

Missão — Afim de permitir a desembocadura da Bda. O. do arroio *Sarapuhy* e da localidade de *Bangú*, a Vg. ocupará defensivamente a linha: Encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do *Retiro*, arroio *Sarapuhy*, cota 60 (O. de *Bangú*).

Caso não puder attingir essa linha, a minha intenção é de manobrar com o grosso em direcção morro de *São Bento*, cotas 60 (S.E. do morro *Retiro*), cobrindo a minha operação ao S. nas ordes O. de *Bangú* e ao N. sobre o arroio *Sarapuhy*.

b) Coberto por

$\left\{ \begin{array}{l} \text{F.G.} \\ 1^{\circ} \text{ Pel. do } 4^{\circ} \text{ Esq.} \end{array} \right\}$	$\left\{ \begin{array}{l} \text{do } 2^{\circ} \text{ R.C.} \end{array} \right\}$	$\left\{ \begin{array}{l} \text{Missão — Cobrir ao S. de Bangú em ligação a Vg. a desembocadura da Bda. a O. do arroio Sarapuhy.} \\ \text{Missão — Cobrir na região collina do Capão dondo, collina do Heron a desembocadura da Bda. O. do arroio Sarapuhy.} \end{array} \right\}$
--	---	---

Missão — Cobrir na região collina do *Capão dondo*, collina do *Heron* a desembocadura da Bda. O. do arroio *Sarapuhy*.

c) A Bda. continua a ser informada pelo 3º Esq. do 1º R.C. ao contacto

3 — Marcharei atraç da Vg. no eixo da columna do N.

4 — O P.C. seguirá para *Villa Militar* (sahidas S.O.) onde esperará ordens.

III — EXECUÇÃO

A ordem acima é dada á vista (a cota 60 dá para isso vistas sufficientes):

— verbalmente, ao Cel. cmt. da Vg. com todas as indicações necessarias para lhe permitir cumprir a sua missão no sentido da acção geral concebida pelo Gen. de Bda.;

— por intermedio do Cel. cmt. da Vg., ao cmt. do 1º Pel. do 4º Esq. do 2º R.C.;

— verbalmente, ao Cmt. do 1º Esq. do 2º R.C. desde a sua chegada na região da cota 60 (S. de Faz. Eng. Novo) por intermedio do Cmt. do 2º R.C.;

— verbalmente ao grosso da Bda.

IV — FISCALIZAÇÃO

O Gen. de Bda. assiste ás ordens dadas pelo Cmt. da Vg. em execução da missão que lhe deu. Assiste ao inicio da execução pela Vg. Dá suas ordens ao grosso e desloca-se para a frente segundo itinerario da columna do N.

B — ORDEM DADA PELO CEL. CMT. DA VG.

I — PHASE DE REFLEXÃO

1º) *Onde se acha o inimigo?*

Resposta: — Posso encontrar a descoberta inimiga na região: *Bangú*-morro de *São Bento*-arroio *Sarapuhy*.

2º) De que se trata?

Resposta: — Eu trabalho em proveito da minha Bda. que se transporta para a região de Santíssimo. Missão da Vg.: Reconhecer-Cobrir.

Para cobrir, eu devo em 1º logar permitir o desembocamento da Bda. a O. do arroio Sarapuhy e da localidade de Bangú e para isso assegurar-lhe entre a encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do Retiro e as saídas S.O. de Bangú a posse da linha das alturas que commandam este desembocamento.

Para reconhecer, eu devo abordar toda essa frente ao mesmo tempo com elementos de reconhecimento susceptíveis de serem logo apoiados.

Emfim, si a Vg. fôr detida, a intenção do Gen. de Bda. é manobrar, com o grosso, em direcção ao morro de São Bento, cotas 60 (S.E. do morro do Retiro).

Devo, por conseguinte, se não puder atingir a linha fixada pelo Gen. de Bda. facilitar a manobra do grosso apoderando-me, pelo menos, das alturas que dominam a leste as passagens do arroio Sarapuhy.

a) Como agir?

Resposta: — Para reconhecer e cobrir na frente fixada pelo Gen. de Bda. (3 kms. mais ou menos), é necessário desenvolver a Vg. Para eventualmente facilitar a manobra do grosso é necessário ser mais forte ao N. em direcção ao morro de São Bento.

b) Como adaptar essas necessidades ao terreno?

Resposta: — Dando a cada unidade, além de objectivos sobre a linha a ocupar, zonas de acção bem nitidas:

Unidades do N. — Objectivos..... | encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do Retiro, cotas 60 (S.E. do morro do Retiro) pontes 800 mts. N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio Sarapuhy.

Unidades do S. — Objectivos..... | Sahidas N.O. de Bangú (inclusive a ponte 400 mts. N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio das Tintas).
Arroio Sarapuhy.
Cota 60 (O. de Bangú).

Limites das zonas de acção entre as 2 unidades..... | Arroio E.O. que atravessa Villa Nova (arroio Meirinho), linha de tiro de Realengo, orlas N. de Bangú.

c) Qual o efectivo a empregar?

Resposta: — É preciso ser forte ao N. da região morro de São Bento, cotas 60 (S.E. do morro do Retiro) quer para não perder um palmo de terreno caso seja possível atingir essa região antes do inimigo, quer para agir offensivamente no sentido da missão e conquistar pontos do terreno cuja posse facilitará a acção do grosso.

Ao S. na região de Bangú, o terreno (veja o estudo feito pelo Gen. de Bda.) facilita a defesa; — além disso, um recuo em Bangú não teria grandes consequências si fôr bem assegurada a posse do morro de São Bento que domina a localidade: — 1 Esq. será suficiente.

Ao N., ao contrario, é preciso mais fogo: 1 Esq.—o P.M.

d) Quando iniciar a acção?

Resposta: — Immediatamente.

II — PHASE DE DECISÃO

Ordem verbal — tipo n. 1 (movimento) e depois tipo n. 2 (atitude defensiva).

1 — O 3º Esq. do 1º R.C. tomou ás 7 horas o contacto da descoberta inimiga na região de Est. Paciencia e ao N. e retira-se diante della.

A Vg. vai transportar-se para a região Bangú-S. Bento afim de assegurar a posse da linha: Encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do Retiro, cotas 60 (S.E. do morro do Retiro), arroio Sarapuhy, cota 60 (O. de Bangú).

2 — Em consequencia a Vg. vai marchar no seguinte dispositivo:

a) 1º Esquadrão e P.M.	Itinerario	cota 60 (S. de F. de Eng. Novo), as 2 cotas 40 (O. da cota 60), cota 50 (L. do morro de S. Bento), morro de S. Bento.
	Objectivos	encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do Retiro, cotas 60 (S.E. do morro do Retiro), pontes 800 mts. N.O. da Est. de Bangú, sobre o arroio Sarapuhy.
	Missão	assegurar a posse dos objectivos indicados ou pelo menos das cristas (morro de S. Bento, cota 60 — 1 km. E. do morro do Retiro) que dominam a leste o arroio Sarapuhy.

2º Esquadrão	Itinerario	<p>Cota 60 (S. da Faz. de Eng. Novo) saída L. de Villa Nova - Escola Militar - Est. Real.</p>
	Objectivos	<p>Sahidas N.O. de Bangú. Arroio Sarapuhy. (Cota 60 (O. de Bangú)).</p>
	Missão	<p>Assegurar a posse dos objectivos indicados ou pelo menos cobrir em Bangú o flanco S. do 1º Esq. e do P.M.</p>

b) Cada esquadrão fará a sua propria segurança.

c) A Bda. continua a ser informada pelo 3º Esq. em contacto.

3 — Marcharei com o 1º Esq.

Ligações — Entre os esquadrões:

— na transversal de Villa Nova (300 mts. L. da mangueira da cota 40 — 1.300 mts. O.S.O. da cota 60 (S. da Faz. Eng. Novo).
— na linha a ocupar em fim de movimento.

Execução — Immediata.

III — PHASE DE EXECUÇÃO

Essa ordem é dada á vista e verbalmente a cada capitão.

Em cada esquadrão: execução ao trote e sem incidente.

IV — PHASE DE FISCALIZAÇÃO

O Cel. Cmt. da Vg. assiste ás ordens dadas pelo Cap. Cmt. do 1º Esq. e desloca-se com elle.

C — ESTUDO DA OPERAÇÃO DO 1º ESQ. DO 1º R.C.

R.E.C.C. — 4ª Parte — Artigos 196 a 205

T H E M A

Situação geral — Veja a do 2º exercicio (continuação) assim como a ordem dada pelo Cel. Cmt. da Vg.

Situação particular — A's 9,20 a situação do 1º Esq. e do P.M. do 1º R.C. é a seguinte:

Pelotão Testa-ponta (1º Pel. do 1º Esq.)	<p>Ponta (2º Esq.): atinge ao trote a cota 50 (L. do morro de S. Bento) na região da bica (B.).</p>
	<p>Grosso do Pelotão: ainda na cota 40 (600 mts. E. da cota 50).</p>

Patrulha de Flanco (1º esquadra do 2º Pel. do 1º Esq. com 1 sargento) Attinge as vertentes S. da Col. da Torre.

Patrulha de Flanco (1º esquadra do 3º Pel. do 1º Esq. com 1 sargento) Attinge a cota 30 (1 km. S.E. da cota 50).

Grosso do 1º Esq. (2º, 3º, 4º Pel. e P.M.)..... Attingiu o pé das vertentes E. da cota 40 da mangueira (1. km. E. da cota 50).

O Cmt. do Pel. testa-ponta (com o seu ordenança) na cota 40 (600 mts. E. da cota 50), prompto para sahir para a cota 50. — O Cmt. do Esq. (com o seu grupo de commando) na cota 40 (600 mts. E. da cota 50) com a testa.

Informações recebidas ás 9,20:

“Elementos avançados de cavallaria inimiga desembocam ás 8h,55 m. na região Santíssimo, morro do Taquaral, marchando para L. — A nossa descoberta retira-se diante delles.”

Decisão do Cmt. da Vg. (no que concerne aos 1º Esq. e P.M.)
A Vg. vai cobrir o desembocar da Bda. a O. do arroio Sarapuhy:

1º Esq. e P.M.	<p>Pôr a mão sobre os objectivos seguintes:</p>	<p>Eneruzilhada 500 mts. N.E. do morro do Retiro. As 2 cotas 60 (S.E. do morro do Retiro).</p>
		<p>As 2 pontes (800 mts. N.O. da Est. de Bangú sobre os arroios das Tintas e Sarapuhy.</p>

O Cmt. do 1º Esq. e do P.M. estão na cota 40 (600 mts. E. da cota 50) com a testa.

I — PHASE DA REFLEXÃO

1º) *Onde se acha o inimigo?*

Resposta: — O inimigo desembocou ás 8h.55 m. na região Santíssimo-morro do Taquaral, marchando para L. — A nossa descoberta retira-se diante delle. São 9h.20 m.

O inimigo pôde estar a cerca de 2 a 3 kms. a O. do arroio Sarapuhy, isto é, distante deste arroio tanto quanto o esquadrão.

2º) *De que se trata?*

Resposta: — A missão é assegurar a posse da linha balisada por:

- encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do Retiro;
- cotas 60 (S.E. do morro do Retiro);

— pontes 800 N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio Sarapuhy ou, pelo menos, das cristas (morro de S. Bento-cota 60, 1 km. E. do morro do Retiro) que dominam a leste o arroio Sarapuhy.

E' preciso, pois, em primeiro lugar, reconhecer sucessivamente essas 2 linhas de alturas com elementos ligeiros, mantendo o grosso prompto para apoial-os, conforme os acontecimentos, no sentido da missão.

Emfim, dada a situação provável da cavalaria inimiga, faz-se necessário agir depressa de modo a procurar atingir antes della a linha que a ordem manda ocupar.

a) *Como agir conforme o terreno?*

Resposta: — Os elementos ligeiros de reconhecimento já estão orientados:

Pel. testa-ponta	<i>Direcção: Morro de S. Bento, passagens N.O. deste morro sobre o arroio Sarapuhy, cotas 60 S.E. do morro do Retiro.</i>
1 patrulha do 2º Pel.	<i>Direcção: cota 60 (1 km. E. do morro do Retiro), encruzilhada 500 metros N.O. do morro do Retiro.</i>
1 patrulha do 3º Pel.	<i>Direcção: linha de tiro do Realengo — passagens 800 metros N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio Sarapuhy.</i>

Nada a mudar nesse dispositivo.

Estes elementos informarão a respeito das duas linhas de alturas acima indicadas.

Quanto ao grosso do Esq. e ao P.M. devem ficar em condições de apoiar os elementos de reconhecimento. Devem, pois, estar na região das vertentes E. e S.E. da cota 50 (L. do morro de S. Bento), enquanto o pelotão testa-ponta e patrulhas de flanco efectuam o seu reconhecimento. Nessa região os pelotões do grosso estacionarão de tal modo que cada um possa eventualmente apoiar com facilidade os elementos de reconhecimento que destacou (2º e 3º pelotões).

b) *Qual o efectivo a empregar?*

Resposta: — Questão resolvida.

c) *Quando iniciar a acção?*

Resposta: — Immediatamente.

II — PHASE DA DECISÃO

Ordem verbal — Typo n. 1 (movimento — dada á vista)

1 — A descoberta informa que elementos avançados de cavalaria inimiga desembocaram ás 8h.55 m. na região Santíssimo-morro do Taquaral marchando para leste.

A descoberta retira-se diante delle.

O 1º Esq. e o P.M. têm por missão assegurar a posse da linha balisada por:

- encruzilhada 500 metros N.E. do morro do Retiro;
- cotas 60 (S.E. do morro do Retiro);

— pontes 800 mts. N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio Sarapuhy ou, pelo menos, das cristas morro de São Bento, cota 60 (1 km. E. do morro do Retiro).

2 — Em consequencia:

a) o grosso (2º, 3º, 4º Pels. P. M.) transportar-se-á para a região das vertentes E. e S.E. da cota 50 (L. do morro São Bento);

2º, 4º Pels. P.M. *pelas vertentes S.O. da cota 40 (1km E. da cota 50) cota 40 (600 mts. E. da cota 50) para a região coberta a E. da bica da cota 50.*

1º Pel. *pelas vertentes S.O. da cota 40 (1km E. da cota 50) e o valle compreendido entre a cota 40 (600m E. da cota 50) e a cota 30 (400m S.E. dessa ultima) para a região coberta situada entre as cotas 40 (600m E. da cota 50) e 30 (400m S.E. dessa ultima).*

b) coberto por:

1º Pel.	Direcção	{ Morro de S. Bento-pontes N.O. do morro de S. Bento sobre o arroio Sarapuhy-cotas 60 (S.E. do morro do Retiro).
	Missão	{ Reconhecer: morro de S. Bento, passagens N.O. desse morro sobre o arroio Sarapuhy, cotas 60 (S.E. do morro do Retiro).
1 patrulha do 2º Pel. (1 sgt.-1 esquadra)	Direcção	Cota 60 (1 km. E. do morro do Retiro), encruzilhada 500 mts. S.E. do morro do Retiro.
1 patrulha do 3º Pel. (1 sgt.-1 esquadra)	Direcção	Linha de tiro de Realengo, pontes 800 mts. N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio Sarapuhy.

c) Informado pelo destacamento de descoberta ao contacto.

3 — Marcharei com a testa.

Execução immediata.

III — PHASE DA EXECUÇÃO

Essa ordem, depois de um giro de horizonte, é dada:

— à vista ao Cmt. do 1º Pel.;

— ao grosso por intermedio dos agentes de ligação;

— as patrulhas de flanco já estão orientadas.

Neste momento ouvem-se tiros em direcção ao morro de S. Bento.

IV — PHASE DA FISCALIZAÇÃO

O Cap. Cmt. do 1º Esq. assiste da cota 40 (600 mts. E. da cota 50), à partida do 1º Pel. e ao desembocar do grosso a O. da cota 40 (1 km. E. da cota 50).

Transporta-se depois para cota 50 com o seu grupo de commando.

INFORMAÇÕES RECEBIDAS PELO CAP. AO ALCANÇAR A COTA 50 (ÀS 9^h,30^m)

a) do Pel. testa-ponta (1º Pel.) — Ao descer as vertentes N.O. do morro de S. Bento, ponta recebida a tiros de 1 A.A. collocada na cota 60 (1 km. S.E. do morro do Retiro). Entrei em ligação com 1 Pel. do 3º Esq. localizado no morro de S. Bento (vertentes O.). Segundo as informações deste último, o inimigo ocupa as cotas 60 (S.E. do morro do Retiro) assim como as duas passagens N.O. do morro de S. Bento sobre o arroio Sarapuhy. Prosigo na minha missão.

b) da patrulha do 2º Pel. — Patrulha recebida a tiros de fuzil ao desembocar a O. da cota 60 (1 km. E. do morro do Retiro). Ponte do arroio Sarapuhy, imediatamente ao Sul da região pantanosa O. da cota 60, ocupada pelo inimigo assim como a margem O. desse arroio ao N. dessa ponte.

c) da patrulha do 3º Pel. — Pude atingir a pinguela 500 mts. N. da Est. de Bangú sobre o arroio das Tintas donde proseguir a pé, a pinguela não dando passagem a cavalo.

Depois de ter transposto o arroio das Tintas a minha patrulha foi recebida a tiros de fuzis, partindo das vertentes S. da cota 60, imediatamente ao N.O. da pinguela.

Estou agora detido por tiros partindo da região da ponte 800 mts. N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio Sarapuhy em que o inimigo parece manter um pequeno elemento.

Entrei em ligação com elementos do 3º Esq. que ocupam a ponte 400 metros N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio das Tintas.

ORDEM DADA PELO CAPITÃO AO RECEBER ESSAS INFORMAÇÕES

I — PHASE DA REFLEXÃO

1º) Onde se acha o inimigo?

Resposta: — O inimigo ocupa as 2 passagens N.O. do morro de S. Bento sobre o arroio Sarapuhy, as 2 cotas 60 (S.E. do morro do Retiro) e a passagem 800 metros N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio Sarapuhy.

1º Pel. e patrulhas dos 2º e 3º Pels. não puderam atingir o arroio.

Um Pel. do 3º Esq. ocupa as vertentes O. do morro de S. Bento.

2º) De que se trata?

Resposta: — Missão recebida (Vejam ordem precedente).

Ora, até agora só foi atingida a linha de altura balizada por cota 60 (1 km. E. do morro do Retiro morro de S. Bento).

Os elementos ligeiros de reconhecimento não puderam alcançar as objectivos fixados pela minha missão encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do Retiro, cotas 60 (S.E. do morro do Retiro), pontes 800 metros N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio Sarapuhy, onde é preciso cobrir o desembocar do grosso a O. do arroio Sarapuhy.

O que os elementos de reconhecimento não puderam fazer, talvez que o grosso o possa. Necessário é, pois, procurar atingir os objectivos e para isso atacar a resistência inimiga que se revelou.

Além disso, trata-se de uma missão de reconhecimento e o ataque fará um excellente reconhecimento.

a) *Como agir?*

Resposta: — É evidente que é preciso abordar ao mesmo tempo toda a frente que a ordem manda reconhecer e manter, isto é, uma frente de 1.000 a 1.200 metros.

3 pelotões bastarão para isso.

O P.M. e o Pel. do 3º Esq. — apoiarão a progressão destes Pels. e assegurarão, além disso, em caso de insucesso a posse do morro de S. Bento e da cota 60 (1 km. E. do morro do Retiro).

Emfim, em caso de bom êxito é indispensável poder guardar o contacto e reencetar o movimento para O. Para isso, guardar uma reserva a cavallo.

b) *Como adaptar isso ao terreno? c) Qual o efectivo a empregar?*

Resposta:

1 Pel. (1º Pel.) — Objectivo	{ As 2 passagens N.O. do morro de S. Bento sobre o arroio Sarapuhy. As 2 cotas 60 (S.E. do morro do Retiro).
1 Pel. (2º Pel.) — Objectivo	{ Encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do Retiro. Vertentes S.E. do morro do Retiro.
1 Pel. (3º Pel.) — Objectivo	{ As 2 pontes 600 metros N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio Sarapuhy.
1 Pel. (4º Pel.) { Reserva a cavallo. Situação inicial	{ Entre cota 50 e morro de S. Bento prompto para se deslocar quer pelo N. quer pelo S. do morro de S. Bento.
P.M.	{ Vertentes N.O. do morro de S. Bento e vertentes O. da cota 60 (1 km. E. do morro do Retiro). Missão
	{ Apoiar a progressão dos pelotões a O. e N.O. do morro de S. Bento. Em caso de insucesso assegurar junto com o Pel. do 3º Esq. a posse do morro de S. Bento e da cota 60 (1 km. E. do morro do Retiro).

d) *Quando iniciar a acção?*

Resposta: — Immediatamente.

II — PHASE DA DECISÃO

Ordem verbal — Typo n. 1 (atitude offensiva).

1 — Os elementos de reconhecimento do Esq. atingiram as vertentes O. do morro de S. Bento e da cota 60 (1 km. E. do morro do Retiro) mas não puderam transpôr o arroio Sarapuhy.

O inimigo ocupa as duas passagens N.O. do morro de S. Bento sobre o arroio Sarapuhy, as cotas 70 (S.E. do morro do Retiro) e a ponte 800 metros N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio Sarapuhy.

O 1º Esq. e o P.M. vão procurar se apoderar da linha: encruzilhada 500 metros N.E. do morro do Retiro, cotas 60 (S.E. do morro do Retiro), pontes 800 metros N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio Sarapuhy.

2 — Em consequência o Esq. e o P.M. atacarão no seguinte dispositivo:

1º Pel. — Objectivos	{ As 2 pontes N.O. do morro de S. Bento sobre o arroio Sarapuhy, cotas 60 (S.E. do morro do Retiro).
2º Pel. — Objectivos	{ Encruzilhada 500 metros N.E. do morro do Retiro, vertentes N.E. do morro do Retiro.
3º Pel. — Objectivos	{ Pontes 800 metros N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio Sarapuhy.
P.M.	{ Apoiar o desembocar dos Pels. a O. e N.O. do morro de S. Bento. Em caso de insucesso manter a posse do morro de S. Bento e cota 60 (1 km. E. do morro do Retiro) junto com o Pel. do 3º Esq. O Cmt. do P.M. procurará posições de tiro nas vertentes N.O. do morro de S. Bento e vertentes O. da cota 60.

4º Pel.	Reserva a cavallo.	Entre o morro de S. Bento e cota 50, prompto para se deslocar ou pelo N. seja pelo S. do morro de S. Bento.
O Pel. do 3º Esq. — Missão.....	Posição inicial	
O Pel. do 3º Esq. — Missão.....		Apoiará a progressão dos Pels. do 1º Esq. Em caso de insucesso, manter juntamente com o P.M. a posse do morro de S. Bento.
3 — P.C. do Capitão.....	durante o ataque — Vertentes N.O. do morro de S. Bento. Depois de conquistado o objectivo	Collo entre morro do Retiro e cota 60 ao S.E.

Execução immediata.

III — PHASE DA EXECUÇÃO

Ao alcançar a região das vertentes E. e S.E. da cota 50, os Cmts. de pelotão (2º, 3º, 4º) e do P.M. ouvindo tiros reuniram-se ao Cap. (na cota 50).

E' deste ponto que este lhes dá verbalmente a sua ordem:

- em 1º lugar ao Cmt. do P.M. (afim de acelerar a sua entrada em ação);
- depois ao Cmt. do 3º Pel (caminho maior para percorrer).

Transporta-se depois ao morro de S. Bento (vertentes N.O.) onde dá ordens aos Cmts. dos 1º, 2º e 4º Pels. (á vista) e ao Cmt. do Pel. do 3º Esq.

IV — PHASE DA FISCALIZAÇÃO

O Capitão assiste do morro de S. Bento (vertentes N.O.) ao desembocar dos 1º e 2º Pels. e às disposições tomadas pelo P.M.

EXERCICIOS PARA AS SUB-UNIDADES

(no quadro do exercício de conjunto do 1º Esq. e P.M.)

PARA CORRIGIR OS ERROS COMMETTIDOS DURANTE O EXERCICIO DE CONJUNTO DO ESQ.

R.E.C.C. — 4ª Parte — Artigos: 220 a 223 — 230 a 236 — 238 — 240 e 241

P E L O T Ó E S

1º Pelotão

Desembocar do 1º Pel. a O. do morro de S. Bento:

- actuação da ponta;
- actuação da testa;
- informação.
- ataque a pé deste pelotão (ordem do Cmt. do Pel.);
- o 1º Pel. consegue apoderar-se das passagens N.O. do morro de S. Bento sobre o arroio Sarapuhy;
- elle atinge a ultima coberta mas não a pode ultrapassar;
- ligação com o Capitão.

2º Pelotão

- o seu apear;
- o seu ataque (ordem do Cmt. do Pel.);
- o 2º Pel. consegue sobrepor-se á resistencia inimiga da passagem do arroio Sarapuhy, imediatamente ao S. da região pantanosa O. da cota 60 (1 km. E. do morro do Retiro);
- elle atinge a ultima coberta mas não a pode ultrapassar;
- ligação com o Capitão.

3º Pelotão

— marcha a cavallo do 3º Pel. até a pinguella 500 mts. N. da Est. de Bangú sobre o arroio das Tintas.

- o seu apear;
- a sua progressão a pé em direcção ás pontes 800 mts. N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio Sarapuhy (ordem do Cmt. do Pel.);
- o 3º Pel. consegue atingir com elementos seus a região das casas localizadas entre a ponte (800 mts. N.O. da E. de Bangú) sobre o arroio Sarapuhy, e a cota 60 (S.E. do morro do Retiro);
- abertura do fogo sobre as retaguardas da resistencia inimiga da cota 60.

— o 3º Pel. ocupa as pontes (800 mts. N.O. da Est. de Bangú) sobre o arroio Sarapuhy e dá conta ao Cmt. do Esq.

4º Pelotão

- localização inicial deste Pel. de res. a cavallo (entre morro de S. Bento e cota 50);
- a sua articulação;
- a sua ligação com o Capitão.

P. M.

Ordem do Cmt. do P.M.:

- marcha de approximação a cavallo das S.M.
- apear;

— installação;

— abertura do fogo;

— ligação com o Capitão.

Às 9,50, o fogo inimigo das cotas 60 (S.E. do morro do *Retiro*) apaga-se.

Patrulhas de combate mandadas pelos 1º e 2º Pels. progridem em direcção ás cotas 60 sem serem inquietadas.

O inimigo abandonou essas cotas como o confirma uma informação do 3º pelotão.

Progressão dos primeiro e segundo Pels. para seus objectivos.

Remessa, pelo Capitão da res. a cavallo (4º Pel.) para o eixo de marcha (est. sul do morro do *Retiro*) como novo pelotão testa-ponta, enquanto os Cmts. de Pel. e do P.M. mandam avançar os seus cavalos de mão, afim de montarem novamente e reencetarem a marcha.

Às 10,5 o esquadrão e o P.M. ficam promptos para continuar o movimento para Oeste.

EXERCICIOS PARA AS SUB-UNIDADES

(no quadro da operação do 1º Esq. e P. M.) para corrigir os erros commettidos durante o exercicio de conjunto de esquadrão

Para os 1º, 2º e 3º Pels.

- actuação das patrulhas de combate.
- ocupação dos objectivos.

Para o 4º pelotão

- ligação da reserva a cavallo com o capitão;
- desembocar da reserva a cavallo.

Para o 1º, 2º e 3º Pels. e P.M.

- ligação dos Pels. e das S.M. com os cavallos de mão;
- chegada dos cavallos de mão;
- montar.

O B S E R V A Ç Õ E S

Número um. — Quando diante da acção da Vg. o inimigo se retrai, incumbe aos elementos do 3º Esq. (destacamento de descoberta) guardar o seu contacto.*Número dois.* — O 1º factor de um sucesso nesta operação reside na rapidez de execução; o 2º na attide do Esq. de descoberta.O Cmt. deste ultimo, ao chegar na região de *Bangú*, sabendo que a Bda. está a chegar, deve, a todo o transe, agarrar-se no morro de *S. Bento*, cujo valor apparece logo.

Fazendo isso, faciliza consideravelmente o papel da Vg. e talvez o da Bda.

Número tres. — O presente exercicio mostra que o engajamento dos primeiros elementos de cavalaria tem geralmente por fim o combate pelo fogo. Alguns desses elementos serão logo detidos na sua progressão a cavallo, outros poderão progredir mais longe.

Uns e outros devem transportar os seus meios de fogo a cavallo o mais depressa e o mais longe possivel, numa palavra, explorar ao maximo o movimento e a plasticidade da arma montada antes de recorrer ao combate a pé.

Senão, a cavalaria tornar-se-á infantaria montada.

CRITICA DO EXERCICIO DE CONJUNTO DE ESQUADRÃO QUE PRECEDE

(A titulo de exemplo)

ENGAJAMENTO DE UM ESQUADRÃO DE VG. E PM.

Pelotão testa-ponta. — Recebidos a tiros, os cavaleiros da ponta (exploradores de frente e de flanco), galopam até o 1º abrigo, apeiam e continuam a sua missão a pé.

Um elemento de segurança ou de reconhecimento que só apeia para se abrigar, abandona a sua missão.

Não aproveitar da mais proxima coberta para se apeiar é abandonar pontos de terreno que o inimigo ocupará.

— O pelotão testa-ponta que encontra o contacto não tem de travar o combate, mas de tomar este contacto para informar o Capitão. Essa tomada de contacto pelo pelotão testa-ponta pôde levar o inimigo a se retrair se estiver fraco.

Senão, o pelotão testa-ponta detido no eixo de marcha permanece ao contacto para servir de base ao desenvolvimento do esquadrão.

O apear. — O apear executa-se atras da ultima coberta (á prova de balas).

— Os grupos de cavalos de mão nunca devem estar descobertos atras dos atiradores (mesmo atras de uma vegetação que não protege contra o fogo), afim de não receber as balas destinadas aos atiradores detidos.

Disposições preparatorias para o engajamento a pé. — Enquanto (e não depois) o chefe recebe a sua ordem e faz o seu reconhecimento, o seu substituto:

- faz apear a tropa;
- fixa o logar dos cavalos;

— reune os combatentes a pé;
 — e, toda vez que a direcção do engajamento é conhecida pelo chefe, antes de partir para o reconhecimento, dirige os combatentes até à ultima coberta, numa formação apropriada e desenfiada.
 Ganha-se, assim, algum tempo, factor importante nos engajamentos de Vg.

Metralhadoras. — Na offensiva, quer se trate de combinação de fogo e de movimento a pé, ou de combinação de fogo e de choque, são as metralhadoras que devem entrar em acção em 1º logar.

O chefe deve, pois, facilitar a sua entrada em acção:

— dando-lhes um logar conveniente no dispositivo de aproximação (as unidades de 1º escalão — metralhadoras — unidades em reserva);
 — dando-lhes ordens em 1º logar.

Progressão a pé. — Procurar a invisibilidade nas progressões a pé.

A ordem dispersa é a regra.

Um elemento que conseguiu progredir e desbordar uma resistencia inimiga que detem o seu vizinho tem o dever de auxiliar este ultimo.

Elle deve agir de flanco pelo seu fogo contra a resistencia inimiga enquanto mantiver a permanencia na sua propria direcção.

Permanencia da observação, do contacto e da informação. — Unidades detidas pelo fogo só podem dar conta que o terreno se tornou livre depois que as suas patrulhas de combate tenham verificado não só a cessação do fogo, mas a partida do inimigo.

Reserva a cavalo. — Uma tropa de cavallaria encarregada de uma missão de segurança ou de descoberta e conduzida pelas circunstancias a engajar um combate pelo fogo afim de abrir uma porta para si deve sempre guardar uma reserva a cavalo para retomar o mais cedo possível a sua missão e o contacto.

— O chefe dessa tropa deve pois orientar de antemão o Cmt. da reserva a cavalo a respeito da sua futura missão.

— O Cmt. da reserva a cavalo deve fazer tudo para estar prompto para agir.

Cavallos de mão. — O grupo de cavallos de mão é um *elemento de combate* (elemento de mobilidade, de remuniciamento, reserva de pessoal) de uma tropa de cavallaria que combate a pé.

A sua ligação com o chefe deve ser constante. O seu Cmt. deve procurar manter-se ao par do que se passa na frente (iniciativa).

O Cmt. da tropa deve ordenar:

— collocação inicial;

— conducta a manter em caso de progressão ou de retirada.

O Cmt. dos cavallos de mão dá ordens em função da situação e prescreve medidas de segurança.
 — Na instrucção, cuidar da instrucção dos graduados no papel de Cmts. dos grupos de cavallos de mão;

— ligação constante com os combatentes a pé;

— evitar como pontos de estacionamento encruzilhadas e de modo geral, os pontos de reparo facil. Dissimulação dos grupos.

Retomada da acção a cavalo.

1º) destacar a reserva a cavalo como nova descoberta ou nova Vg.;

2º) ao mesmo tempo aproximar os grupos de cavallos de mão dos combatentes a pé cuja missão está determinada.

Conclusão: Ligação constante entre o Cmt. da tropa, as unidades engajadas, o Cmt. da reserva a cavalo e os Cmts. dos grupos de cavallos de mão.

Redacção das informações. — Importancia do ponto e hora de partida da informação.

— A informação deve ser legivel.

— Evitar mandar informações de pormenores inuteis ao chefe a respeito do que se tem feito. O estafeta assim empregado talvez faça falta quando se tratar de uma informação importante.

"Ainda mais uma vez, a Victoria é o apanho dos Exercitos que manobram, isto é, dos que são mais instruidos. Dia a dia, ella exige de todos o Saber". (Marechal Foch).

"Quando um homem de guerra tem a convicção intima de ser instruido, quando sabe que por meio da instrucção adquirida poderá facilmente orientar-se nas circumstancias dificeis que se lhe apresentarem, seu caracter se rebustece; adquire a faculdade de tomar a tempo resoluções nitidas e de pol-as praticamente em execução.

(Gen. Pewker.



Escolas Militares na Inglaterra

N. R. — O que em seguida se lê é extrahido de "La Guerra y su preparacion" de Madrid, onde se encontra uma excellente correspondencia do addido militar de Hespanha, Ten. Cel. Espallargas, em Londres. O luxo de escolas correspondente à riqueza ingleza..."

Existem na Inglaterra duas Escolas Militares, a de Sandhurst (**The Royal Military College**) para infantaria, cavallaria, tankes e intendencia; e a de Woolwich (**The Royal Military Academy**) para artilharia, engenharia e transmissões.

O estudo feito nestas escolas não visa fornecer todos os conhecimentos indispensaveis aos que querem seguir a carreira militar e sim fornecer uma primeira etapa de estudos que devem ser continuos. Assim o estudo nellas feito visa fornecer: conhecimentos geraes e militares basicos: uma instrucción individual do soldado, completo manejo e emprego das armas, equitação, gymnastica e tudo mais que um perfeito soldado deve saber. A instrucción para o Commando de pelotão e secção é dada nos regimentos; nas escolas presta-se mais atenção ao ensino, que não pode facilmente ser feito nos corpos.

Os alumnos fazem nessas escolas um curso de 18 mezes onde estudam: Arte e Historia Militares, Hygiene Militar, Organisação do Exercito, Legislação penal militar; Mathematica, Physica, Chimica, Biologia (Electricidade e trabalhos em Laboratorios); Constituição Inglesa, Assumptos Nacionaes e Estrangeiros historicos, politicos geographicas e economicos; Questões de actualidade; Jogos athleticos. Além destes assumptos mais dois escolhidos livremente entre os seguintes: Francez, Allemão, Mathematica superior, Chimica Aplicada á guerra Engenharia, Mechanica, Electricidade e Radiotelegraphia e estudos das Potencias Européas. Os Jogos athleticos não são obrigatorios mas se lhes attribue grande importancia.

O ensino é essencialmente feito no terreno, laboratorios, officinas e salas apropriadas sob a ajuda e direcção continua dos professores. Todos os alumnos são obrigados a tomar notas, que são depois examinadas pelos professores, inclusive das aulas e conferencias dadas.

Nos horarios reserva-se tempo suficiente para os jogos athleticos e procede-se de modo a que todos tomem parte nestes jogos evitando-se o seu monopolio pelos mais notaveis.

Nota-se que nestas escolas inglesas deixa-se pouco tempo ao trabalho do alumno por conta propria. Em geral, o professor procura estudar e trabalhar mais que o alumno, para facilitar-lhe a tarefa, parece caracteristico da pedagogia ingleza.

Dá-se muita importancia a que o cadete aprenda a ensinar para fazer-se bom instrutor.

Finalmente faz-se nestas escolas grande questão de uma irreprehensivel conducta, de uma elevada moral e de um profundo sentimento do dever militar. E tal é a importancia

atribuida a estes assumptos que parece, visivelmente, pretender-se antes de tudo formar nestas escolas verdadeiros homens, conductores de homens, perfeitos cavalleiros. E por isso os alumnos são denominados oficialmente "Gentlemen Cadets".

+ +

A selecção para as matriculas é rigorosa. O candidato deve ter 18 annos de idade possuir o curso de humanidades e prestar exames de certas materias deante de uma commissão especial. Todos os candidatos são inicialmente julgados por uma Junta que examina os antecedentes pessoaes do candidato e os de familia e sem cujo beneplacito o candidato não pôde submeter-se ás outras provas.

Um certo numero de matriculas, em cada escola, é exclusivamente reservado a pessoal selecc'ionado nos corpos de tropa.

+ +

Em ambas as escolas as installações materiaes são boas e completas sem serem luxuosas. Os alumnos não residem em dormitorios communs e sim em aposentos simplesmente mobiliados. Por companhia existe um pavilhão com banhos, duchas e privadas. Existem ainda casinos, em media, um para duas companhias, dispondo-se de salas de conversação, leitura, biblioteca, bilhar, restaurante, etc., com horas determinadas de funcionamento e limitações a respeito do uso de alcool. Existe tambem um cine-theatro, onde algumas vezes trabalham os proprios alumnos e por vezes profissionaes.

Para a instrucción as escolas dispõem de campos de tiro, picadeiros cobertos, magnificos gymnasios, locaes para esgrima e jogos athleticos, foot-ball, tennis, corridas de obstaculos, natação etc. Além disso as escolas são providas de laboratorios de physica, chimica, gazes, electricidade, radiotelegraphia e de officinas de mechanica, motores e armamento, dando ao trabalho dos alumnos um caracter completamente pratico.

+ +

Reina nestas escolas a mais severa disciplina, ao par de um tratamento da maior distincão social. Os alumnos podem usar trajes civis fóra das escolas e podem entrar e sahir delas em tales trajes. Os refeitórios são organizados como restaurantes sem luxo, onde comem alumnos e professores á mesma hora, sem distincções especiaes. Todo serviço interior é feito pelos alumnos do ultimo anno (3º semestre) Só se admite a repetição de um curso.

+ +

Os alumnos que terminam o curso são classificados e promovidos a 2º Tenentes pela ordem de seu merecimento, ordem que é respeitada para a escolha dos lugares vagos nos corpos onde vão imediatamente servir. Aí são elles, durante dois anos ainda, especialmente instruídos por officiaes do regimento. Os de artilharia, engenharia e transmissões antes de entrar no regimento vão frequentar os seguintes cursos:

artilharia — 4 meses na Esc. de Art. de Larkhill;

engenharia — 2 annos e 10 meses nas Esc. Eng. Militar de Chatlam e Universidade de Cambridge ,civil-;

transmissões — um anno no C. e signaes de Catterick.

Todos estes officiaes assim formados, para que possam exercer certos cargos (Commandos, E. M. Fabricas etc.), devem ainda adquirir os necessarios conhecimentos em correspondentes escolas militares ou civis, conforme o caso particular. Assim tambem se faz ao se tratar dos accessos ulteriores.

Não são elles senão escolas para o recrutamento da oficialidade.

+ +

Existem ainda:

A "Senior Officers School" — em Sheerness, tendo por objectivo ensinar tacctica e assegurar uniformidade ao metodo de applicação dos regulamentos; assegurar aos chefes oportunidade para a troca de impressões em relação aos modernos methodos de instrucção e administração das unidades; dar instrucção tactica aos chefes de unidades; informar sobre a capacidade dos chefes para conduzir a instrucção de um batalhão ou unidade equivalente.

A esta escola devem vir todos comandantes (maiores) antes de serem promovidos a Ten. cols.

Seu curso é de cerca de 3 meses e a instrucção é theorico-prático, fazendo também visita a outras Escolas e Centros de Instrucção.

O "Shafte College" de Camberley — é a Escola de Estado Maior. A matrícula é nella regulada pelo Conselho do Exército. O curso é de 2 annos para um numero medio de 120 alumnos, dos quais cerca de 30 são do E. Indiano, da Marinha e da Aeronáutica.

O Imperial Defense College, de Londres, foi criado em 1927 tendo por objecto o estudo das questões de defesa do Império por officiaes seleccionados do Ex., da Aer. e da Marinha e funcionários civis, os quais devem aprender os largos conceitos da estratégia imperial. O seu director de estudos é o Chefe de E. M. da Junta de Defesa do Império sendo a administração feita pelo Almirantado. Matriculam-se annualmente cerca de 5 officiaes do Ex., 5 da Marinha, 5 da Aeronáutica e 15 são dos Exércitos coloniais e civis.

+ + +

Existem ainda muito numerosissimas escolas para o Ex. Inglez. Entre estas contam-se

as escolas de armas combatentes, escolas para os serviços e escolas especiais.

Entre as escolas de armas citam-se:

Small Arms School — para o ensino de armas portáteis, automáticas e telemetria, incluindo as experiências com as armas referidas. Em 1928 frequentaram esta escola 150 generais e officiaes, notadamente capitães de infantaria e cavalaria e 250 graduados;

Equitation School de Weedon para a formação de instructores de equitação, sobre doma. O curso dura 8 ½ meses; sua frequência é de 20 officiaes e 20 graduados.

Riding Establishment Royal Artillery para instrução a cavalo dos artilheiros, antes de recrutas serem enviados aos corpos;

School of Artillery para o ensino de tática de artilharia aos generais e chefes de todas as armas e tacтика e tiro aos officiaes e graduados da arma, inclusive para estes topographia informações;

Coast Artillery School como a anterior mas só para o que se refere à artilharia de costa;

School of Anti-Aircraft Defence — para estudo do emprego da artilharia antiaérea, projectores etc.;

School of Signals, para ligações e transmissões.

School of Military of Engineering para formação de officiaes de engenharia;

Railway Training Centre para instrução do pessoal relacionado com questões ferroviárias.

School of Electric Lighting para o pessoal da defesa de costa que lida com projectores para instrução de electricidade ao pessoal de engenheiro.

Royal Tank Corps Centrals School — preparo do pessoal dos Tanks;

"Chimica Warfare School" para preparação de instructores de defesa contra os gases e também para cursos de demonstração, para generais e chefes, dos progressos da guerra chimica.

+ + +

As principais escolas para serviços são:

Royal Army Medical College para médicos antes de sua promoção a major; para médicos novos, e para graduados do serviço de saúde;

Army School of Hygiene para o estudo das questões de Hygiene para officiaes de traço e para médicos. Os médicos fazem um curso de 4 meses, durando 3 semanas para os outros;

School of Dispensing — para os farmacêuticos militares;

"Royal Army Service Corps, Training College" para o estudo das questões que se referem ao serviço de intendência, aquartelamento, remonta etc.;

Royal Army Ordonance Corps School Instruction para as questões que se relacionam ao armamento, munições, equipamento e material em geral;

Military College of Science que é ligado ao anterior e se ocupa com o preparo do pessoal ligado à fabricação e conserva do

O Regulamento geral da Educação Physica

Pelo Cap. BERNARD

TRADUZIDO DE "LA REVUE D'INFANTERIE" PELO CAP. BARBOZA LEITE

I P A R T E

S U M M A R I O

I — O Regulamento geral de educação physica publicado pelo Ministerio da Guerra é o primeiro documento oficial que se destina a resolver, em seu conjunto, o importante problema da educação physica integral e que propõe um metodo geral, applicável a todos os franceses, sem distinção de idade ou de sexo e, o que é mais, perfeitamente adequado ao temperamento nacional.

II — O metodo francês, exposto por este regulamento, não deve ser considerado como um sistema artificial de invenção recente; não é obra de um cerebro, nem mesmo de uma instituição. Elle representa cem annos de esforços, de pesquisas pertinazes e de progressos penosamente realizados, dos quais participaram, da maneira mais activa, o Exercito e, desde 1852 a Escola de Joinville. É o fruto de uma longa experiência e de uma rica documentação científica já conhecida e apreciada por grande número de especialistas estrangeiros.

III — O metodo exposto pelo Regulamento geral é eclectico, elle não exclui, a priori, nenhum dos processos capazes de contribuir, efficientemente para o desenvolvimento physico e harmonioso do homem. Contrario a todo dogmatismo elle admite que cada experiência nova deve constituir um marco a mais na estrada do progresso.

EM 1881 George Demeny, preparador no Colégio de França, e cujos trabalhos estavam talhados para influir de maneira bastante considerável na educação physica contemporânea, escrevia: "entre nós ha o habito de considerar a gymnastica sob um ponto de vista muito restricto, em vez de se lhe dar o carácter de generalidade que a torna interessante".

"Uns vêem nella apenas os efeitos exagerados, o desenvolvimento excessivo dos músculos, a procura da dextresa corporal levada até à temeridade. Outros encaram-na apenas pelo prisma militar e patriótico".

"Ha, de cada lado, uma maneira de ver exclusiva, insuficiente, que diminue seu alcance e prejudica seu desenvolvimento".

E, depois de indicar em ligérios traços, os inconvenientes dessas concepções erroneas, Demeny acrescentava:

"Tal não aconteceria se, desde a escola, o

mamento, investigações e experiências. Ali se formam engenheiros industriais.

"Royal Army Veterinary School" para a instrução dos veterinários, ferradores etc.

Alem destas escolas existem muitas outras que se ocupam de varios assuntos tais como polícia, bombeiros etc.

* * *

Aeronautica comprehende tambem varias escolas e academias.

As academias são:

"Royal Air Force Staff College" que corresponde á escola de E. M. da Aeronautica;

"Royal Air Force Cadet College" que corresponde á Escola Militar.

Entre as escolas notam-se:

"School of Army Co-operation para o estudo da cooperação com o Exercito;

ensino da gymnastica revestisse uma forma menos especial e fosse apresentado como um conjunto de regras de hygiene, tão razoaveis como as da moral.

"Este é o unico ponto de vista sob o qual deve ser encarada a educação physica, unico digno de interesse por isso que encontra, na vida, applicação diaria.

"O ponto de vista militar é decorrente delle e constitue uma especialização facil de realizar; para isto não serão precisos longos annos de serviço nas fileiras. Alguns meses de instrução militar serão mais que sufficientes para fazer, de um homem cujo adestramento physico lhe assegura perfeita saúde, um soldado de tempra resistente, o qual, mesmo reintegrado em sua profissão civil, continuará sempre preparado para as fatigas da guerra porque nunca mais abandonará a prática dos exercícios physicos ensinados na escola, prática que passou a

"School of Naval Co-operation" para o estudo da cooperação com a Marinha;

"Royal Avi Force School of Photography" para o estudo de interpretação de photographias;

é frequentada por officiaes do Exercito

"School of Technical Training, Apprentices" para aprendizes de mecanica, de 15 a 17 annos; curso de 3 annos inclusive instrução geral;

"School of Technical Training, Men" para a formação de engenheiros aeronáuticos em combinação com escolas civis.

A aeronautica ocupa ainda mais 13 escolas inclusive a "General and Vocational Training" para preparar officiaes que aspirem fazer estudos superiores e tambem ajudar officiaes e tropa que se preparam para desempenhar certa profissão em seu regresso á vida civil.

fazer parte integrante de sua vida privada e que, por isso mesmo, tornou-se para elle, uma verdadeira necessidade".

Esta concepção tão logica e acertada, segundo a qual a educação physica deverá alcançar o homem desde sua infancia, adaptal-o progressivamente ás suas possibilidades e necessidades preparando-o tanto para suas funcções de soldado como para as de cidadão, capacitando-o, em summa, para produzir trabalho util e duradouro por toda sua vida; esta concepção verdadeiramente racional infelizmente não tinha sido realizada até então.

E' innegavel que os regulamentos officiaes publicados pelos ministerios da Guerra e da Instrucción Publica haviam codificado a educação physica da mocidade das escolas e o adestramento do soldado, mas esses regulamentos não foram inspirados por uma doutrina unica, não se baseavam nos mesmos principios de physiologia e pedagogia e, o que é mais, não se ligavam, em Paris e nas grandes cidades, prestavam pelos laços de continuidade que seria de desejar.

Por tudo isso devemos considerar como marco inconfundivel na historia da educação physica franceza, a publicação, pelo Ministerio da Guerra, do Regulamento geral de educação physica, cuja primeira parte, recentemente aparecia, se propõe resolver, em conjunto, o problema do desenvolvimento physico, integral, do homem.

Um rapido golpe de vista lançado sobre as nossas tradições gymnasticas formadas no longo decurso de um seculo, mostrará, á evidencia, quanto se deve esperar desse regulamento, unica organização que possuimos, presentemente, capaz de beneficiar generosamente nosso paiz cooperando, da maneira mais efficiente, para a regeneração physica da raça franceza tão duramente experimentada na ultima guerra.

Desde 1820, com efeito, numerosos regimentos, em Paris e nas grandes cidades, prestavam-se com interesse, algumas vezes mesmo com entusiasmo, ás experiencias do primeiro methodo de gymnastica franceza, lançado pelo Cel. Amoros, hespanhol de nascimento e naturalizado francez, cujos conhecimentos pedagogicos, genio inventivo e dedicação desinteressada, fizeram-lhe merecedor das mais raras honras, taes como o premio Montyon e o titulo de chefe da escola franceza de educação physica.

Seus discípulos e continuadores de sua obra foram dois officiaes — os capitães d'Argy e Desmontils — e um sargento de engenharia — Napoleão Laisné.

Quando, em 1838, Amoros sentiu o trabalho da destruição que, contra seus esforços, praticavam seus inimigos, abandonou o magnifico Gymnasio Normal civil e militar da praça Duplex, cuja construção havia custado mais de um milhão de francos dos quaes uma bôa parte sahira do seu proprio bolso.

Foi então, o Exercito, o primeiro a reconhecer que um esforço tão grande não devia, de maneira nenhuma, ser abandonado. O Ministro da Guerra nomeou uma commissão presidida pelo Gen. Conde de Rocheret e a encarregou de redigir uma instrução regulando o ensino da gymnastica no Exercito. Por motivos que não

chegaram a ser conhecidos esse documento não logrou ser publicado.

Alguns annos mais tarde foi organizada uma nova commissão presidida pelo Gen. Aupich, contando, entre seus membros, o Cel. Amoros e Napoleão Laisné que além das funções de desenhista executava os exercícios para a preparação das figuras. O trabalho progrediu rapidamente e, em 24 de Abril de 1846, o Ministro da Guerra aprovava o primeiro regulamento francez de gymnastica, destinado aos corpos de tropa e estabelecimentos militares. No mesmo anno foi feita a publicação desse regulamento e tomaram-se todas as medidas para que entrasse em vigor imediatamente.

Entretanto, desde logo, a experiência veiu demonstrar que um regulamento de nada vale quando não se possuem instructores em condições de applicá-lo.

Obedecendo-se ao mais elevado espirito de ordem ficou decidido, desde 1849, a criação de uma Escola Normal de Gymnastica Militar em Fontainebleau.

Todos os planos já estavam delineados por d'Argy e Laisné, mas não chegaram a ser postos em execução porque com a questão politica de restauração do Imperio elles receberam ordem de abandonar essa empresa.

Tres annos mais tarde ficou assentada definitivamente a fundação da Escola Normal de Gymnastica em Joinville-Pont. As adaptações necessarias foram realizadas promptamente e, em 1852, Cmt. d'Argy, auxiliado por Laisné como professor, recebia a primeira turma de 120 alumnos. Dahi por deante esta escola não cessou mais de fornecer um trabalho scientifico considerável e digno do renome que conquistou para si e para a França, até mesmo nos paizes mais afastados de nós.

* * *

De 1852 a 1900, o verdadeiro espirito amosiano não cessou de animar os instructores e monitores de Joinville.

A physiologia applicada aos exercícios do corpo e o estudo da mecanica humana apresentavam muito pouco progresso porque até então ainda não tinham despertado a atenção dos sábios. O ensino na Escola Normal foi, sobretudo, pedagogico e pratico.

Levados pela attracção dos exercícios de acrobacia em apparelhos, tão em moda em todas as sociedades de gymnastica da França e de além Rheno, desejosos de dar provas, em todas as oportunidades, de sua indiscutivel superioridade physica, encorajados neste caminho pelas aclamações do publico admittido a assistir suas demonstrações, os monitores de Joinville pareciam ter esquecido um pouco, principalmente entre 1870 e 1890 que, segundo o preceito de Amoros, a "gymnastica se detém onde começa o funambulismo".

Realmente estes exercícios de selecção constituem seu "sport" de apresentação e as sás tradições pedagogicas do começo continuavam a ser respeitadas na preparação dos alumnos da Escola.

A partir de 1880 os espiritos se orientam por uma nova estrada. As pesquisas de Maray sobre a mecanica animal e o methodo graphico, os estudos originais e persistentes de Lagrange

sobre a physiologia dos exercícios do corpo, fornecem, aos pedagogos e praticos de Joinville os elementos necessários para corrigir o empirismo que regulava um grande numero dos seus processos e os impedia de progredir.

O Cmt. da Escola Normal e seus instructores seguem os trabalhos do círculo de gymnastica racional fundado por Georges Demeny e tomam parte nas discussões e trocas de idéas que reuniram Triat, Paz, os Drs. Dally e Laborde, etc.

Assim elles se puzeram ao corrente das investigações feitas na Suecia, em 1890, pelos Drs. Lagrange e Tissié, por Demeny e Hugues Leclaux.

A Direcção de Infantaria, perfeitamente informada das novas tendencias, publica, em 1º de Fevereiro de 1893, um manual de gymnastica que deve melhorar o ensino desta arte no Exercito.

Estagiarios bem seleccionados são mandados a Joinville; os programmas de instrução soffrem grandes modificações e aumenta-se a praça destinada á pratica dos desportos.

* * *

Em 1900 um congresso internacional instalou-se em Paris. O Exercito faz-se representar nelle por varios officiaes que seguem com assiduidade seus trabalhos. Seus relatorios são submetidos a um minucioso exame no Ministerio da Guerra e, em 7 de Agosto de 1902, um decreto presidencial modifica profundamente a organização da Escola de Joinville, ao mesmo tempo que o manual de gymnastica é substituido por um regulamento aprovado pelo Ministerio da Guerra em 22 de Outubro do mesmo anno.

A novidade mais palpitante consagrada pelo decreto de 7 de Agosto foi a criação do logar de professor de physiologia applicada, na Escola Normal de Gymnastica. Este cargo é confiado a Demeny que conseguiu preparar um laboratorio para lhe permitir continuar as interessantes pesquisas com as quaes chegou a tornar-se notável. Além disso Demeny collaborou tambem na redacção do novo regulamento de gymnastica, o primeiro publicado em França, com fundamentos scientificos reputados sérios. Esse regulamento se dividia em duas grandes partes:

1º — A gymnastica de desenvolvimento e de flexionamento comprehendia "todos os exercícios que têm por fim principal o desenvolvimento methodico das diferentes partes do corpo, tendo em vista augmentar a força de resistencia do homem e flexional-o". Esta primeira parte era toda inspirada na gymnastica sueca.

2º — A gymnastica de applicação, comprehendendo "todos os exercícios proprios para desenvolver o valor do soldado e inspirar-lhe confiança em sua força". Esta segunda parte, descripta em poucas paginas, representava tudo o que se tinha considerado como aproveitável da gymnastica de Amoros.

Em verdade, deve dizer-se que a gymnastica de desenvolvimento e de flexionamento, contida na primeira parte do regulamento, era bem uma inspiração, como dissemos antes, e não a tradução fiel do sistema sueco.

Nella se encontrava bem nitido o cunho do trabalho de Demeny, cuja experiecia de 20

anos tinha sido bastante para expurgar o novo regulamento de tudo aquillo que certos processos suecos tinham de artificial e pouco adaptavel ao temperamento francez.

De 1902 a 1906 Demeny continuou no laboratorio da Escola de Joinville insistindo numa série de estudos sobre physiologia e mecanismo dos movimentos, chegando á conclusão de que o metodo sueco não constitua um dogma intangivel e que, razões ponderaveis, de ordem mecanica e physiologica, indicavam uma profunda modificação de seus elementos, antes de os incorporar definitivamente num regulamento francez.

Elle se bateu, em encarniçadas polemicas, com os partidarios do systema sueco, até então, aceito e praticado em toda sua pureza original. Seus adversarios mais irreductiveis foram o Dr. Tissié e o Cmt. Coste.

Ao assumir, este ultimo, o commando da Escola, Demeny abandonou o logar de professor de physiologia, continuando, porém, por sua propria conta, uma nova série de pesquisas que muito contribuiram para fazer progredir a sciencia da educação physica.

* * *

O Regulamento de 1902 apresentava falhas que se revelavam á medida que ia sendo executado; os principios estavam mal definidos e os exercícios mal classificados; a instrução individual era a regra, enquanto que, a instrução de conjunto, considerada num plano secundario e sómente para alguns exercícios, não era ministrada a grupos homogeneos; os exercícios que constituiam os fundamentos da antiga gymnastica foram radicalmente eliminados e percebia-se que esta reacção tão forte excedia seu objectivo; não seria preferivel utilizar e desenvolver as qualidades excepcionaes dos individuos já adestrados nas sociedades de gymnastica que reuniam um grande numero de jovens e prestavam reaes serviços ao paiz?

Por outro lado, as experiencias proseguem no laboratorio da Escola de Joinville, onde continuam a ser utilizados os apparelhos reunidos e, em grande parte, inventados por Demeny. A 21 de Janeiro de 1910 o Ministro da Guerra põe termo a este periodo de hesitações aprovando um novo regulamento de educação physica que reflecte um progresso real sobre o precedente.

Os exercícios physicos, até então designados pela palavra "gymnastica", passam a ser tratados, mais expressivamente, por "educação physica"; assim se deixa perceber, de uma maneira mais nitida, que a formação physica do individuo deve, indiscutivelmente, entrar no quadro de sua educação geral. E, como, segundo a formula de Pestalozzi, "o espirito da educação deve ser, em todas as circunstancias, o mesmo", para que separar a educação physica da educação intellectual, em vez de submettel-as ás mesmas regras pedagogicas?

O Regulamento de 1910 subdivide-se em tres grandes partes:

1º — A *gymnastica educativa* que "flexiona, desenvolve, sustenta, fortifica e prepara para a gymnastica de applicação".

Esta parte que corresponde á gymnastica de flexionamento e de desenvolvimento, no Regula-

mento de 1902, continua a ser inspiração da *gymnastica sueca*. O methodo de Ling ahi se apresenta, portanto, mais bem comprehendido e mais fielmente exposto do que no regulamento precedente;

2^a — A *gymnastica de applicação* que é a continuação da *gymnastica educativa* depois de ter sido preparada por esta.

Ella tem "por objectivo ensinar o soldado a vencer as difficultades que se apresentarem em campanha". Ao contrario da *gymnastica educativa*, cuja boa execução repousa no maior trabalho, a *gymnastica de applicação* é regida pela lei da economia de forças;

3^a — Finalmente, a *gymnastica de selecção* que comprehende exercícios athleticos nos diferentes apparelhos e alguns desportos (rugby, foot-ball, hockey, etc.) e que é reservada aos individuos mais particularmente aptos, aos quaes se proporciona, assim, o meio de "exercitar ou de desenvolver suas excepcionaes aptidões".

Muito sábiamente esse regulamento acrescentava: "A *gymnastica de selecção*, destinada a augmentar o vigor physico de uma elite, não deve ser levada a ponto de desenvolver certas qualidades em detrimento de outras aptidões necessarias ao soldado em campanha".

"Os exercícios da *gymnastica de selecção*, podendo conduzir a exageros perigosos, capazes de causar lesões organicas e de produzir exgotamento, devem ser empregados methodicamente e fiscalisados pelo instructor com a maxima attenção".

* * *

Em summa, com o Regulamento de educação physica de 1910 o Exercito ficou provido de um bom instrumento de trabalho; a formula eclectica parecia feliz; elle tirava do methodo de Ling os processos educativos já experimentados na Suecia e conservava da *gymnastica de Amoros* as applicações cujo valor utilitario era evidente; elle conservava um logar razoável para a *gymnastica de selecção* em apparelhos, e aos desportos, tendo em vista o aperfeiçoamento physico dos individuos normalmente adestrados.

Demais, em sua applicação pratica, a rigidez reprovada, em geral, nos exercícios suecos, achava-se consideravelmente atenuada, em concordancia com as theorias de Lagrange e de Demeny, bem conhecidas dos pedagogos de Joinville.

Emfim, a 1º de Setembro de 1912, o Ministro da Guerra, publica a instrucção sobre a organização e o funcionamento da Escola Normal de *Gymnastica e Esgrina*.

O objectivo da Escola fica ahi bem definido em detalhes e, de conformidade com o parecer da commissão interministerial creada por decreto de 22 de Dezembro de 1904, para "unificar os methodos nas escolas, *gymnasios* e corpos de tropa".

Não é talvez, demais, reproduzir aqui, integralmente, o artigo 1º da instrucção de 1º de Setembro de 1912, para recordar o papel importante desempenhado pela Escola de Joinville na elaboração do Regulamento Geral de Educação Physica:

Art. I — A Escola tem por fim:

1º — Ensinar aos officiaes tudo que diz respeito á educação physica da tropa;

2º — Formar monitores e instructores de educação physica para as escolas militares e corpos de tropa;

3º — Preparar os professores, em serviço nas fileiras, para a sua função;

4º — Preparar os alumnos da Escola normal superior de ensino primario de Saint-Cloud, nos methodos da educação physica da mocidade;

5º — Procurar, com a cooperação do pessoal de serviço auxiliar e contando com o pequeno Estado Maior da Escola, os meios e methodos que permittam o melhoramento physico dos militares desta categoria;

6º — Formar mestres de armas para o ensino da esgrima;

7º — Finalmente, estudar os aperfeiçoamentos a introduzir nos methodos da educação physica e da esgrima, experimentar os processos novos e propor ao Ministerio da Guerra as medidas necessarias para a vulgarização de seu uso no Exercito.

Joinville adapta-se logo á nova obra.

Quatro cursos de dez semanas são organizados annualmente, para os professores sujeitos ao serviço militar.

O numero de alumnos que no começo era de 300, mais ou menos, por curso, ascende a 600, em 1914.

Os jovens professores manifestam um bello adestramento e os resultados obtidos vêm testemunhar a oportunidade e a sabedoria de uma medida que teria sido capaz de dotar todas as comunas da França com professores de educação physica competentes e que teria, certamente, realizado a unificação dos methodos, tão desejada, se a guerra não tivesse vindo tão bruscamente entravar sua marcha.

1914! A Escola Normal de *Gymnastica* fecha suas portas e cada um segue para onde lhe chama o cumprimento do maior dever. Mas, desde o fim de 1915, surge a preocupação obstinada de recuperar os soldados convalescentes e reeducaveis, bem como, de antecipar ou acelerar a maturidade physica das novas classes de jovens que o "front" reclama.

O problema a resolver é delicado e assemelha-se muito pouco ao da educação methodica dos jovens ou recrutas que têm deante de si todo o tempo necessário. Com effeito, torna-se indispensavel, antes de tudo, andar com pressa.

O momento não é mais para as discussões subtils de escola, urge adoptar, sem demora, um sistema ao mesmo tempo simples e efficaz, susceptivel de uma applicação gradual e progressiva, a individuos cujo valor physico pode ser muito diferente; torna-se necessário, por fim, que esse methodo possa ser facilmente comprehendido e praticado, com satisfação, por aquelles que a elle deverão ser submettidos, em vez de aborrecelos.

Em Maio de 1916 a Escola de Joinville se reabre. O Ministerio da Guerra ahi reune um punhado de instructores e monitores. Todos sentem-se bem animados: suas qualidades pessoais foram retemperadas nesta mesma officina e todos elles sabiam bem como as qualidades moraes ahi encontram innumerias oportunidades de emprego.

Este nucleo de trabalhadores põe mãos á obra com intenso ardor. Nos methodos anteriores, officializados ou não, e muito particularmente no Regulamento de 1910, elles encontram os elementos considerados como uteis á instrução physica das classes recuperadas ou novas, isto é, um pouco mais fracos do que as classes normaes.

A 20 de Junho de 1916 é publicado um primeiro "guia-memento" muito interessante no ponto de vista theorico, pois contém, em germe, um certo numero de principios pedagogicos e processos que foram conservados pelo regulamento actual.

As primeiras paginas desse documento são consagradas a um estudo critico, muito rapido, dos methodos e regulamentos anteriores; a conclusão que põe termo a essa critica pôde ser assim resumida: o metodo empregado para os recuperados e recrutas das classes novas deve ser, antes de tudo, "expurgado de todas as considerações desportivas ou plasticas"; é preciso sacrificar um grande numero de movimentos da gymnastica educativa do Regulamento de 1910, que não são de absoluta necessidade e substituir os por exercícios de carácter nitidamente utilitario, unicos capazes de desenvolver rapidamente as qualidades moraes e physicas que o soldado é obrigado a empregar em combate.

E foi assim que, advertidos pelos ensinamentos da guerra, os educadores de Joinville em 1916 introduziram seu novo metodo no quadro tradicional da escola francesa de educação physica, da qual Amoros e Demeny podem ser considerados como os principais precursores.

Embora esses educadores tivessem de preparar homens de valor physico inferior ao normal, não julgaram conveniente submettel-os primeiro a uma gymnastica de flexionamento e de desenvolvimento e depois a uma gymnastica de applicação e de exploração.

Suas idéas baseavam-se nos principios de physiologia applicadas tal como os expozi La-grange, affirmando que é possível, numa mesma lição, continuar os exercícios de uma e outra gymnastica e que, bem conduzidos, a maior parte dos exercícios de applicação tornam-se susceptiveis não só de educar o sistema nervoso, mas ainda, de flexionar as articulações, desenvolver os musculos e agir muito efficazmente sobre todos os orgãos internos, principalmente sobre o coração e os pulmões.

O exito obtido mostrou que elles tinham razão e a prova está em que, a edição prevista e augmentada do guia pratico de educação physica publicada em 1917, embora apresente melhoramentos de detalhe, conserva essa idéa fundamental como base do metodo.

(Continua)

Companhia Paulista de Material Electrico

FABRICA "VOLT-AMPÉRE"

Teleph. C. 3682.

End. Teleg. "Eletrorio"

Rio de Janeiro

MATRIZ: RUA SÃO JOSÉ, 74 / 76

Importadores em grande escala de material electrico em geral.

Fabricantes de fios e cabos nus e isolados, chaves-facas, para-raios, bobinas de self, transformadores e diversos.

ENCARREGAM-SE DE ORÇAMENTOS E INSTALAÇÕES DE LUZ E FORÇA

PREÇOS UNICOS

Representantes em todos os Estados do País, Filial em Juiz de Fora — Rua Helfeld, 365
Agentes em Belo Horizonte — Moreira & Cia, em São Paulo — Soc. Tech. "Bremen-sis" Lta.

A propósito do serviço militar

"PARAHYBA, 25 Janeiro—(A. O.)— Devido ao interesse demonstrado pelo governo do Estado no sentido de que o alistamento militar seja um facto na Paraíba, nota-se, já, que as juntas do interior estão arrolando os nomes dos futuros servidores da nação, sem distinção de família.

Todos os dias são presos em todo o Estado, insubmissos."

Já aqui havemos assinalado que a solução do problema do Serviço Militar entre nós só podia ser definitivamente obtida depois que as elites directoras houvessem se reeducado suficientemente, tendo tomado conhecimento pleno das necessidades nacionais e havendo adquirido hábitos convenientes, notadamente hábitos de amor à verdade, hábitos de respeito à lei e o hábito de tornar as attitudes práticas pessoas coerentes com as próprias concepções teóricas. É preciso haver no país um trabalho reformatório que não consista apenas em ensinar a linguagem escrita e regras de gramática aos que não sabem ler. É preciso estabelecer-se um verdadeiro processo de cura, que é em que consiste, em última análise, a reeducação. A característica fundamental de nossos erros é a incoherência palpável, flagrante, entre as predicas e as ações, o que não é senão doença mental ou da vontade, como queiram. Nada mais comum aqui do que se ver alguém agir contraditoriamente ao que aconselha e prega aos outros, como é também comum a frouxidão, o abandono em face da impossibilidade de obtenção de resultados totais imediatos, entre muitos fundamentalmente honestos. Em tais casos é a vontade que se torna perniciosa em face a uma desproporção dos esforços a se efectuarem em prol das correcções que todos julgam necessárias.

A prática do serviço militar poderia oferecer um excelente instrumento para auxiliar a reeducação nacional como havemos várias vezes assinalado desde que seja republicanamente executada. Mas esta prática exige um grau de adeantamento, exprime um estado de educação tal que se torna aparentemente impossível obter sem um trabalho prévio sobre os elementos directores, trabalho de esclarecimento, estímulo, correcção e coordenação.

Ora, um tal trabalho não pôde, nem poderia ser efectuado até o ano de 1928, de uma maneira sistemática e produtiva, porque faltava um órgão apropriado que o executasse. Agora, com a criação do Conselho da Defesa Nacional, é elle possível e certamente será levado a efeito.

Tendo sido estabelecido para prover as necessidades militares da defesa nacional, certamente que o preparo dos homens para a guerra; que as possibilidades de uma mobilização útil, deve ser uma de suas primordiais cogitações, num país como o nosso. E para isto

a lei que o organiza e lhe marca o objectivo não se esquece de facultar-lhe os meios, cujos principais residem, sem dúvida, na faculdade de convocar, para suas sessões e para cooperar directamente em seus trabalhos, aquelles que o interesse das questões da defesa nacional a tratar indicar.

+ + +

Certos movimentos isolados, como aquele cuja notícia encima estas linhas, brotando de quando em vez espontaneamente parecem indicar quanto fácil será a um órgão, poderoso de força material e de força moral, como é o Conselho de Defesa Nacional, solucionar a questão.

Isolados como se têm manifestado, estes gestos são de fraca repercussão, nada ou pouco valem praticamente.

Mas de muito servem como symptoms de possibilidades, como indicio de facilidades.

Estes movimentos, honrando muito embora a seus autores, ficam perdidos por falta de repercussão e de continuidade, o que é certamente lastimável, mas servem para mais pôr em evidência as gravíssimas responsabilidades morais e cívicas dos que as têm no assumpto

O serviço militar, como tudo que se refere à defesa nacional, não comporta solução isolada, prende-se ao conjunto de medidas que a preparação desta defesa exige.

De outro lado, porém, tales medidas não podem ser adoptadas de um jacto e dependendo o sucesso de umas do grau de realização atingido por outras desde logo é-se conduzido a pensar na ordem de estabelecer-se para o seu acometimento, a organizar programmas inteligentes de execução.

Afóra as questões de ordem propriamente interna das forças armadas, entre as quais avulta um lógico e apropriado regimen de recrutamento dos quadros de todos os postos, o serviço militar apresenta-se como a mais importante questão da defesa nacional.

Os países de fronteiras terrestres, circundados de vizinhos que o adoptam sob a forma de conscrição geral e obrigatória, não podem fugir ao mesmo regimen sobre pena de ficarem em notável e perigosa inferioridade militar. Mesmo excessivamente ricos e populosos, podendo manter consideráveis efectivos de paz, sustentados por um voluntariado bem pago, suas reservas seriam morosas de formar e de instituir e as reservas é que de facto fazem a guerra.

+ + +

Para a efficiencia plena do serviço militar é preciso, porém, attender-se a que as forças armadas devem estar convenientemente apparelhadas para o praticar. Elle não medrará de modo algum se esta condição não for realizada.

Este apparelhamento é de ordem moral e de ordem material.

Todos os escalões conscientes de suas missões, desde o instructor e recrutas, o monitor;

Táctica de Infantaria

Notas tomadas durante as conferencias realizadas na Escola de Estado Maior, pelo Professor de Táctica de Infantaria Ten.-Coronel Hugues

(Continuação do n.º 178)

VIII CONFERENCIA

O FOGO DEFENSIVO

SUMMARIO

I — Objectivo do fogo da Infantaria na defensiva.

II — Organização de um sistema completo de fogos:

1) Plano de fogo:

— Onde atirar? — localização dos projectis no terreno;

— Quando e como atirar? — desencadeamento do fogo;

— Quem atirará? — dispositivo.

2) Reforçamento da efficacia do fogo:

— emprego do flanqueamento;

— concentração de fogos;

— busca do efecto de surpresa;

— aproveitamento ou criação de obstáculos;

— fixides do dispositivo;

— íntima adaptação dos fogos ao terreno.

3) Salvaguarda da efficacia do fogo

— escalonamento em profundidade e repartição em largura dos órgãos de fogo;

— protecção desses órgãos — aproveitamento do terreno — invisibilidade (cobertas e disfarces);

— intervenção das reservas (contra-ataques).

III — Elaboração do plano de fogo.

IV — Fórmulas particulares do fogo defensivo:

— Postos avançados;

— Missão de cobertura;

— Cortinas de fogos.

O objectivo do combate defensivo é bater o inimigo afim de impedir-lhe o avanço; e o meio essencial de ação do defensor contra o movimento do atacante é o fogo, fogo único em que colaboram a Infantaria e a Artilharia.

Cuidaremos aqui dos princípios, processos de organização e de realização dos fogos de Infantaria, deixando para mais tarde a combinação destes com a Artilharia.

I — Objectivo do fogo da Infantaria no combate defensivo.

Não comportando o combate defensivo a exploração da superioridade do fogo pelo mo-

até o Cmt. de Divisão; todas as formações providas dos meios materiais indispensáveis ao trabalho útil. Nisto consistem as necessidades insophismáveis.

O recruta ao entrar no quartel deve ahi encontrar o exemplo de ordem material e de ordem moral que fructificará em seu cerebro. Sem isto faz-se a contra propaganda do serviço militar, pela incoherencia entre a prática e as predicas, e dificulta-se cada vez mais a solução definitiva do problema.

Não se trata, porém, nem de cercal-o de confortos e luxos que não interessam a sua hygiene, nem de exigir dos quadros permanentes mais que o cumprimento, com convicção e alma dos próprios deveres regulamentares.

vimento como acontece no combate offensivo, pôde-se dizer que aqui, no combate defensivo, esta superioridade de fogos tem um valor próprio e constitue o único e suficiente argumento do sucesso

Disto resulta que na concepção, na preparação e na direcção do combate defensivo tudo é completamente subordinado á realização optima da maior potencia e da maior efficacia do fogo.

No escalão das unidades de Infantaria de que nos ocupamos, pôde-se dizer que a escolha, o preparo do terreno da resistencia e o dispositivo das tropas da defesa são determinados em função do plano de fogo adoptado pelo comando e logicamente não podem ser de outro modo.

II — Organização de um sistema completo de fogos.

Indaguemos inicialmente como o fogo proporcionará o resultado procurado — impedir o avanço inimigo.

Este resultado será obtido:

Normalmente, interdictando ao inimigo o acesso a uma linha definida do terreno e escolhida para a defesa — a linha principal de resistencia;

Eventualmente, se o inimigo conseguir transpor a linha principal em algum ponto, pondo freio e canalizando pouco a pouco o seu avanço no interior da posição até detê-lo e en-

tregal-o enfraquecido e desunido á accão do contra ataque.

Baseada nesses elementos, a organização completa de um systema do fogo defensivo comporta:

1º) combinação apropriada dos fogos das diversas armas de que se dispõe, completada pelas medidas necessarias para garantir o desencadeamento opportuno e a densidade desejada, isto é, o plano de fogo propriamente dito;

2º) um conjunto de disposições complementares, destinadas a reforçarem e a salvaguardarem a efficiencia do fogo.

1) Plano de fogo — O Plano de fogo tem por objecto organizar uma rête completa e profunda de fogos poderosos, em cujas malhas, cedo ou tarde, o inimigo será detido, mesmo que consiga quebrar uma delas.

Esta rede completa comprehende-se:

a) Essencialmente, uma concentração maxima, na frente da posição de resistencia e o mais perto possivel della, de todas as armas que para ahi podem enviar os seus projectis; e que constitue a barreira principal, rigorosamente continua;

b) Subsidiariamente e tanto quanto possível: — aquem da barreira principal, fogos no interior da posição, formando barreiras mais ou menos numerosas, continuas e poderosas e respeitando a compartmentagem do terreno; a ultima destas barreiras no sentido da profundidade é estabelecida na frente da linha de reductos com a maior continuidade possivel;

— além da barreira principal, os fogos dos Postos Avançados (cortina de fogos continuos, nucleos de fogos mais ou menos ligados entre si ou ainda combinação da cortina com os nucleos); os fogos longinquos da posição de resistencia, sem laços necessarios entre si mas adaptados á missão de resistencia ou de recuo dos Postos Avançados;

c) Eventualmente, além da linha de vigilancia dos Postos Avançados fogos de inquietação, de interdicção e de contra preparação;

d) Finalmente, fogos especiaes de defesa contra avião e contra carros.

Semelhante organização representa um programma completo e theorico de organização de fogos, isto é, o maximum a desejar, porem, na pratica varia de acordo com as circunstancias e com o tempo de que se dispõe. Em qualquer caso, existirá sempre como peça capital a barreira principal.

A primeira e mais importante questão a resolver é saber-se onde atirar? — isto é, decidir onde o commando vae localizar os projectis no terreno.

Esta localização não deverá ser feita de qualquer modo, pois que a barreira principal deverá tambem satisfazer a certo numero de condições essenciaes, que são:

— continuidade absoluta da barreira ao longo de toda a linha principal, que deve ser traçada em função daquella e que, portanto, deve ser desviada das zonas em que a efficacia dos tiros seria prejudicada pelos accidentes do solo;

— não reduzir demasiadamente a profundidade da faixa do terreno sobre que devem

cahir os projectis afim de que o fogo tenha tempo de bater e paralysar o atacante qualquer que seja o seu arrojo;

— porem, evitar um excesso na profundidade dessa faixa mesma afim de garantir ao fogo sufficiente densidade.

— com o mesmo fim, deixar aquém da linha principal uma profundidade sufficiente de terreno para a installação das armas, sem o que serão impossiveis as concentrações e superposições de fogos necessarios para dar á barreira a consistencia desejada.

Para todos ou outros fogos da rête essas preoccupações subsistem mas em grao menor de exigencias.

Esta localização dos projectis no terreno constitue a propria substancia do plano de fogo, a sua base; representa, quando as circumstancias exigem pressa, o minimo que o commando deve indicar aos subordinados; é por meio della que este commando manifesta a sua vontade e a sua manobra. Por outro lado semelhante decisão vae permitir que os subordinados trabalhem, não ao acaso, mas orientados de modo a conseguirem a cohesão e combinação indispensaveis.

Decidido "onde atirar?" torna-se necessario saber "quando e como serão desencadeados os fogos?", isto é:

execução dos fogos longinquos da Posição de Resistencia;

desencadeamento da barreira principal (velocidade e duração);

e principalmente, medidas adoptadas para fazer funcionar o systema á noite, com o nevoeiro e com a fumaça e providencias para desencapear o tiro de armas que agem em zonas de accão diferentes das de suas unidades (flanqueamento).

Ha ainda a determinar "quem atirará?", isto é, o dispositivo.

E' evidente que a quantidade de infanteria a collocar em determinada zona depende da densidade que se deseja imprimir á barreira principal nessa zona e da profundidade a realizar (numero e potencia das barreiras successivas).

Por outro lado, a organização do commando e, em particular, a delimitação dos "quarteirões" de batalhão são determinadas principalmente pelas condições de coordenação do fogo impostas pelo terreno. Mesmo a ligação entre unidades vizinhas constitue igualmente um problema de fogos.

Quero, mais uma vez, prevenir-vos contra o mau habito de distribuir em primeiro lugar as unidades sobre o terreno sem se preocupar com os fogos que elles poderão em seguida fornecer; este habito é na maioria das vezes o principal causador da incoherencia, das lacunas e da insufficiencia de todo o systema de fogos.

2) Reforçamento da efficacia do fogo —

Emprego do flanqueamento — São tão grandes a potencia e o rendimento dos tiros em flanqueamento que tudo se deve fazer para consegui-lo; mas infelizmente nem sempre isso

é facil, sobretudo quando se deseja o flaueamento rezente, a pequena distancia e rigorosamente paralelo á frente a flanquear. E' sómente sobre as cartas que as flechas são complacentes e as metralhadoras invulneraveis.

Devemos evitar a concepção demasiadamente theorica do flanqueamento que muitas vezes faz com que nos esqueçamos de que um flanqueamento, não é bastante para barrar ou fechar o intervallo entre dois pontos de apoio. Porém, por certo lado, desta idéa do flanqueamento é conveniente reter a nação de que ella representa: combinação intima de fogos em largura, accão de fogos mais ou menos longinqua e a procura do tiro de escarpa ou de enfiada.

Concentração de fogos — A efficacia do fogo pode ser reforçada pela concentração de fogos.

O sistema de fogos e o dispositivo devem ser concebidos e realizados de modo a permitir em qualquer occasião a concentração do fogo da maior parte das armas automaticas de pontaria estavel, sem outras restrições do que as creadas pelo alcance e pela compartimentagem do terreno.

Graças á concentração assim admittida, as balas provenientes de toda a profundidade do dispositivo podem convergir sobre uma certa zona e evita-se o inconveniente de ter uma zona servida pelo fogo de uma só arma que pôde de um momento para outro ser neutralizada ou destruída.

Essa concentração constitue uma vantagem para a defesa, porque ao contrario desta, o ataque deve dispersar sobre grande extensão o fogo de armas que é forçado a grupar em posição de tiro facilmente conheidas pela defesa.

Busca do efecto de surpresa — Essa busca é tão possivel na defensiva como na offensiva e os efectos da surpresa sobre o atacante podem ser brutas e terríveis, se elle cae sem esperar sob o fogo da barreira principal. Este efecto de surpresa pôde ser conseguido desde que se confie ás metralhadoras collocadas bem para traz da linha principal a missão de fogos longínquos que baterão o ataque em primeiro logar. O atacante poderá desse modo ser levado a montar o seu ataque de fogos contra essas metralhadoras interiores, enquanto que as da barreira principal ficarão desconhecidas e assim mantido o segredo dessa barreira até o momento supremo. E' verdade que para isso tambem convem que as obras de organização do terreno não revelem o traçado da linha principal.

Aproveitamento ou criação do obstáculo — O obstáculo só será estorvo para o atacante se o seu valor for combinado com o fogo das barragens, isto é, se este bater o inimigo immobilizado momentaneamente pelo obstáculo. Mas então o seu valor torna-se colossal, valor este que resalta fortemente quando se deve localizar a barreira principal em contra vertente e com campo de tiro limitado.

Instalação preconcebida do dispositivo e sua fixidez — A possibilidade do movimento, pelo menos de dia e em terreno descoberto, é

tão aleatoria no campo de batalha que convem installar a priori sobre toda a profundidade da posição de resistencia todos os orgãos de fogo, julgados necessarios para quebrar o ataque inimigo.

Essa immobildade preconcebida dos orgãos de fogo permite a combinação e a ajustagem perfeita dos diversos fogos e a preparação minuciosa, methodica e profunda dos tiros, como por exemplo o emprego systematico do tiro amarrado, que zomba da noite, do nevoeiro ou das cobertas dos bosques.

Intima adaptação dos fogos ao terreno — A efficiencia do fogo depende estreitamente de sua exacta adaptação ao terreno; em materia de fogos de infantaria o terreno é mestre e senhor e convem nada prescrever sem ter apreciado no local as suas possibilidades. Um piano de fogo não deve ser verificado pelos esboços porem no proprio local e successivamente para cada arma.

Ha, além disso o maior interesse em attribuir a um mesmo commando o conjunto de um mesmo compartimento de fogo. As combinações de fogo que se impõem no interior de um compartimento exigem unidade de coordenação se as circunstancias levam a fazerem cooperar nessa combinação de fogos duas unidades diferentes, coordenação que deve ser assegurada pelo chefe commun das duas unidades em questão.

3) Salvaguarda da efficacia do fogo — Não é bastante combinar cuidadosa e methodicamente um sistema de fogos e assegurar-lhe por todos os meios utilisaveis um reforçamento de efficacia. E' necessário ainda que no momento em que o fogo deve ser executado, estejam em condições de fazel-o os homens e armas que devem produzil-o; é necessário que não estejam nem destruidos nem reduzidos á impotencia; é necessário que possam agir por muito tempo e continuar activos apesar do inimigo; finalmente, é necessário que estejam sempre em condições de agir quando se apresentar a oportunidade.

A salvaguarda da efficiencia do fogo pôde ser conseguida pelos seguintes principaes meios:

Escalonamento em profundidade e reparição em largura dos orgãos de fogo — Evita accumular os perigosamente em pontos de apoio mal constituidos e prepara a concentração de fogos sobre a zona escolhida; isso constitue medida preciosa e de grandes resultados ao serviço da defesa;

A protecção dos orgãos de fogo — Essa é conseguida pelo aproveitamento do terreno nos seus menores recursos, pela invisibilidade obtida graças ao aproveitamento da coberta, pelo emprego intensivo do disfarce e das falsas organizações. Junte-se a tudo isso a judiciosa organização do terreno, com a criação de trincheiras de tiro, de abrigos de espera, no minimo os rudimentares para o pessoal e material.

O segredo do dispositivo — Além disso, o dispositivo de fogos deve ficar em segredo, isto é, as armas, em maioria devem manter-se em silencio até o momento do combate, a segu-

rança ro dispositivo de fogo deve ser — procurada pelo recuo da posição de resistência e sua protecção por uma zona de segurança, ma's ou menos profunda, e onde o combate dos Postos Avançados aumenta a incerteza inimiga sobre a situação do dispositivo de resistência da defesa.

Intervenção das reservas (contra ataques)
— Por mais completas que sejam as disposições tomadas é certo que a organização defensiva realizada sofrerá a acção destruidora do fogo inimigo. Já dissemos que se, então um orgão de fogo fôr destruído, haverá logo outro para substitui-lo em sua missão de tiro, porem se este jogo se repetir várias vezes a defesa acabará por desorganizar-se progressivamente. Por esse motivo torna-se necessário salvaguardar a efficacia do sistema de fogo com a **intervenção das reservas**, afim de alimentar a capacidade combativa, isto é, a capacidade de fogo do dispositivo defensivo.

Veremos na proxima conferencia que o contra ataque desempenha papel muito importante no jogo do combate defensivo, porem, convém que desde já aconselhemos a não se exagerar esse papel. Na realidade o movimento das reservas de dia e em terreno descoberto é extraordinariamente difícil e muitas vezes impossível, e para limitar esse movimento os regulamentos prescrevem a constituição de reserva para todos os escalões.

Facto digno de registro é a extrema facilidade com que as reservas se gastam e desaparecem no combate defensivo. Haja vista as batalhas defensivas de VERDUN e da primavera de 1918, em que ficou provado que a economia de forças procurada pelo combate defensivo só é verdadeira em certo terreno e em momento determinado e que se a batalha se prolonga, os efectivos são para ali aspirados irresistivelmente. Accresce ainda que ha nisso uma desvantagem para o defensor que não pôde dispor do direito de fazer cessar este terrível consumo de forças.

III — Elaboração do plano de fogos.

Acabamos de ver os elementos theorecos da organização geral dos fogos e agora vamos examinar a maneira de realizá-los.

E' evidente que os processos serão diversos em cada um dos dois casos seguintes:

— organização longe do contacto com o inimigo em completa liberdade e tranquilidade.

— organização em contacto com o inimigo e por imposição deste ou por deliberação do commando.

Nos dois casos o objectivo e os processos geraes de emprego do fogo são os mesmos, porem a diferença reside em que no primeiro caso as ordens descem normalmente segundo a escala hierarchica, ao passo que no segundo a adaptação defensiva é feita de algum modo da frente para traz.

1) **Elaboração do plano de fogo defensivo pelos diferentes escalões, no caso longe do contacto com o inimigo** —

Como dissemos acima as ordens vem, neste caso, de cima para baixo e é por isso que

vamos examinar a actividade dos diferentes chefes nessa sequencia.

A — **General Cmt. da Divisão** — Pôde-se dizer que elle é o engenheiro da obra. Deve montar um sistema de fogos perfeitamente adaptado ao terreno a defender, realizando uma combinação de acções de Infantaria e Artilharia (mas em primeiro lugar as de Infantaria e depois então as de Artilharia para prececer aquella e reforçal-a em lugares essenciais).

Para isso tomará como base aquillo que não se modifica — o terreno.

Suas decisões dirão respeito aos seguintes pontos:

1º — **Barreira principal de fogos**
— Fim: impôr ao inimigo uma zona de passagem obrigatoria — a barreira principal que não deve apresentar lacunas;

Onde colocar a barreira? — fixar-lhe o limite anterior e determinar-lhe a largura, ou em outras palavras fixar a linha principal, que é ao mesmo tempo o limite posterior da barreira principal e a orla exterior da posição de resistência, ou ainda a demarcação entre a zona dos fogos e a zona de instalação dos órgãos de fogo. A linha principal materializa a fronteira imposta ao inimigo.

2º — Barreira posterior a realizar na frente da linha de reductos — por meio da qual fica definida a profundidade da posição de resistência.

3º — Organização dos fogos no interior da posição — diagonais.

4º — **Missão dos Postos Avançados** — Escalão de combate sob a forma de linha continua ou de pontos de apoio que se flanqueiam mutuamente; Necessidade dos intervallos entre os Postos Principaes serem batidos por fogos longínquos da Posição Principal.

5º — Ligações de fogo com as Divisões vizinhas e realizada obrigatoricamente tanto sobre a linha de vigilância como em toda a profundidade da Posição de Resistência.

6º — Determinação do dispositivo (só agora) — Sub-sectores que fornecem os Postos Avançados — numero de batalhões para cada Sub-sector — limites entre os Sub-sectores — quantidade de Artilharia em apoio — reservas.

B — O General Cmt. da I. D. (Cmt. de Bda. I. no nosso caso) determinará sobre:

1º — Pormenores sobre os limites e ligações entre os Sub-sectores: respeitar então a compartimentagem do terreno, soldar os fogos, reciproca ligação de informações, ligação de commando nos diversos escalões.

2º — Quanto aos Postos Avançados — locaes dos Postos Principaes e suas missões de fogo — conducta em

caso de ataque — modo de executar a missão (de dia, de noite, antes e depois da tomada de contacto, papel das metralhadoras, etc.).

C — O Cmt. do Sub-sector — Faz, mais ou menos, as vezes do architecto que deve combinar e pôr em acção os meios de fogo do R. I. e da Artilharia de apoio directo.

Como pôde fazer um reconhecimento mais completo e minucioso do terreno, as suas decisões são mais pormenorizadas deve assim cuidar de adaptar inteiramente ao terreno os fogos e completar a rede de malhas largas criada pelo General Cmt. da Divisão.

As primeiras decisões dizem respeito á realização das missões dos meios de fogo do R. I.:

1º — Repartição das tarefas entre os Batalhões (quarteirões perfeitamente adaptados aos compartimentos do terreno).

2º — Determinação do dispositivo do R. I.

— Repartição da Companhia de Metralhadoras Pesadas e dos petrechos de acompanhamento.

4º — Ligação de fogo entre os quarteirões.

5º — Conducta em casos de ataques — casos de ataques locaes.

Outras decisões dirão respeito á cooperação da Artilharia de apoio directo:

1º — Fim, importância e forma da cooperação e pedir á Artilharia de apoio directo:

2º — Reforçamento eventual da barreira principal — reforçamento na região de ligação entre dois quarteirões.

3º — Prolongamento da barreira principal até os pontos mal batidos pelos fogos de infantaria.

4º — Tiros sobre zonas que oferecem ao atacante uma base favorável para o ataque de posições da defesa.

5º — Fixação da ordem de urgências desses tiros.

Finalmente as ultimas decisões dirão respeito ao:

— Desencadeamento automático do fogo, no mínimo para a barreira principal e para os tiros de deter que a reforçam, regulando todos os pormenores sob o triplice aspecto da Observação, da signalização e do regimen de tiro.

D — O Cmt. do Batalhão — E' o empreiteiro da obra, o fornecedor dos fogos de Infantaria.

Elle recebe uma missão sob a forma de:

— um commando de fogos bem localizados no terreno (barreira principal, fogos no interior da posição, fogos longinquos, fogos dos Postos Avançados);

— uma zona de acção (quarteirão) perfeitamente definida;

— restrições sobre o emprego de seus

fogos (fogos de ligação com os vizinhos, participação em concentrações fora de sua zona de acção).

Elle recebe ainda a indicação dos meios: — a totalidade ou parte de seu Batalhão; — meios supplementares (petrechos, metralhadoras pesadas);

— auxílios de fogos fornecidos por outras unidades, quarteirões vizinhos, reservas de regimento, artilharia).

Dahi lhe resta tomar as seguintes decisões:

1º — Combinar o emprego de seus meios para cumprir a missão.

2º — Completar a rede de fogos, de que o Coronel só teceu as malhas principaes.

3º — Tomar as medidas de minucia para que o sistema de fogos funcione com segurança principalmente na barreira principal e de modo a assegurar o automatismo e instantaneidade de desencadeamento.

5º — Determinar as regiões em que devem ser collocadas as metralhadoras para realizar missões principaes de fogos prescriptas (barreiras continuas, grandes linhas de separação, fogos de frente longinquos em apoio aos Postos Avançados); repartição do Pelotão de metralhadoras leves — missões precisas a cada elemento.

5º — Cias. de fuzileiros-volteadores — suas zonas de acção (Subquarteirão) — flanqueamentos importantes a serem realizados por F. M. — combinação de fogos no interior do quarteirão.

E — Os Comts. de Cia. devem cuidar principalmente:

1º — Assegurar a protecção das metralhadoras.

2º — Realizar as ligações sobre a linha principal.

3º — Assegurar a continuidade de fogo sobre a linha principal e tambem em profundidade sobre as grandes linhas de separação.

2) — Elaboração do plano de fogo defensivo em contacto com o inimigo —

Vamos ver agora como nesse segundo caso se chega ao mesmo resultado por caminhos diferentes.

Trata-se de resolver o problema em contacto immediato com o inimigo quando no combate offensivo surge a necessidade de se defender.

As pequenas unidades de Infantaria devem estar constantemente promptas para attender a essa eventualidade, principalmente quando de caso pensado faz uma parada momentanea durante o ataque e não é admissivel que qualquer contra ataque inimigo a apanhe desprevenida.

O ataque encontra suas garantias defensivas na solida ocupação das bases de fogos proprias; por isso deve-se evitar desoccupar

uma base antes que a immediata esteja garantida. No caso de reacção offensiva do inimigo é a **última base de fogo** ocupada pelo nosso ataque que marca a posição de resistência, representando então os elementos que combatem na frente desta base o papel de **Postos Avançados** com a missão de resistir nos locaes.

Nessas condições o plano de fogos tem a sua origem nas disposições tomadas pelos commandantes de Pelotões e Companhias de primeira linha e principalmente pelos Cmto. de Batalhão e da base de fogos.

Estas disposições visarão, antes de tudo, constituir uma **linha continua de fogos cruzados na frente da base do Batalhão** ligada e combinada aos fogos identicos dos Batalhões vizinhos. Se houver discordancias muito grandes entre as bases de fogo dos diversos Batalhões, o que é normal no ataque, o Coronel não encontrará outro meio que o de empenhar a sua reserva para restabelecer a continuidade.

Se a situação se prolonga, a preocupação da profundidade vem juntar-se á da continuidade, e além disso, pôde acontecer que para encontrar-se uma posição que permitta melhor desenvolvimento da potencia optima do fogo, se tenha que recuar a posição de resistência. Isto é possível, porque, muito embora se seja forçado a aceitar uma posição de Postos Avançados, pôde-se sempre escolher uma posição de resistência.

Entre os dois casos que acabámos de estudar ha um numero infinito de situações intermediarias, porém em todas elles a ordem das preocupações mantem-se constante:

a) Em primeira urgencia, a constituição de uma linha de fogos continua, por todos os meios possiveis;

b) Desde que se possa, cuida-se de aperfeiçoar e de assegurar a todos os elementos a maxima potencia de fogo defensivo adaptando em caso de necessidade as medidas aconselhadas para o primeiro caso estudado.

IV — Fórmas particulares do fogo defensivo —

Postos avançados — Missão de cobertura — **Cortinas de fogo** — Temos admittido até aqui que sob o ponto de vista dos effectivos dispomos de recursos sufficientes não sómente para dotar a posição de resistência de uma rede continua, densa e profunda, como ainda para constituir Postos Avançados e mesmo Reservas.

Mas nem sempre será assim e principalmente nas operações defensivas que terá de emprehender o Exercito Brasileiro sobre frentes muitos largas a questão dos effectivos se impõe como se impõe no caso das operações de cobertura ou de frentes estabilisadas, momentaneamente passivas, que constitue fórmula particular da cobertura, empregada no periodo 1915-1918.

Em situação de extrema pobreza de efectivos, como realizar o systema completo e poderoso caracterizado por uma continuidade rigorosa em largura e uma successão de barreiras efficazes em profundidades? Que será dos Postos Avançados e das reservas que,

como vimos, constituem tambem elementos importantes da potencia de fogo

Quando não se dispõem de meios para realizar simultaneamente todos os elementos da potencia de fogo, qual deve ser o sacrificado?

Pôde-se reduzir os Postos Avançados porém não se pôde suprimil-os completamente porque será sempre indispensavel garantir à posição de resistência o **minimum** de segurança necessaria ao seu alarme e ao desencadeamento opportuno de seu systema de fogos.

Pôde-se reduzir as reservas ou mesmo suprimir de traz para a frente todas as que não pertencem á Posição de Resistência (reservas de D. I. ou de Bda. I.) porque não será logico guardar em reserva elementos capazes de alimentar a potencia de fogo se a retirada desses elementos contribuir para diminuir essa potencia de fogo; porque não será logico guardar em reserva unidades para restabelecer a integridade da Posição de Resistência por meio de contra ataques, se não as mantendo em reserva pôde-se proporcionar ao fogo potencia suficiente para deter o assaltante na frente da posição.

Desse modo, sacrificando primeiramente a profundidade do conjunto do dispositivo defensivo e a capacidade para durar, conserva-se a potencia essencial do systema e mantém-se intacta a rede de fogos da Posição de Resistência, a qual continua a dispor de seus tres elementos fundamentaes: continuidade, densidade e profundidade.

Quando fôr necessário tocar na rede de fogos, será a sua profundidade a primeira vítima, porque vale mais uma unica barreira bem nutrida e continua do que varias barreiras fracas e descontinuas.

Se ainda fôr necessário sacrificar alguma coisa dessa rede, será a vez de reduzir a densidade da unica barreira, porque tudo se deve sacrificar para salvaguardar a continuidade da linha de fogo.

Não tendo profundidade a cortina de fogos não se pôde manter e durar contra um ataque inimigo; é verdade que uma vez rompida em um ponto, essa cortina perde a sua virtude, mas apesar disso é bastante para paralysar as Vanguardas inimigas, para forçal-as a fôma tomada de contacto difficult e lenta e a montar um ataque para saber o que valle a resistencia por ella representada.

Durante a ultima guerra muito se recorreu á **cortina de fogo**, principalmente por parte dos allemaes nos ultimos meses da campanha.

Esta **cortina de fogo** constitue o processo predilecto dos diversos destacamentos de segurança: Vanguarda, tendo que conservar terreno conquistado ou a manter a frente de desdobramento de sua unidade; escalaõ de Retaguarda, manobrando em retirada. Flancoguarda fixa. Postos Avançados com a missão de retardar e de balisar a progressão inimiga, recuando deante desta: etc. Ella será de emprego frequente nas diferentes operações a serem executadas pelo Exercito Brasileiro.

Como ultima expressão da continuidade de fogo, a **cortina de fogo** pôde bastar enquanto

A Divisão Territorial do Brasil

Pelo 1º Tenente SEGADAS VIANNA

I

O PROBLEMA EM SI

Um dos principaes caracteristicos do brasileiro, como igualmente de todos os outros povos americanos de origem latina, é a falta de previsão.

No Brasil as leis são feitas encarando o presente; parece que nossos legisladores pensam como o povo: o futuro "a Deus pertence".

Frequentemente para evitar uma pequena reacção que se poderá produzir no momento, moldam-se as nossas leis em completo desacordo com a justiça e com os interesses futuros do paiz.

Talvez a causa de semelhante modo de proceder seja a timidez innata de nossa gente. Muitas vezes as nossas bellas qualidades de povo trabalhador, ordeiro e intelligente, são anulladas pela timidez que nos tira a coragem

para a realisação de grandes emprehendimentos.

A divisão territorial do Brasil é um exemplo frisante das asserções que acima fizemos.

Ao ser proclamada a republica, quando do regimen unitario em que vivíamos, passamos para uma autonomia completa das antigas províncias transformadas em estados, o que encontrámos?

De um lado estados monstruosos, com mais de um milhão de kilometros quadrados como o Pará, o Amazonas e Matto Grosso, cujas superficies reunidas são eguaes ao conjunto dos outros dezesete estados da união.

De outro lado, estados pequenissimos, como o do Rio, Espírito Santo, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe que tem uma superficie cerca de oitenta vezes menor do que a do Amazonas.

Se em 1889 a desegualdade da população

se pedir ao fogo uma capacidade de deter limitada no tempo e sob reserva de não se contar com ella durante o ataque.

Acceitamos nas linhas acima que ha recursos para constituir essa cortina; casos ha, entretanto, em que apesar da extrema penuria de meios é preciso esforçar-se por durar. E' muitas vezes o caso da **cobertura**, quando a missão não admite a manobra em retirada.

Que fazer em semelhante extremitade?

E' regra que quanto mais incerta é uma situação, tanto maior deve ser a proporção de meios disponíveis. Portanto, nesse caso é necessário dispor-se de reservas, isto é de fogos disponíveis.

Bem articulado atraç de tenue cortina ou, se a cortina for custosa ou irrealisável, atraç de uma segurança de elementos descontínuos mas judiciosamente collocados, essas reservas permitirão à defesa um jogo flexivel porém difícil:

— Se o ataque for local, concentrar-se-á a concentrar forças na zona ameaçada e ahi constituir uma barreira de fogos mais ou menos perniciosos;

— Se o ataque for geral, concentrar-se-á a resistencia em pontos bem escolhidos, pontos de estacionamento habitual das reservas, escolhidos de modo a formarem um quinconcio mais ou menos cerrado e com meios de fogos capazes, graças a uma resistencia encarniçada, de dissociar ou mesmo de entravar o esforço inimigo.

Nesse caso a infantaria é votada a um sacrificio que ella deve tornar o mais util possível. Por sua vez, o commando que prescreve tal sacrificio assume pesada responsabilidade.

A conclusão deste longo estudo é que a essencia mesma da realização do fogo defensivo

sivo reside na constituição, mesmo sumaria, de uma linha continua de fogos, que será tão nutrita quanto possível; depois, se houver tempo e os meios, organiza-se um sistema mais ou menos rico em barreiras que asseguram profundidade do dispositivo de fogo.

A Infantaria francesa partiu em 1914 para a guerra com a concepção da defesa por meio de pontos de apoio e intervalos porém logo ahi foi forçada a realizar sem ordem a linha continua de fogos do JURA ao Mar do NORTE.

Depois de 4 meses de cruel experiencia, ella descobriu os outros elementos do emprego logico do fogo defensivo que acabámos de estudar.

Em 1917, para economizar efectivos a ponto de tornar a defesa irremediavelmente anemica, concentrou novamente esta nos centros de resistencia, afastados uns dos outros mas ligados entre si por flanqueamentos longínquos. Tal sistema insuficiente queimou como fogo de palha sob a accão dos ataques allemaes do começo de 1918, que se apossaram de posições reputadas formidaveis e que, por outro lado, foram detidos em rasa campanha quando e nos locaes em que se lhes oppoz um sistema coerente e fogos, embora pouco profundo.

Finalmente, em 15 de Julho, o insucesso inimigo é total nos trechos em que foi possivel preparar-lhe a surpresa de um sistema de fogos sólido, completo, adaptado ao terreno e conservado em silencio até o momento desejado.

Assim podemos concluir, com esse exemplo, que a experiencia confirmou perfeita e completamente os dados de organização de um sistema de fogo defensivo, conforme o que acabámos de estudar.

dos estados já era enorme, maior ainda era a desegualdade da superfície.

Quarenta anos, depois, o quadro que apresenta o nosso paiz ainda é o mesmo ou pior; infelizmente nada se faz para modificar tal estado de cousas.

A importancia dos pequenos estados no seio da federação diminue dia a dia. Raro é o fluminense já velho que não lamenta a decadencia da importancia de seu estado na politica federal.

A que attribuir esse estacionamento no progresso de taes estados?

Os 30 ou 40.000 kms² de terras que possem, acham-se completamente divididos, ha dezenas de annos, na mão de fazendeiros atraizados ou de descendentes dos antigos senhores, que actualmente vivem nas cidades, pouco se importando com a cultura das terras que herdaram.

Se o mesmo acontece em certas zonas do Rio Grande do Sul, S. Paulo e Minas, em compensação, a existencia de grandes extensões de terras incultas, permitiu a facil aquisição das mesmas por imigrantes ou novos fazendeiros cheios de vigor, decididos a tirar da terra, não só a paga do que despendem em adquiri-la, como um rendimento que lhes dê margem para a valorização dos bens que possuem, graças a novos melhoramentos, desenvolvimento da cultura, compra de instrumentos e mecanismos utilizados na agricultura moderna, etc.

Como consequencia da introducção desses novos elementos, os proprietarios das fazendas já existentes começaram a reagir, a trabalhar, a introduzir novas culturas em suas terras já cançadas, a adoptar os processos modernos de agricultura, a deixar de lado o velho carro de boi e a archaica enxada, enfim, resolveram



collocar-se á altura de seus novos vizinhos, incentivados pelo amor proprio, que lhes repellia a idéa de se verem rebaixados em importancia perante seus conterraneos.

E' essa a causa principal do progresso de certos estados da união, e do estacionamento ou mesmo regresso de outros que viveram na riqueza em outras épocas não muito distantes.

Dissemos: a causa principal, o que significa haver outras; entre essas outras, citaremos uma, que se relaciona directamente com o assunto de que vimos tratando, e, que diariamente vemos, em todos os jornaes do Rio, e do Norte em especial:

"S. Paulo e Minas sugam as rendas da União, enquanto que os pequenos estados do Norte imploram a construcção de alguns açudes que lhes venham matar a sede" (Diario Nordestino).

Os projectos apresentados pelas grandes bancadas, encontram facilidades de toda ordem, com quanto venham ferir o interesse de outros estados e apesar da igualdade que existe entre os mesmos perante a constituição. Não ha muito vimos o resultado da questão do xarque, onde Matto Grosso e o Rio Grande do Sul se collocaram em pontos de vista completamente oppostos.

O pequeno estado mendiga um favor, enquanto que o grande impõe a sua vontade.

Si é um grande inconveniente a existencia de pequenos estados não só quanto á superficie como quanto á população, talvez muito peior para o nosso progresso e unidade territorial seja a existencia de estados de supecles colossaes como o Amazonas, M. Grosso e Pará.

O que encontrou a Republica em cada um d'elles?

Um centro de alguma importancia, a capital, e algumas pequenas povoações na margem dos rios.

Ao ser proclamada a republica, a população destes estados, não chegava como actualmente, a um habitante por km².

Excepto as capitais, esses enormes estados const'uem uma das maiores regiões despovoadas do globo. A pequena renda de que dispõem mal lhes dá para as despesas necessarias — manutenção de um governo, isto é, necessarias ao pagamento dos tres poderes e de mais alguns funcionários.

Melhoramentos materiaes nas cidades, construcções de estradas, introducção de imigrantes, fundação de nucleos coloniaes, incrementacão da agricultura, etc. etc.... onde obter dinheiro para tales emprehendimentos?

Consequencia: o despovoamento e o atraço em que se achavam em 1889, ainda perduram, e por muito tempo assim será, si não fôr tomada uma providencia pelo governo da união.

Quanto á importancia desses estados no seio da Federação, podemos dizer que ella é pequena por serem elles grandes demais...

Uma terceira classe de estados, podermos ainda citar, é a daquelles que são demasiadamente grandes em superficie e empopulaçao.

A existencia de tales estados, desvirtua o régimen federativo que presupõe uma

igualdade perfeita quanto aos direitos de cada unidade dentro da união.

Um estado com 500 ou 600 kms², sufficentemente povoado na actualidade, e possuidor de innumerias riquezas em seu sólo, pôde dentro de 50 ou 100 annos vir a ser um verdadeiro paiz dentro da propria nação. O seu poder virá a ser tamanho que não se sujeitará a certas deliberações do poder central, tudo exigirá em seu favor, e finalmente procurará manter eternamente em suas mãos todo o poder federal, annullando por completo a influencia politica dos demais estados.

Quando numa federação existef, tal como nos Estados Unidos, oito, dez ou mais, grandes estados, torna-se mais difficil haver um perfeito entendimento entre todos elles para dividirem o poder entre si, o que se não da quando esse numero é de dois ou tres.

A França em certa época de sua historia, chegou ao extremo de ver o duque da Borgonha mandar mais do que o proprio rei, tendo mesmo havido batalhas entre os exercitos deste e d'aquelle, afim de manter o poder real.

Na antiga confederação allemã, o rei da Prussia, um dos seus estados da confederação, era o imperador da Alemanha.

E assim poderíamos citar varios outros exemplos na historia.

— Resumindo o que anteriormente haviamos dito, vemos que tres são os casos a resolver em relação ao Brasil:

1º — Estados grandes demais e despovoados.

2º — Estados muito pequenos, sem possibilidades de acompanharem o progresso dos grandes estados.

3º — Grandes estados em superficie e população, com possibilidade de chegarem a um tal grão de poder, que possam a opprimir as demais unidades da federação, pelo acaibramento de todas as rendas da União e de todos os poderes federaes, em detrimento dos direitos dos pequenos estados.

O diagnostico está feito, porém seu valor seria quasi nulo, se não indicassemos o remedio que na nossa opinião virá trazer a cura do mal.

Diz a sabedoria popular, que para os grandes males, os grandes remedios; fic's a esse principio, achamos que a unica solução que resolve simultaneamente os tres casos acima, é:

Uma nova divisão territorial do Brasil.

Aos espiritos timidos, aquelles que só encaram o Brasil no presente, sem se preocuparem com o futuro, aquelles que sobrepõem os interesses regionaes aos da collectividade isto é, aos da Patria, surgirão logo as objecções:

Como realizar uma obra de tamanho vulto, onde obter o dinheiro necessário?

E os antigos estados, sujeitar-se-ão a serem sub-divididos ou incorporados a outros?

Em resposta diremos: tudo depende da maneira porque fôr feita a nova divisão; certamente será impossivel contender a "tout le mond et son père" mas desde que se procure aproveitar no maximo o que já existe, evitando certas susceptibilidades naturaes, como por

exemplo, não transformar um fluminense em mineiro e vice-versa, um catharinense em paráense, etc., e ainda evitando ferir outros interesses materiaes, como sejam, diminuição do numero de deputados e senadores estaduaes e federaes... etc., etc., a nova divisão poderá ser feita e executada sem grande transtorno para o paiz.

Em que se deve basear a nova divisão?

Afigura-se-nos que a divisão deverá ter por base a superficie dos novos estados e não sua população.

Cada estado deverá ter uma superficie que lhe permitta obter dentro de seu territorio os elementos necessarios ao seu desenvolvimento.

Nenhum estado poderá deixar de alentar a esperança de se tornar tão importante quanto os mais importantes da União o que desenvolverá a energia e o espirito de iniciativa de seu povo e de seus governantes, libertando-os da descrença que actualmente reina em certos pequenos estados, que com toda razão se sujeitam a desempenhar, eternamente um papel secundario na politica federal, pois, sabem que jamais poderão chegar ao apogeu de S. Paulo ou Minas, visto o seu exiguo territorio lhes afastar por completo semelhante ideal.

Porque motivo achamos que a nova divisão deve ser baseada na igualdade de superficie em vez de o ser na igualdade de população?

1º — Porque o Brasil é um paiz novo, com grandes extensões de terras despovoadas actualmente, de maneira que para obter um estado como S. Paulo, seria necessário reunir as populações de Matto Grosso, Amazonas, Pará, Goyaz, Maranhão, Piauhy e Ceará; isto é, 5.800.000 kms² ou cerca de 2/3 do Brasil.

2º — Porque devido á nossa pequena densidade de população em certas regiões, a população de determinados estados manter-se-á quasi estacionaria, enquanto que augmentará extraordinariamente em outros, havendo em consequencia necessidade de se fazer periodicamente cma nova divisão territorial, para se obter a igualdade de população.

Se adoptarmos um tamanho que varie em torno de 250.000 ksm qd. (S. Paulo, Rio Grande do Sul, Piauhy, Paraná, veremos que para os tres casos anteriormente citados, sobre o Brasil actual, esta solução apresenta as seguintes vantagens:

1º — Os estados demasiadamente grandes e despovoados, seriam subdivididos em territorios de 250.000 kms², mais ou menos; os territorios que tivessem mais de 10.000 kls. seriam organisados em estados e os de população inferior ficariam debaixo da administração directa da União, que com os seus poderosos recursos financeiros levar-lhes-ia o progresso, fundando novos nucleos de população desenvolvendo os meios de communicação e transporte, enfim agindo de maneira a transformal-os em breve tempo em novos estados.

Se tal processo tivesse sido empregado em Matto Grosso e no Amazonas, por occasião da proclamação da republica, os mesmos não se encontrariam presentemente, com uma popu-

lação de 0,2 h. por km. qd., isto é, quasi despovoados.

2º — Os estados pequenos seriam reunidos entre si, de modo a formarem conjuntos possuindo uma superficie minima de 150.000 kms², o que os collocaria em pé de igualdade com as demais unidades da federação.

3º — Os estados grandes demais, e povoados, seriam subdivididos em outros com a superficie anteriormente proposta, evitando-se os inconvenientes que apresentamos no principio deste artigo, se continuarem como estão.

A França, por occasião da Revolução Francesa de 1789, dividiu o paiz em 83 departamentos, transformando por completo a antiga organisação, acabando com as províncias colossaes, bem como as minusculas, que então existiam, fazendo excepção quanto ao — tamanho, sómente o departamento do Sena, que contem Paris, capital do paiz e grande cidade, o qual realmente é muito menor do que os outros.

Em relação ao Brasil, Paris representa o papel do Rio de Janeiro, isto é, do Distrito Federal.

A Espanha imitou o exemplo da França em 1830.

A Italia acabou com as antigas províncias e paizes de que se formou effectuando uma nova divisão-territorial por occasião da sua unificação.

Mais recentemente, ha cerca de um anno o Chile, achando que sua antiga divisão-territorial não satisfazia ás necessidades do progresso da nação, modificou-a completamente.

Não são esses os unicos exemplos da historia.

O que outras nações tiveram energia para fazer, será feito tambem pelo Brasil, onde o problema é mais simples por não haver como na França por exemplo, um espirito de regionalismo tão desenvolvido, onde certas províncias em outras épocas constituiam verdadeiros estados independentes ou quasi independentes como a Gasconha, a Lorena, a Borgonha, a Normandia etc. fundados ha varios séculos e cheios de tradições.

II

SOLUÇÃO PRÁTICA DO PROBLEMA

Como solução prática do problema brasileiro, levando em conta os argumentos que acima expuzemos, propomos que a divisão territorial do Brasil seja modificada dentro das seguintes bases:

§ 1º — Nenhum estado terá menos de... 150.000 kms. quadrados nem mais de 400.000 kms².

§ 2º — Todos os estados que estiverem dentro de taes limites não sofrerão nenhuma perda de territorio.

§ 3º — Os pequenos estados, serão reunidos entre si até formar o minimo da superficie exigida no § 1º, ou serão augmentados pela incorporação de uma fraccão de um grande estado.

§ 4º — Feita a nova divisão, desde que em um dos novos estados, exista mais de uma cidade ex-capital, entre as mesmas será escolhida a de maior população para nova capital, e as outras terão asseguradas pelo governo federal, que entrará com o que faltar, uma renda municipal mínima, igual à última renda do tempo em que ainda era capital.

§ 5º — Os novos estados assumirão a responsabilidade das dívidas dos estados componentes, bem como manterão todos os seus funcionários públicos e polícias estaduais.

§ 6º — Os estados que ainda não tiverem capital, receberão do governo federal a quantia de 30.000 contos para a instalação da mesma.

§ 7º — Nos territórios que ficarem a cargo da União, será escolhida uma cidade para capital, e instalada imediatamente com todos os recursos, a administração dos ditos territórios.

§ 8º — Sempre que um estado for formado pela junção de territórios de dois estados diferentes, o novo estado receberá um nome tirado de um acidente geográfico comum aos dois antigos estados (tal princípio foi adoptado pela França em 1789, e tem a vantagem de impedir que um catarinense por exemplo se sinta diminuído em passar a ser paranaense, e vice-versa, o que não acontecerá se o novo estado se chamar Iguassú, como lembrou o nosso inesquecível Sylvio Romero, ao propor a união do Paraná com Santa Catarina, para resolver a questão do contestado).

§ 9º — O Rio de Janeiro será conservado como capital da república, tendo em vista, às facilidades actuais de comunicações com o resto do paiz graças ao telegrapho e à aviação bem como a despesa formidável que será necessária para a mudança da capital (avaliada em um milhão e 500 mil contos), o que está em desproporção com as vantagens advindas de tal mudança e as possibilidades financeiras do paiz.

Calculamos que cerca de 300 a 400 mil contos seriam suficientes à realização do grande empreendimento que propomos, o que é relativamente nada comparando-se com as vantagens que resultariam para o paiz.

Abaixo apresentamos um quadro com os novos estados, suas superfícies e populações, bem assim, um mappa da nova divisão.

Por elles vemos que a existência de dez estados com mais de um milhão de habitantes, dos quais seis terão mais de 2.500.000 kis., será uma segurança em relação ao que dissemos no princípio deste trabalho, sobre os inconvenientes da predominância de um ou dois estados na política federal.

O Norte surgirá com três grandes estados, em condições de rivalizarem com Minas ou S. Paulo, e os estados de pequena população, pelo seu numero, poderão exercer predominância no Senado.

Afim de elucidar as principais modificações a fazer, como o mappa junto não dá uma idéa perfeita sobre certos detalhes, vamos enumerá-las, tomando estado por estado, a partir do Sul para o Norte:

Rio Grande do Sul — Não sofrerá nenhuma modificação.

Santa Catharina e Paraná — Serão reunidos formando um único estado com nome de Iguassú e tendo Curitiba por capital.

S. Paulo — Não sofrerá nenhuma modificação.

Minas, E. do Rio e E. Santo — O estado de Minas será dividido em 3 partes: O triângulo mineiro mais a região a oeste do rio S. Francisco, formará um estado, Paranaíba, tendo por capital a cidade de Independência, ponto terminal da E. F. C. B., na margem esquerda d'aquele rio. O restante de Minas será dividido em duas partes, tendo por limite o rio das Velhas desde sua foz até o paralelo 18°, em seguida este paralelo até encontrar o rio S. Antônio e rio Doce; destas duas partes, a do sul será unida ao estado do Rio de Janeiro, formando o estado de Mantiqueira, com a capital em B. Horizonte, pois, Nictheroy, cuja população quasi toda trabalha na capital da república, pouco sofrerá com a saída do governo estadual; a parte do norte, mais o estado do E. Santo e o pedaço da Bahia que fica ao S. do rio Jequitinhonha, formará o estado de Mucury, com a capital em Victoria.

Bahia — Toda a região a oeste do rio S. Francisco (antiga comarca de Carinhanha) que está em litígio com Pernambuco, formará o estado de Carinhanha, com a capital em Barra do Rio Grande ou Carinhanha. Do restante do estado, tirar-se-á o que já foi dado ao estado de Mucury, e o limite norte será formado pelos rios Itapicurú, Itapicurú Mirim, rio do Pontal e rio S. Francisco. O que o estado perder ao Norte será entregue ao estado de S. Francisco.

Sergipe, Alagoas e Pernambuco — Estes três estados mais o pedaço do N. da Bahia, de que já nos referimos, formarão o estado de S. Francisco com a capital em Recife.

Parahyba — R. G. do Norte e Ceará — Formarão reunidos o estado de Barborema com a capital em Fortaleza.

Piauhy — Não sofrerá nenhuma modificação.

Maranhão — Não sofrerá nenhuma modificação.

Pará — Será dividido em quatro partes formando os estados de: Pará — limitado ao N. pelo braço S. do rio Amazonas (excluindo a ilha de Marajó) e a O. pelo rio Xingú; a capital em Belém. A região ao S. do Amazonas e O. do Xingú, formará o estado de Tapajós com a capital em Santarém. Toda a zona ao N. do rio Amazonas, inclusive a ilha de Marajó, será dividida pelo rio Pará em dois estados, com as capitais em Obidos e Macapá.

Goyaz — Será dividido em dois estados tendo por limites a partir da esquerda para a direita, o paralelo 13 grados, até o rio Canna Brava, este rio até o Tocantins, em seguida subirá o rio Tocantins, entrando pelo rio Para-

nan até o paralelo 14 gráos, e seguindo este paralelo até encontrar o actual limite com Minas.

Matto Grosso — A região ao S. do rio Taquary e a cidade de Corumbá formarão o estado de Rio Pardo com a capital em Campo Grande e o restante do estado será dividido em quatro outros estados ou territorios, conforme se vê do mappa junto.

Amazonas e Acre — O Amazonas dividir-se-á em cinco estados com as capitais sobre o grande rio (vêr mappa) e de sua região S., O., ficará pertencendo ao Acre, todo o territorio limitado pelos rios : Môa, Juruá até a confluencia com o rio Tarauáca, e por uma recta ligando esta confluencia á confluencia dos rios Abunan e Madeira.

D. Federal — Sem alteração.

Synthetisando tudo o que foi proposto, seu resultado final seria:

O Brasil corpor-se-ia de 22 estados e 7 territorios, todos com uma superficie variavel entre 180.000 e 400.000 kms², e um Districto Federal contendo o Rio de Janeiro, capital da Republica.

Seria condição unica para um territorio ter autonomia, passando á cathegoria de estado, o facto de provar que posse uma população maior do que 100.000 habitantes.

Das 30 unidades de que se comporia a União, no presente anno de 1929, dez teriam uma população maior de um milhão de habitantes, treze entre um milhão e cem mil, e sete territorios com menos de 100.000.

— O presente trabalho, certamente idealista ou imperfeito em muitos de seus pontos foi escrito tendo por objectivo collaborar ainda que com parcella minima, na solução de um dos problemas mais importantes para o desenvolvimento do Brasil, e principalmente para a sua cohesão no futuro, afastando o perigo do desmembramento de nossa Patria, pela separação de algumas de suas unidades, transformadas em verdadeiros paizes dentro de 50 ou 100 annos.

Muitos que o lerem dirão: E' uma fantasia... E' um idealismo..., porém estou certo de que aquelles que se interessam seriamente pela grandeza do Brasil, dirão ao menos E' um problema a ser estudado, opinião essa que

muito mais se justifica no nosso meio militar, onde uma nova divisão territorial do Brasil, viria trazer innumerias vantagens para a solução de certos problemas de grande relevância para o Exercito, tales como sejam o recrutamento, a mobilisação, a distribuição das tropas de uma maneira mais equitativa por todo o paiz, facilitando o preparo militar das populações do norte, etc., etc.

	Superf. em kms. ²	População
D. Federal . . .	1.200	1.800.000
Mantiqueira . . .	210.000	6.800.000
S. Paulo . . .	290.000	5.700.000
S. Francisco . . .	187.000	4.500.000
Borborema . . .	238.000	3.000.000
Bahia	260.000	3.000.000
Rio Grande . . .	260.000	2.600.000
Iguassú	300.000	1.700.000
Mucury	250.000	1.700.000
Maranhão	360.000	1.150.000
Paranáhyba . . .	240.000	800.000
Pará	380.000	800.000
Piauhy	264.000	740.000
Goyaz	340.000	500.000
Carinhanha . . .	200.000	300.000
Araguary	180.000	200.000
Tocantins	340.000	165.000
R'o Pardo	280.000	158.000
Amazonas	480.000	127.000
Acre	220.000	125.000
Matto Grosso . . .	320.000	117.000
Tumucumaque . .	250.000	105.000
Tapajós	350.000	103.000
Territorios:		
Madeira	300.000	70.000
Purus	340.000	70.000
Rio Negro	340.000	60.000
Guaporé	220.000	50.000
Solimões	190.000	50.000
Mamoré	320.000	25.000
Araraquaya . . .	380.000	12.000
Total	8.240.200	36.527.000

"Ne consentez pas par faiblesse à l'avancement, d'un mauvais sujet".

"Refusez d'accorder quoi que ce soit à la faveur, à des recommandations, même si elles viennent de haut". — ANDRÉ GAVET
— "L'art de Commander"."



A PROPOSITO DA INDUSTRIALISACÃO DA INSTRUCCÃO NA INFANTARIA

(Continuação do n. 183)

Pelo Cap. T. A. ARARIPE

A INSTRUCCÃO TACTICA E AS PEQUENAS OFFICINAS

Procurámos mostrar no artigo anterior em que consiste o processo de instrucción pelas PEQUENAS OFFICINAS, quando e como deve ser empregado as suas vantagens e desvantagens e concluímos apresentando uma relação de assuntos que mais se prestam ao uso do processo.

Por esta relação se vê que só a Instrucción Physica e os exercícios delicados da Instrucción Technica comportam a applicação do processo — passagem de todos os homens da Companhia por uma organização material de instrucción apropriada e onde funciona um instructor especializado. Semelhante regra representa, segundo as idéias dos autores citados, o maximo de conciliação entre o processo ideal e desejado — da generalização — e o processo imposto — da especialização. Por ella se admite que todos os graduados devem ser capazes de ministrar todos os assuntos que não exigem habilidade particular e que é indispensável fazer a instrucción por unidades orgânicas constituidas de modo a incutir, desde o inicio, no espirito do recruta o sentimento e COHESÃO.

Mas, não haverá tambem vantagem em empregar o processo da especialização na Instrucción Tactica e em particular na Instrucción Tactica Individual?

Nos autores citados não se revela essa especialização, excepto, o Gen. Barbeyrac que a admite como caso excepcional quando o numero de graduados capazes de ensinar esse assunto não corresponde ás unidades orgânicas.

O instructor da Infantaria da E. A. O. é, ao contrario, francamente favorável á applicação do processo do instructor especializado e das pequenas officinas na Instrucción Tactica Individual. São palavras suas: "Nada obriga ao Cmt. da Cia. a fazer participar desta instrucción todos os graduados individualmente; não é de maneira alguma necessário que a Instrucción Tactica Individual seja dada a cada soldado por seu proprio cabo ou por seu proprio sargento; mais tarde, durante os exercícios de combate respeitar-se-á a constituição dos grupos e dos pelotões e cada chefe será exercitado em commandar a própria unidade.

Ao contrario, para a instrucción tactica individual cujo ensino é tão importante e delicado, mais ainda que para a instrucción technica, ha interesse em não confiar a conducta dos exercícios senão aos graduados mais capazes, mais competentes e melhor dotados, pois, ganhar-se-á tempo e sobretudo a qualidade da instrucción será melhor". (E. A. O. — Notas: A Instrucción Tactica do Infante — Setº, 1928).

Em nosso fraco modo de entender não concordamos com o aviso do mestre a quem nós, officiaes de infantaria brasileira, tanto devemos pelas proficientes lições ministradas ha quasi um decenio.

E' verdade que a applicação do processo do instructor especializado á Instrucción Tactica Individual acarreta o beneficio de maior rendimento (quantidade e qualidade do ensino) em tempo menor na formação do soldado, da uniformidade da instrucción e da simplificação da tarefa do instructor, porém, é imprescindivel não nos esquecermos de que em matéria de execução tactica todos os graduados de fileira devem ser virtuosos.

Ora, por experiência pessoal sabemos que é ensinando que melhor se aprende e assim, é fazendo com que todos os graduados tomem parte na instrucción tactica do soldado que se aperfeiçoará pouco e pouco a sua instrucción; que se conseguirá formar os virtuosos do combate. Isto não quer dizer que se entregue a parte mais importante da instrucción do homem a instructores pouco capazes; ao contrario, para evitar este mal é que se recomenda que este ramo da instrucción funcione sob a impulsão e vistas directas dos officiaes.

Para cada exercicio de Instrucción Tactica Individual o commandante e os officiaes da companhia devem realizar séria preparação prévia: organização do exercicio (principalmente ensinamentos vizados, escolha do terreno e pontos principais a observar no procedimento dos homens), reunião dos graduados instructores para ensinar-lhes e recordar-lhes os processos de ensino do assunto em questão, organização e distribuição das fichas de trabalho com todos os pormenores sobre a sua execução, etc. E isto não será bastante. A importancia da Instrucción Tactica Individual exige dos officiaes da companhia grande actividade na direcção e fiscalização constante dos graduados instructores, dando-se a impressão de que os instructores na verdade são estes officiaes.

Feitas estas considerações vamos procurar expôr o modo de funcionamento da instrucción de recrutas em uma companhia em que se aplica o processo das pequenas officinas.

Aplicação do processo das pequenas officinas na instrucción de recrutas da companhia.

Como sabemos, o capitão regula a instrucción da companhia estabelecendo: no primeiro período:

— o programma de instrucción de recrutas, calcado no programma do commandante do batalhão;

— o quadro de trabalho semanal, que é um desdobramento do programma anterior;

— o quadro de trabalho diario, organizado cada dia para os trabalhos do dia seguinte e contendo a distribuição pormenorizada dos exercícios a realizar pelo tempo disponivel;

— e as fichas de trabalho, verdadeiros momentos do instructor que se destinam a rezumir os ensinos a serem ministrados nos exercícios importantes.

E na organização dos quadros de trabalho semanal e diario que o capitão tem que atender ao modo de applicar o processo das pequenas officinas.

Para estabelecer o quadro de trabalho diario o capitão deve considerar:

— o tempo disponivel para instrucção;
— o local onde se realizam os exercícios (estande de tiro, pateo do quartel, terreno variado e apropriado, etc.);

— o pessoal especializado e o material collectivo que constituirão as pequenas officinas por onde os homens devem passar sucessivamente;

— as turmas por unidades organicas e onde o mesmo graduado instructor terá que ensinar vários assumtos.

Emprego do tempo — Feito o balanço de todos esses elementos é preciso dividir o tempo em fracções e regular a duração do ensino para cada assumpto e a passagem dos homens pelas diversas officinas.

Com efeito, não se pôde mais conceber toda a companhia fazendo ao mesmo tempo a mesma especie de exercícios, salvo aquelles em que não se emprega o processo das pequenas officinas.

Por outro lado, é indispensavel que em qualquer instante, salvo nos momentos especiais de repouso, não haja ninguem parado e que todos trabalhem.

Só se consegue isso fazendo funcionar simultaneamente exercícios por pequenas officinas e exercícios por turmas organicas.

Quando se concebem todos os exercícios ministrados por pequenas officinas, não os haverá por turmas organicas, mas esse é um caso de difícil realização porque é pouco provável que o commandante de companhia disponha de um numero de graduados qualificados e de material sufficientes para multiplicar as officinas.

Ao nosso ver, o unico sistema pratico, que aliás está indicado no Regulamento francez de 1920, consiste em fazer funcionar as pequenas officinas durante o tempo sufficiente para que por elles passem todos os homens da companhia, graças a uma escala de rotação bem organizada; e, enquanto esperam a vez de ser chamados para se exercitar em uma pequena officina, os homens trabalham em uma turma organica.

Em uma sessão assim organizada, uns fariam esgrima de baioneta, enquanto outros fariam instrucção preparatoria de tiro e outros fariam ainda instrucção technica do F. M. ou da granada, de modo que no fim da sessão todos terão passado pelas mesmas series de exercícios, o que é essencial.

A titulo de exemplo, podemos apresentar uma sessão consagrada a preparação technica com o seguinte aspecto:

Em local de exercicio os pelotões ficam largamente espaçados e sob as ordens de seus commandantes ou substitutos:

o 1º exercita-se nos movimentos mecanicos de tiro do fuzil; a seu lado funciona uma ou mais pequenas officinas para a instrucção preparatoria do tiro de fuzil (movimentos delicados) e junto ás quaes os homens são chamados dois a dois;

o 2º adextra-se nos exercícios collectivos da esgrima de baioneta; a seu lado funciona uma pequena officina de lição individual mesma esgrima;

o 3º pelotão aprende os movimentos mecanicos do F. M.; a seu lado funciona uma ou varias pequenas officinas de funcionamento varias pequenas officinas de funcionamento da arma e de instrucção preparatoria para o seu tiro;

ou ainda elle exercita-se nos movimentos de lançamento da granada de mão; e a seu lado funciona uma pequena officina de funcionamento das granadas;

os homens chamados para junto das pequenas officinas, uma vez terminado ahí o seu exercicio, voltam a trabalhar na turma organica.

No momento fixado pelo commandante da companhia ou director do exercicio, o 1º piloto passa para o local do 2º, este para o do 3º e este para o do 1º, e assim por d'ante, porém, as pequenas officinas não mudam de lugar e passam a funcionar em proveito do pelotão que veiu se collocar a seu lado.

O exemplo que acabamos de apresentar é, como se vê, muito simples mas, em regra o problema se complica e exige do organizador da sessão alguma habilidade. Assim, crescerão as dificuldades com a diversidade de adeantamento dos homens (exercícios diferentes, retardatarios, soldados de escol, etc.) exigindo maior numero de pequenas officinas e variação das mesmas dentro da sessão.

Isto para a Instrucção Technica. Na Instrucção Physica propriamente dita os homens da companhia são distribuidos pelas pequenas officinas dos fortes, medios e fracos, segundo o seu valor physico e cada officina funciona durante o tempo marcado como se fosse uma turma organica, de modo que no fim do tempo marcado toda a companhia executou simultaneamente a instrucção.

O processo das pequenas officinas combinado com o das turmas organicas pôde também ser applicado aos exercícios de adaptação ás especialidades, como aliás, já se exemplificou para o caso da esgrima de baioneta.

Para completar este nosso trabalho, mera divulgação de conselhos e pareceres de autoridades no assumpto, por isso que não podemos apoiar as nossas idéias em experiencias pessoais, vamos transcrever o Quadro de trabalho diario apresentado pelo Cop. G. Paillé em sua util e conhecida obra — "Memento de L'Instructeur du Fusilier — Voltigeur (pagina 32-33):

PROGRESSÃO DIARIA — 2^a FEIRA, 4 DE JUNHO DE 1923M A N H Ã
Pormenores e sucessão dos exercícios

<i>Horário minucioso</i> <i>Estandio</i>	Instrução physica propriamente dita. 3 pequenas officinas: fortes, médios e fracos. Troca de roupa.	Exercicio de combate: fogos da esquadra de fuzileiros.	Escola do soldado (revisão) 20 min.	Exercícios de maneabilidade do grupo desenvolvido em atiradores.	Escola do Pelotão (formações) 20 min.
	1 hora	30 min.	Descanso 10 min.	30 min.	Descanso 10 min.
6.00					
6.30	Reunião — Inspecção — Partida. Na marcha: 5 minutos de ordem unida; 20 minutos de instrução do esclarecedor. Na chegada: 10 minutos de descanso.				
7.00					
7.30	1º Pelotão	2º Pelotão	—	3º Pelotão	—
8.00			2º Pelotão		3º Pelotão
8.30	3º Pelotão	—	—	2º Pelotão	—
9.00		1º Pelotão	—	—	2º Pelotão
9.30	2º Pelotão	3º Pelotão	1º Pelotão	—	1º Pelotão
10.00		—	3º Pelotão	1º Pelotão	—
10.30					
	Volto ao quartel: 5 minutos de ordem unida.				

T A R D E
Pormenores e sucessão dos exercícios

<i>Horário minucioso</i> <i>Pateo</i>	Lição especial de combate a baioneta Pequena officina	Lição especial de lançamento de granada Pequena officina	Exercícios quotidianos de collocação da máscara	Serviço de guarnição (sentinelas) 30 min.	Exercícios quotidianos de pontaria 20 min. Descanso 10 min.	Theoria sobre recomensas
	30 min.	30 min.	20 min. Descanso 10 min.	Exercícios de tiro (cavalete) para os retardatários.		
14.00						
14.20	Reunião — Inspecção — Partida — 5 minutos de ordem unida.					
14.50	1º grupo	2º e 3º grupos	3º Pelotão		2º Pelotão	
15.20			1º Pelotão	3º Pelotão		2º Pelotão
15.50	4º e 5º grupos	6º grupo		1º Pelotão	3º Pelotão	
16.20			2º Pelotão		1º Pelotão	3º Pelotão
16.50	7º grupo	8º e 9º grupos		2º Pelotão		1º Pelotão
17.00	Volta ao alojamento — 5 minutos de ordem unida.					

— em que se observa a grande variedade de assumtos, ministrados simultaneamente á companhia, de modo a parecer que todos elles, mesmo os da manhã são dirigidos por instructores especializados.

DA PROVÍNCIA

O serviço de Remonta no Exercito

Pelo Major Vet. ALFREDO FERREIRA

Foi com extraordinaria satisfação que lemos em "A Defesa Nacional" de Dezembro ultimo mais um artigo sobre este importante assumpto: "A criação do cavallo e o problema do serviço de remonta" escrito pelo Sr. R. de Freitas Lima.

O problema da Remonta, estudado por militares e civis, conta agora com mais esta contribuição do Sr. Freitas Lima que aconselha o que ha a fazer e estuda as diversas modalidades da questão com grande descortinio, revelando largos conhecimentos sobre a historia da Remonta no Exercito.

Em artigo que havemos escrito em "A Defesa Nacional" e em "O Jornal" temos mantido sempre o mesmo ponto de vista sobre a Remonta: não cabe ao Exercito a criação em grande escala de animaes cavallares ou asininos, apenas cabe-lhe orientar zootechnicamente os criadores quanto á obtenção dos typos de animaes para cavallaria, tracção pezada e tracção leve e quanto ás questões de alimentação, hygiene em geral, educação e gymnastica funcional apropriadas ao governo de serviços a que o animal se destina.

Para obter resultado não basta importar animaes de raças púras. Uma bôa equa, bonita, de grande talhe, padreada por um bom garanhão, de linhas harmonicas e raça pura, pode dar resultado nullo si ao producto não forem dispensados cuidados com sua hygiene, gymnastica funcional, alimentação adequada ao mister a que se o destina.

* * *

O Exercito deve manter typos padrões para cavallaria e tracção junto a cada grande centro de criação, visando guiar e animar os criadores. Não se trata de fazer um typo de cavallo de guerra o que reputamos uma utopia, mas de procurar o melhoramento dos rebanhos cavallares e asinino. Tambem não pôde o Exercito pensar em criar para satisfazer a todas as suas necessidades na especie. E' sempre muito elevado o numero de cavallos necessarios á guerra, como o é tambem o de asininos.

Si o Brasil não cuidar a tempo do assumpto é quasi certo, é certo mesmo que na eventualidade de uma guerra terá que ir procurarlos no estrangeiro, o que constitue de algum modo inferioridade, mórmente se o adversario fôr rico na especie.

Para bem avaliarmos a importancia do assumpto basta dizermos que as necessidades de nosso Exercito orçam por cerca de 3.000.000 de cavallos e muares para todos os misteres este é um calculo optimista. A França, por inclusivo tracção e formação de comboios. E exemplo, na ultima campanha, que não foi

guerra de movimento, que possue a mais rica rede de rodovias da Europa, que é recortada em todos os sentidos de optimas vias ferreas, que usou em grande escala os transportes automoveis, consumiu cerca de 5.000.000 de solipedes, não incluidos 804.620 animaes adquiridos na America do Sul.

Pois bem, considere-se agora que o Brasil possue apenas, em total em todas as idades e sexos, de 6 a 7.000 de solipedes, conforme as estatísticas officiaes (não exactas, apenas approximativas...), que devem servir para as necessidades das forças militares em campanha e continuar a prestar os serviços agrícolas que não devem cessar, e ter-se-á uma excellente base para meditar...

* * *

Ao par do numero de animaes que é preciso ter muito importa pensar na qualidade para obter-se o melhor aproveitamento do numero.

Tem a zootechnica merecido a attenção dos nossos criadores? Não! Desconhecem-na e despresam-na, o que se revella pelo abandono em que vive o nosso heroico cavallo creoulo. A rotina e o empirismo, mesclados das mais extravagantes lendas regionaes têm impedido a rapida propagação dos conhecimentos verdadeiramente uteis ao melhoramento das raças.

A ignorancia das mais elementares leis biologicas impede assim a orientação necessaria a tomar-se para a formação de uma população cavallina rustica, sobria, apropriada ás necessidades e resistente á fadiga, na vastidão de nosso territorio, de climas e recursos os mais variados. Não basta saber montar, ser mesmo bom equitador, possuir grandes latifundios, ter garanhões e equas, para nada mais precisar em relação a uma intelligente criação de cavallos.

E' preciso ter noções de zootechnia, noções theoricas e noções praticas, o que demanda estudo e observação directa acurados.

* * *

Para evitar o erro, producto inevitável de grave imprevidencia, de se ter de recorrer ao estrangeiro no momento da mobilização, para obter os animaes necessarios á formação e á vida do Exercito de Campanha, certas provisões, já conhecidas e indicadas vêm sendo proteladas de longa data, entre nós.

Entre elles vamos referir-nos as que se destinam a melhorar as tropas de animaes que possuímos, restringindo-nos, porém, a algumas indicações apenas que nos são sugeridas no

momento. Mais seria redundancia por isso que o assumpto vem sendo debatido e esclarecido, como prova o brilhante artigo do Sr. Freitas Lima.

O problema tem que ser resolvido pela accão conjuncta dos Ministerios da Guerra e da Agricultura: — um tem formidaveis interesses ligados ao assumpto e é o maior consumidor; ao outro cabe spontaneamente cuidalo porque é de sua esphéra de accão administrativa e deve achar-se apparelhado de tudo que uma solução intelligente, logica e economica requer.

Vemos, pois, como uma das mais urgentes necessidades a designação de uma commissão de regeneração dos solipedes das raças creoulas, constituída por veterinarios militares e veterinarios civis do M. A. por officiaes qualificados, das armas montadas e alguns fazendeiros escolhidos entre os mais adeantados das diversas regiões do paiz, que tomaria a si fazer uma revisão no regulamento de remonta do Exercito, ampliando-o de modo a harmonizar nelle todos os interesses militares e civis.

Alem disso, o M. G. crearia nos corpos que têm invernadas, em pequena escala, animaes cavallares, mas somente depois de melhorarem as pastagens, plantarem forragens diversas etc., a titulo de exemplificação, demonstração, e estímulo aos fazendeiros das redondezas.

* * *

Em nossa ultima inspecção aos corpos de tropas e a animaes civis em Matto Grosso, tivemos occasião de mais uma vez bem examinar e observar o nosso cavallo creoulo: pequeno (altura media 1m.43), perfil caphalico rectilíneo e ás vezes levemente convexo, rustico, sobrio, linhas harmonicas, isento de taras ossas, pellagem escuras (preto e castanho, as mais communs), cabeça pequena, pescoço curto, espadua obliqua, dorso curto garupa forte, cascos muito fortes.

São animaes mantidos de longa data sem nenhuma injecção de sangue novo, porque os fazendeiros têm tido a bôa sorte de, ignorantes da zootechnica, não fazer importações anarchicas de garanhões estrangeiros, poupando dessa arte, de alguma sorte o bom fundo de seus rebanhos e livrando-se de uma mestiçagem sem valor.

E', pois, facil a accão conveniente em Matto Grosso.

A questão está mesmo bem encaminhada actualmente.

Os 10º R. C. I. e 11º R. C. I. de Bella Vista e Ponta Porã dispondo de boas invernadas, com optimas aguadas, podem iniciar uma accão util. O 10º R. C. I. notadamente possue já dous garanhões creoulos sendo que um por suas linhas harmonicas mais parece um puro sangue arabe.

Na invernada de Piraputangas em Campo Grande, com 3.600 hectares, pastagens de jaraguá, aguadas excellentes, com grande plantio de milho, cuja colheita montará ao valor de algumas dezenas de contos de reis, ha algumas eguas de bom porte. Fez-se ahí uma pequena coudelaria com dois garanhões arabes que fo-

ram fornecidos a esta circumscripção. Em — Piraputangas foram já padreadas cerca de 40 eguas. Estas eguas estão sob o regime de meia estabulação.

Ao mesmo tempo, constroem-se tres corredores para o conveniente exercicio dos animaes novos.

Esta accão desenvolvida e systematisada, sem ter a pretenção de transformar o M. G. em creador em larga escala, poderá certamente muito contribuir para seleccionar o nosso problema da remonta.

A base naval de Ferrol

FERROL Janeiro, (U. P.) — A base naval que está sendo construída nesta praça brevemente contará com os maiores elementos de defesa. Dentro em pouco ficarão installados dous poderosos canhões de 38.1 centimetros de diâmetro. Essas peças que serão collocadas em logares estratégicos, são maiores que os famosos de 42 que empregaram os allemaes na grande guerra. O peso de cada projectil é de cerca de uma tonelada.

O cano de cada peça, pesa 90 toneladas. Já está prompto um guindaste enorme para o desembarque no estaleiro. Em menos de um anno construiu-se uma estrada especial para conduzir os canhões ao Monte Campelo. No transporte do porto a este monte gastar-se-ão de um a dous mezes. A grande fabrica nacional de Trubia já fabricou todos os elementos necessário para essa importante operação. Será necessário installar carris de kilometro a kilometro.

A bateria de Monte Campelo está situada á extrema direita da frente do mar. Já estão terminadas as instalações para as baterias de Prior., Priorino e Campelo. Em conjunto haverá na base naval quatro baterias de dous canhões de 38.1 além de outras vinte peças de 15.24. O alcance dos primeiros excede de 30 kilometros.

Cada um dos oito canhões de 38.1 irá montado sobre um fosso de nove metros de profundidade. O conjunto da escavação aberta é de uns treze metros. Cada uma das grandes peças da bateria e suas correspondentes escavações está separada, afim de que um projectil inimigo, não possa inutilizal-as conjuntamente. Aos fossos chega uma ferrovia de bitola estreita que conduz os projectis e toda a classe de material, procedentes do armazem e da fabrica que se acham situados na parte norte opposta ao mar.

Na fabrica acham-se installados os motores e instalações hidráulicas que permitem conduzir os projectis por meio de um elevador colocado no fosso, até a bocca do canhão. Realmente não se pôde chamar de instalação hidráulica, pois a agua foi substituida por glicerina, afim de evitar a congelacão.

Também continuam com actividade os trabalhos de construcção das bases de Carthagena e Mahon que terão instalações semelhantes.

Estudo da progressão da Infantaria sob o fogo da Artilharia

Pelo Cap. LAFFARGUE

(Da Revue D'Infanterie)

Trad. pelo 1º Ten. JOSE' PORTOCARRERO

PRIMEIRA PARTE

I — IMPORTANCIA CRESCENTE DESTE ESTUDO

Nas guerras, antes de 1914, era a bala que infligia á Infantaria, as mais consideraveis perdas.

E, não obstante a multiplicação das armas automaticas, susceptiveis de cobrir o campo da batalha com lengões de projectis, incomparavelmente mais densos que na época das cadeias de atiradores, a bala foi destronada, na ultima guerra, de sua sanguinolenta soberania.

As estatisticas publicadas em 1921, pelo medico inspector geral TOUBERT, na "Revue d'Infanterie", o demonstram. Si a bala é incomparavelmente mais temivel para a Infantaria na zona de combate approximado, devido á vigilancia, á presteza, á instantaneidade de seus effeitos de destruição, o obuz, pelo accrescimo numerico de suas intervenções, pelo alongamento de seu raio de accão, tornou-se, salvo talvez ás pequenas distancias que constituem o campo fechado das duas Infantarias, um adversario de quasi todos os instantes e de todas as situações.

Quer a Infantaria se encontre a kilometros da linha inimiga, quer se prepare para abordal-a, quer ainda se desloque á plena vista do inimigo em espacos descobertos ou mesmo progrida em caminhos desenfiados no fundo das ravinas e sob as cobertas dos bosques; marchando, deitando-se, enterrando-se dormindo ou combatendo, o obuz rodeia-a sem cessar inquieta-a, cerca-a em sua progressão, impõe-lhe barreiras successivas de fogo sobre a estrada, e bate-a durante horas a fio si se aferrar ao terreno.

Adversario protéico, ataca a Infantaria de inumeras formas: já pela "machadada" de seus arrebentamentos razante, vertical, ou de revez já pelo sópro brutal de suas explosões; já pelas deleterias emanações de seus gazes. O obuz não se limita a maltratar o corpo do infante, mas tambem o seu espirito. Aos effeitos materiaes de destruição elle associa uma potencia de perturbação moral tão terrivel que pode arruinar uma infantaria, sobre-tudo uma Infantaria nova, muito mais pelo desarranjo que semeia nas fileiras do que propriamente pelas perdas que inflige. (1)

Si ha, portanto, uma questão cujo estudo offerece uma importancia verdadeiramente capital para a Infantaria, é por certo, a da protecção contra os tiros da Artilharia.

Aprender a passar através estes tiros seja para sobreviver aos effeitos do bombardeamento sobre uma posição defensiva excavada e revolvida pelos obuzes, seja para manter o contacto com a Infantaria inimiga, não obstante as barreiras de fogo que a protegem, tal é o duplo problema a cuja exploração a Infantaria se deve cingir, durante seus exercícios, com todo o empenho e toda a energia de sua attenção.

Nas paginas seguintes, limitar-nos-emos a considerar a parte do problema que trata da progressão da Infantaria sob os fogos da Artilharia.

II — CONDIÇÕES GERAES DA MARCHA SOB O FOGO DA ARTILHARIA EM PLENO CAMPO E NAS ACÇÕES SOBRE FRENTES ESTABILIZADAS

O aspecto dos tiros aos quaes a Infantaria serve de alvo no decurso de sua progressão para a frente, varia sensivelmente conforme se trate de uma batalha em pleno campo ou de combates sobre posições fortificadas; do mesmo modo os problemas de progressão que se propõem á Infancia nestas duas situações fundamentaes, ligadas, aliás, por muitas situações intermediarias, apresentam notaveis diferenças.

As lutas em pleno campo põem em jogo especies de Artilharia sensivelmente mais fracas, em geral que as batalhas sobre frentes estabilizadas, sendo, ahí, o consumo de munições indubitablemente maior e, por consequencia, não revestindo os tiros o mesmo caracter de violencia continua.

Poder-se-ia, portanto, concluir destas observações, com visos de verdade, que a travessia de espacos submettidos ao fogo da Artilharia

guerra. Mas, além disso, os quadros subalternos de nossa Infantaria, os que precisamente têm de estacionar ou moverse na zona onde os fogos da Artilharia são mais cerrados, serão constituidos por elementos novos, sem a experencia dos campos de batalha. Ora, a noção dos effeitos da Artilharia nos parece ainda mais susceptivel de obscurecimento, em tempo de paz, que os do tiro da Infantaria. Si o infante pôde verificar, sobre seus alvos, em uma certa medida, a accão de suas armas, não tem sinal muito raramente occasião de observar, de perto, rajadas ou bombardeios de Artilharia. Tambem não se poderia despertar, de um modo seguro, sua attenção sob a ameaça do obuz.

(1) Os effeitos dos tiros de Artilharia são bem conhecidos de todos os infantes que tomaram parte na ultima

ria, constitue, para a Infantaria, um transe menos penoso e menos delicado em campo livre do que deante duma frente estabilizada.

Entretanto isto não passa das apparenças; si a forma do perigo é differente, este não é attenuado, porque a natureza do terreno e as difficultades maiores de observação aumentam sensivelmente o rendimento dos tiros da Artilharia.

Em campo livre, com efecto, a Infantaria deve progredir, o mais das vezes, sobre vastas regiões longamente esplainadas pela agricultura e que apresentam rares abrigos, fossos ou taludes, commummente separados por grandes massiços. A Infantaria ahi se vê exposta aos efeitos das balas e estilhaços, sem outra defesa, sob uma subita rajada, que não sejam os seus capacetes e as suas mochilas; e é uma situação por vezes tão critica que o infante quando exgota em pura perda todas as suas energias contra a terra, experimenta, muitas vezes, a impressão de ser como que repellido pelo sólo hostil.

O infante é visto e espreitado pela Artilharia inimiga, cujas condições de observação são relativamente facilitadas. Ahi não existem nuvens continuas de fumaça e pó, envolvendo as linhas da Infantaria com uma cortina opaca e mysteriosa; nenhum bombardeio systematico prolongando, interceptando continuamente as linhas telephonicas e isolando o observador.

Ella é ahi submettida, portanto, á temível especie de tiro propriamente baptizada de "tiro ao coelho", que consiste em bater literalmente uma fraccão, persegui-la de abrigo em abrigo, de crista em crista; ceifal-a inopinadamente com uma rajada de cadencia maxima e encerrala assim num verdadeiro envolto de fogo que a deixa completamente offegante de emoção, quando mesmo não a dizima em poucos minutos.

Sobre os campos de batalha da guerra de posição, ao contrario, a natureza do terreno e as difficultades da observação attenuam, em grande parte, os efeitos dos tiros de Artilharia extraordinariamente densos e prolongados.

Mercê da propria repartição dos tiros e do trabalho de "formiga" commettido pelos infantes que vasculham o terreno em todos os sentidos e em todos os logares, o solo é sulcado de trincheiras, juncado de funis, de buracos, de excavações de todo tamanho, que por vezes, se reunem e se emaranham; offerece, assim, á Infantaria, multiplos abrigos e innumeros caminhamentos. Doutra parte a artilharia inimiga é fortemente embaracada em sua observação: o desenrolar de uma luta de Infantaria sempre cerrada, num terreno ás vezes cahotico, em grande parte lhe escapa. Outrosim, não podendo, como em campo livre contar com as proprias vistas para vigiar o inimigo e cegá-lo no mesmo instante, ella deve praticar tiros systematicos, tanto mais densos e continuos, quanto executados com menos oportunidade e com o fim de interdictar o accesso de um terreno particularmente permeável á Infantaria.

Não é de admirar, portanto, si se verifica

que em campo livre a Infantaria se encontre muitas vezes bloqueada, de dia, e a grande distancia das posições da Infantaria inimiga, pelo fogo relativamente pouco nutrido das baterias largamente esparsas, encarregadas da guarda de sectores extensos, mas capazes de discernir, aqui e ali, em campo deserto, as menores apparições e quebrar nitidamente qualquer tentativa de movimento, e desencadeando instantaneamente uma serie de rajadas sobre tudo que se agite.

Entretanto se observa, ao contrario, que nas batalhas sobre frentes fortificadas, a Infantaria consegue inumeras vezes, ora ultrapassar os tiros de deter, ora filtrar-se por capillaridade através estes tiros, graças á permeabilidade particular de tais terrenos vasculhados e a despeito da exiguidade da frente de bateria e o extraordinario consumo de munições.

Em resumo, a travessia de terrenos sob a constante ameaça dos "tiros ao coelho" e a travessia de terrenos mais ou menos vasculhados, batidos por tiros systematicos, são as duas categorias fundamentaes de problemas que se propõem á Infantaria, um, mais especialmente nas accções em campo livre, e outro em combates deante de frentes estabilizadas. Vamos examinalos em seus aspectos principaes.

III — PRINCIPIOS E REGRAS DE CONDUCTA NA PROGRESSÃO SOB O FOGO DA ARTILHARIA

Si o infante é, ao mesmo tempo, o caçador e a caça, em sua luta contra o infante inimigo, elle é sómente a caça, actualmente, em presença do canhão.

Já passou, com efecto, o tempo em que a Infantaria podia tentar, com probabilidade de sucesso proteger-se contra os fogos da Artilharia inimiga, procurando pôr fóra de combate esta Artilharia. Não se vêem mais esses duellos prolongados e indecisos entre o fusil e o canhão, cujos curiosos exemplos encontramos nas batalhas de Agosto de 1870. Está fóra de moda o estudo da repartição do fogo pelas peças de uma bateria inimiga, que outr'ora se praticava nos campos de manobras.

Assim tambem, na impossibilidade em que se encontra muitas vezes de tomar á parte o artilheiro inimigo para reduzir ao silencio, o infante só tem um expediente: procurar escapear-se aos seus effetos.

Não basta tomar a formação capaz de reduzir ao minimo o efecto do fogo inimigo; e depois resolver-se a enfrentar estoicamente o tiro da Artilharia: é preciso prevenir-se de toda maneira afim de não lhe cahir ao alcance, porque a Artilharia é muito temível actualmente desde o momento em que ella consegue fixar sua presa durante alguns instantes.

Torna-se imperceptivel, rastejar como uma enguia entre os tiros, tal deve ser o principio da conducta que deve ter a Infantaria no combate, em presença da Artilharia.

Progresdir sob o fogo da Artilharia, não é, pois, como durante muito tempo se julgou, des-

locar no campo de batalha formações de approximação de andaduras variaveis: é passar por uma serie de "metamorphoses" capazes de subtrahir, de multiplas fórmas, as fracções de Infantaria ás vistas e aos tiros da Artilharia inimiga.

O chefe de uma pequena unidade de Infantaria, verdadeiro prestigitador, deve, pois, de qualquer sorte, escamotear seguidamente sua tropa.

Tarefa de execução por vezes penosa, ora por causa do terreno, ora devido á propria missão: si é, com efecto, relativamente facil a uma unidade de segunda linha consumir todo o tempo para effectuar uma travessia perigosa, infiltrar-se gotta a gotta, dar grandes voltas, as unidades de primeira linha, obrigadas a conservar um dispositivo que lhes permitta accetar o combate em qualquer momento, intimamente ligadas ás direcções de marcha que lhes foram assignaladas, não têm a liberdade de accão necessaria para operar as metamorphoses desejeaveis.

Doutro lado, flexibilidade não significa desmembramento; si é conveniente estender-se ao maximum em largura e profundidade, dissipar-se de qualquer sorte durante a travessia dos espaços descobertos é preciso que o dispositivo se conserve coherente e solidamente articulado, condições tanto mais indispensavel quanto mais o poder perturbador do fogo da Artilharia supera o seu poder de destruição.

Velar, de um modo particular, pela manutenção da ordem, afim de evitar que a tropa se desagregue antes do momento em que terá realmente de se bater contra a Infantaria inimiga. tal é portanto o segundo principio que devemos continuamente conciliar com o primeiro.

Como aplicar estas douis principios e, antes de tudo, como escapar ao fogo inimigo?

1º) — O FOGO INIMIGONAO FOI AINDA DESENCADEADO:

Nos casos de tiros systematicos (tiros de interdicção e tiro de deter), o processo vantajosamente empregado será o de se esforçar por transpor o mais rapidamente possível, os pontos, as linhas e as zonas de terreno ameapados.

Quando se temem, sobretudo, tiros desencaadeados á vista, ter-se-á o cuidado de não os attrahir, porque é sempre melhor prevenir do que curar.

Para isto procurar-se-á antes de tudo passar despercebido pelo inimigo; "a invisibilidade é a melhor protecção da Infantaria" phrase mil vezes repetidas, mas que não é de mais bem repisar e muito relembrar.

Todavia, nem sempre é possível subtrahir-se ás vistas do adversario, por exemplo, quando se tem de atravessar um terreno descoberto e particularmente exposto ás vistas do inimigo; em tal caso, não se lhe mostrará sinão objectivos insignificantes, miseraveis corpusculos indginos de chamar a attenção do canhão e merecer sua intervenção.

2º) — O FOGO DESENCADEA-SE:

Si é um tiro systematico, isto é, um tiro cégo, procura-se frustar-se ao sistema de tiros: contorna-se os pontos batidos, ou insinua-se pelas lacunas deste sistema, esperando os momentos de calma para delles se aproveitar.

Si se está, ao contrario, submetido a uma com decisao e rapidez, rajada desencaadeada á vista, será vantajoso incitar o inimigo a suspender seu tiro; tentar-se fazel-o descuidar momentaneamente e se retoma em seguida o movimento com precaucao, afim de evitar um novo desencaadeamento.

Em conclusão, de um modo geral, esforçase por passar o mais rapidamente possível a zona batida, quer mesmo durante a execução do tiro, si não for muito vivo ou si o terreno a tal se prestar (abrigos approximados), quer quando elle enfraquecer ou cessar.

Imobilizar-se, ainda mesmo em abrigos, sobre um terreno violentemente batido pelo adversario, é não só fazer o que elle quer, mas ainda se expôr durante um tempo inutil a grandes perdas: sob o fogo da Artilharia, a salvação está no movimento e, digamol-o, na fuga para frente.

COMO ASSEGURAR A MANUTENÇÃO DA ORDEM ?

Pela conservação das formações regulares e pela execução de movimentos collectivos sob a direcção de um mesmo chefe, enquanto o fogo inimigo o permitta; pela designação precisa de cerra-filas, quando se trata de empregar momentaneamente a tropa em grandes percursos; emfim, por meio de reagrupamentos que succedam a qualquer transposição de uma zona batida; todos estes processos podem ser empregados até o momento em que a tropa penetra em uma zona efficazmente batida pelo fogo da Infantaria inimiga.

Mas si a procura da surpresa pôde ser uma causa de desaggregação, o cuidado da manutenção da ordem corre ás vezes o risco de chegar-se a uma excessiva rigidez, á "ankloose" dos dispositivos. E' preciso, entretanto, saber evitar estes dois inconvenientes.

Taes são os principios fundamentaes e as regras essenciaes da conducta de um chefe de Infantaria, na progressão sob o fogo da Artilharia, principios e regras que regulam o emprego dos processos de um movimento que vamos futuramente examinar, afim de entramos na parte verdadeiramente practica e simples de nosso estudo.

IV — MEIOS A ADOPTAR PARA PROGRE DIR SOB O FOGO DA ARTILHARIA

Dispositivos de marcha

De um modo geral, qualquer tropa de Infantaria que progride em uma zona batida pelo fogo da Artilharia deve se esforçar, em todos os escalões, por se articular o mais largamente possivel sobre o terreno, quer no sentido da frente quer em profundidade, afim de levar o

artilheiro inimigo a dividir sua attenção e di-luir seus tiros.

E' preciso impedir, com effeito, que este ultimo fixe sua observação; obrigar-o, ao contrario, a voltar a todo momento suas vistas para a direita e para a esquerda, alternativamente, sobre os objectivos, sem fazer cahir sobre cada um todo o peso de rajadas repetidas; é necessario emfim, forçá-lo a abrir o mais possivel seus rectangulos de fogo, afim de reduzir ao minimum a densidade de sua chuva de balas.

Comtudo, estas considerações que muitas vezes têm valor para a marcha de approximação em terreno descoberto ou semi-descoberto, não podem ser consideradas como regras immutáveis. Ha casos, ao contrario, em que convém cerrar, momentaneamente, o dispositivo, quer em largura, como, por exemplo, para utilizar um caminhamento desenfiado quer em profundidade, como para atravessar de surpresa um terreno visto pela Artilharia inimiga ou transpor uma zona ameaçada por um tiro de baragem.

Para fixar as idéas, diremos que, numa marcha de approximação em terreno descoberto, é preciso confiar a uma companhia uma frente de marcha normalmente de 400 metros, o que dá para o Pelotão uma frente de mais ou menos 110 metros e para o Batalhão 800 a 1000 metros.

Mas estas cifras insistimos — não correspondem simplesmente a grandes zonas de acção cuja maior parte é constituida quasi sempre de vastos intervallos livres; applicam-se tambem a frentes de marcha realmente ocupadas, em cuja totalidade se articula a unidade, em vez de se embollar num canto desta zona.

Taes dispositivos que não são sómente alongados mas distendidos, poderão executar longos deslocamentos sem que corram o risco de se desarticularem em todos os sentidos e serem reduzidos a pó pela acção do fogo.

E' evidente que uma tropa semelhantemente disseminada no terreno não poderá ser conduzida segundo os processos empregados por outra estreitamente grupada na mão de seu chefe.

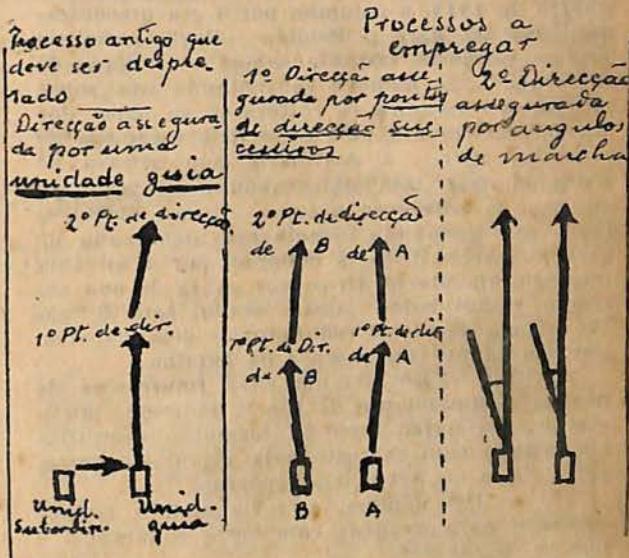
As dificuldades de ligações são taes que as diferentes partes dos dispositivos são obrigadas a progredir separadamente, por sua propria conta; nestas condições, o deslocamento de um sistema tão largamente articulado deve ser considerado como um conjunto de movimentos isolados.

Como assegurar a gravitação uniforme de tão amplo dispositivo

1º — Fivado a cada unidade, até as menores, sua propria trajectoria, graças á indicação de pontos de direcção ou do angulo de marcha. Esta precaução tem por fim realizar o **parallelismo** de deslocamentos isolados, é capital.

Notemos, neste ponto de vista, que o processo de assegurar a direcção por meio de unidades chamadas de direcção, processo particularmente commodo na ordem unida, torna-se

absolutamente impraticavel nos dispositivos largamente articulados, por isto que os elementos de marcha estão frequentemente na impossibilidade de regular sua progressão pelas unidades guias lateraes que lhes escapam:



Croquis n. 1

2º) — Fixando linhas successivas transversaes de parada destinadas a provocar alinhamento sumarios com o fim de remediar as articulações que se pudessem produzir no dispositivo;

3º) — Utilizado os agentes de ligação como agentes de observação interior, destinados a fiscalizar os movimentos da unidade que representam junto ao chefe.

Nenhuma novidade constitue estas medidas. Todavia, verifica-se que são muito mal applicadas.

Com effeito: Embora a nossa Infantaria seja perfeita na execução de movimentos em ordem unida, ou relativamente unida, que tem continuamente occasião de realizar, ella não está sufficientemente familiarizada com os deslocamentos de dispositivos largamente dispersos; e devemos reconhecer que ella nem sempre conta com todas as facilidades necessarias para superar as dificuldades inherentes a tal problema.

Em todo caso, a pratica da marcha de longo percurso de um dispositivo largamente articulado, sem figuração de incidentes de especie alguma, sem mais dificuldades a resolveler que não seja a conservação da cohesão e da ordem, deve ser considerada como o **primeiro dos exercícios consagrados ao estudo da progressão sob o fogo da Artilharia**.

FORMAÇÕES

O que dissemos sobre os dispositivos, applica-se sobretudo ás unidades superiores ao Pelotão.

Examinemos mais particularmente quaes as formações que os elementos do dispositivo, isto é, as pequenas unidades, Pelotões, Grupos, agindo isoladamente, conforme vimos, pôdem

adoptar para se subtrahir, o mais possivel, ás vistos e aos effeitos dos fogos da Artilharia inimiga.

Existe alguma formação especifica contra o fogo da Artilharia?

Sabe-se que, nos annos que procederam a guerra de 1914, a column por 4 era preconizada como tal para o Pelotão. Devia permitir que se formasse instantaneamente o "dôrso de tartaruga", os homens se deitando uns sobre outros, de maneira a offerecer ás balas dos shrapnels sómente uma superficie escamosa de mochila. Ora, a Artilharia não atirava, só shrapnel mas tambem granadas percutentes; poder-se-ia offerecer a estas ultimas objectivo mais vantajoso que semelhante amontoado de corpos. Além disto, a column por 4 attrahia immediatamente os tiros, por causa de sua extrema visibilidade. Assim sendo, esta formação evada de vicios redhibitorios desapareceu, por seu turno, dos campos de batalha.

O Cap. Soloviev, em suas Impressões de um commandante de Cia., indicava, igualmente, um outro tipo de formação especifica empregado com sucesso pela Infantaria russa, sob o fogo da Artilharia japoneza.

" — Em summa, escrevia elle, o melhor processo para avançar com certa segurança, é não se deixar ver.

"Mas, desde que haja obrigaçao de atravessar uma zona descoberta, o movimento, então, não só em columnas mas ainda em ordem desenvolvida, torna-se impossivel, em consequencia da justezza dos tiros da Artilharia actual.

"As tropas que desembarcaram da Russia pagaram milhares de vezes a inexperiencia da formação adoptada pelas tropas siberianas, para a progressão da Infantaria sob o fogo da Artilharia, atravez um espaço descoberto.

"Esta formação é a fila indiana, a dez passos de distancia e em serpente.

"Convenceram-se estas tropas, já aguerri-

das, portanto, que só por negligencia pouco concebivel, deveriam tomar tal formação. Sofreram cruel expiação."

Citamos esta passagem, ao mesmo tempo bem caracteristica e bem categorica, por ser fruto da experientia da guerra e porque me rece, como tal, ser meditada.

Na realidade estimamos que não haja formação verdadeiramente especifica contra o fogo da Artilharia. A column por um, com distancias variaveis entre os soldados, segundo a natureza do terreno; a linha em atiradores em uma ou duas fileiras, empregam-se conforme as circumstancias.

A column por um é de facil conduçao; é pouco visivel e se presta á utilização das linhas do terreno taes como as orlas dos campos, por exemplo. Mas não convém á execução de movimentos instantaneos, porque se escôa homem a homem, com uma certa tendencia á desaggregação e não permite progressão rapida.

A linha de atiradores é mais visivel em terreno descoberto, que a column por um; entretanto o é menos em um terreno semeado de obstaculos. Presta-se particularmente á execução de movimentos rapidos. Permitte utilizar, de modo mais completo, os menores obstaculos do terreno, por isto que dispersa os soldados sobre uma grande superficie; facilita a progressão individual quando se trata de passar "entre as gôttas" atravez um fogo cerrado. Além de tudo, é a unica formação que pôde convir quando o fogo da Infantaria se confunde com o fogo da Artilharia.

O intervallo, entre os atiradores, a adoptar para transpôr espaços batidos, é de cinco passos para a linha em uma fileira, e de dez passos para a linha em duas fileiras. Esta ultima formação é particularmente vantajosa, porque reduz a frente da unidade (onde maiores facilidades de comando), sem lhe aumentar a vulnerabilidade.

territorio uma calamidade maior do que se tivesse sido vencida na guerra que collaborou.

+ + +

A importancia do assumpto já chamou a attenção dos nossos governantes e esta se manifestou na creação de um corpo incumbido da orientação sob o titulo de Conselho da Defesa Nacional.

Mas apesar de instituido por mais de um anno, nada promoveu que por sua vez manifestasse o reconhecimento da necessidade da sua função.

Existe assim apenas o instituto encarregado desta missão ainda não regulamentada nem activada, o que se não coaduna com a imperiosa necessidade de dar praticia uniforme á defesa nacional.

Assim o clamor incessante d'A Defesa Nacional pelo "Lembrae-vos da Guerra", é uma sua notavel expansão patriotica, o clangor de uma trombeta, neste campo superior ao em que se travam as batalhas, em que se chama, não ás armas, mas á defesa social, a defesa nacional. (Dr A. R. Carvalho de Brito).

El Defesa Nacional

A defesa nacional é assim um assumpto tendente á instituição como uma theoria de guerra, como preparo intellectual da sociedade de mais merecida attenção que o proprio abastecimento de munições.

O fuzil e o canhão, os materiaes bellicos, fabricam-se, adquirem-se no momento preciso mas a disposição destes elementos sociaes implicados na luta não estão no mercado, nem se improvisam.

O seu descuramento ou a imperfeição de discernimento pôde suscitar maior mal do que os proprios intuiitos da guerra. Entende-se com o anniquilamento e desorganização social que podem reverter em victoria contraproducente.

O facto característico de Pyrrho, rei do Epiro, que teve na sua imprevidencia a neutralização ou efecto reversivo da sua victoria na luta com os romanos, é um exemplo, como o é o succedido na Russia na guerra de 1914, que, por não prever, fez surgir dentro do seu

“Sugestões”

N. R. — Reencetamoſe hoje a publicação de “Sugestões”, dos camaradas sobre os variuos problemas que interessam quotidianamente a actividade profissional de todo o Exercito.

Todas as sugestões deverão trazer a assignatura do autor. Aquelles que não desejarem ver os seus nomes aparecer devem declaral-o e então faremos a publicação entre aspas para que se não confunda com as Notas da Redacção.

A necessidade de ampliação do Quadro dos Especialistas e Empregados nos Corpos

Pelo 1.º Tenente IRAPUAN ELYZEU XAVIER LEAL

Só a vida arregimentada com a consequente exper'encia, pode induzir os que se interessam pela efficiencia do Exercito a sugerir medidas tendentes a melhorar situações existentes, contribuidoras de sérios embaraços á instrucção e administração dos Corpos. Encaradas as cousas no pé em que estão, pôde-se afirmar sem receio, que a instrucção e a administração geralmente se embaraçam mutuamente, muitas vezes causando attritos e mal entendidos prejudiciaes — que poderiam ser evitados — entre chefes e subordinados, todos, quasi sempre, ciosos do seu ponto de vista, que julgam ser o melhor. No entanto, essas divergencias são originarias, como é sabido, da falta de previsão dos nossos regulamentos e dos quadros de effectivos, que comportam lacunas e disposições impraticaveéis na vida arregimentada actual. Para não entrar em muitas delongas, vou citar os casos principaes de “irreconciliação” communs a todos os Corpos, e também facilmente sanaveis com ligeiras modificações nas previsões orçamentarias annuas. Num batalhão de Caçadores, por exemplo, o efectivo orçamento prevê para a Casa da Ordem e Secretaria — um sargento ajudante e um 1º sargento archivista (o 2º sargento archivista exerce as funcções de sargento do Pelotão Extranumerario). Estas duas importantes repartições, com todo o seu papelorio e burocracia, não podem, evidentemente, viver com o trabalho destes dois sargentos. Resulta dahi o que todo o mundo sabe, o uso e, muitas vezes, abuso dos “empregados”. E, por isso, logo após á incorporação, continuando pelo anno afóra, lá vem o boletim regimental: “Emprego”: Passa a emprego na Secretaria, sem prejuizo da instrucção, o sargento Fulano de tal. O Tenente instructor, após a leitura do boletim, diz consigo, intimamente — “menos um para a instrucção, comtudo pôde ser que uma vez por semana eu conte com elle”.

Mas, passados alguns dias, preceitua, ainda o boletim: “Emprego: Passam a empregados na Casa da Ordem, sem prejuizo da instrucção, os soldados Fulano e Sicrano, de tal Compa-

nhia”. O Tenente, em presença disso, resolve “ponderar” ao Commandante da Companhia. Este, dando-lhe razão, promette providencias, promette esforçar-se para que esses homens não faltem á instrucção. A proporção, porém, que os dias vão correndo, e a Brigada e a Região vão remettendo papeis e officios ao Corpo, o numero de machinas de dactylographia vai crescendo e o boletim creando cargos de emprego. Começam ahi as desintelligencias entre o commandante da Companhia e o Fiscal. E' claro, todavia, que as razões se dividem, mas dadas as diffículdades existentes, as complições têm que surgir. E se considerarmos ainda que o sargento ajudante (encarregado do boletim) e o sargento archivista (encarregado da ordem e execução do serviço da Secretaria) têm papeis importantissimos a desempenhar na instrucção do Pelotão Extranumerario (Pelotão de Commando do Batalhão). Essa instrucção, infelizmente, em geral, é inexistente praticamente nos Corpos. Entretanto, agora, pelos dominios da Contadoria e Almoxarifado, temos as seguintes previsões para as duas repartições, cujo movimento burocratico rivalisa com as outras duas: tres sargentos contadores e dois cabos contadores. Poderão esses homens dar conta de todo o serviço dessas repartições, inclusive o trato do material, arreialamento, fardamento e viaturas em depósito? Absolutamente não. Então, por causa disso, mais empregos, sem prejuizo da instrucção. E o sargento do rancho, que na falta de previsão do Regulamento n. 17, mas por premente necessidade, é tambem tirado das Companhias. O Regulamento n. 17 só prevê, no artigo 3º, o caso de manobras ou campanhas, mas em tempo de paz, na vida do quartel tambem ha necessidade a satisfazer. E o cabo do rancho ?

De onde se tira? E o pessoal que ajuda na cosinha? Todos esses serviços precisam ser assegurados, pois, de outro modo a vida do Corpo ficará paralysada. Na falta, porém, de gente especialmente destinada, a administração da unidade é obrigada a lançar mão do pessoal ordinario das sub-unidades com graves pertur-

OS PROGRESSOS DA AVIAÇÃO

Os salões de aviação que constantemente se vêm realizando, depois da Guerra, notadamente em Paris, e os meetings que os constructores e os governos interessados promovem frequentemente, bem atestam as lutas tramadas pelo engenho humano para vencer na conquista do ar.

Henri Bouché, em artigo publicado sobre a ultima exposição de aviação, realizada pelos constructores, em Paris, em Julho ultimo, faz commentarios e apresenta certos dados bastante interessantes, que afirmam os progressos attingidos e denunciam suas possibilidades.

Assim, diz elle, de 59 apparelhos expostos 39 são aviões puramente militares, terrestres ou navaes.

Dos 26 expostos que servem a necessidades civis, contavam-se 10 para transportes aereos, 6 para formação e treinamento de equipagens, 3 apparelhos destinados a raids e 7 aviões para sport ou turismo.

Dos aviões novos expostos, um dos que mais chamaram as attenções foi um pequeno *Machi*, com motor *Fiat*, de 400 kgs. de peso, desenvolvendo uma potencia de 1.000 HP. Vê-se, assim, como os constructores tecnicos, na ansia de progredir, vão vencendo os dois grandes inimigos da aviação — o peso a fazer voar e a resistencia opposta pelo ar à progressão. Elles procuram cada vez mais: a leveza das estructuras, que é limitada pelas necessidades da mais completa segurança e disposições de conjunto que assegurem grande finesse aerodynamica. Além disso, a construcção do apparelho deve attender ao emprego a que se destina o avião: para um

hações para a instrucción, que é o objecto supremo daquelles que estão sujeitos ao regimen militar.

SUGGESTÕES: — Com o fim de sanar em parte essas anomalias, os quadros de effectivos orçamentarios poderiam ser ampliados no tocante aos especialistas ou empregados, como se lhes queira chamar, destinando um certo numero delles ás Secretarias, Casa da Ordem, Contadoria e Almoxarifado. Poderá ser introduzida a especialidade de dactylographia, creando o soldado dactylographo, cuja necessidade é patente na execução dos diversos serviços. E não se diga que o seu trabalho só se aproveitaria ao tempo de paz, pois a guerra moderna, com o seu complexo de ordens, partes, relatorios e informações tambem não pode prescindir delles.

— Surgiriam, alem dos sargentos e cabos contadores previstos, os soldados-contadores,

avião militar, aparecem sempre *necessidades de tiro* a preencher; para um avião commercial relações entre as velocidades de aterrissagem e as dimensões dos aeroportos, do *plafond* ou altura maxima de vôo com o *perfil da linha aerea*; fluctuadores ou trens de aterrissagem proporcionaes ás cargas a transportar. Da maneira por que estas relações são obtidas nos atestam as exposições e meetings.

Podemos ter uma idéa das possibilidades da aviação levando em conta as *perfomances* já obtidas: a velocidade tomada sobre um percurso de ida e volta, para annular a consideração dos effeitos do vento, attingiu já 512 kms.; a altura de vôo attingiu a 11.753 metros; o tempo de vôo sem escala alcançou 58 hs. e 35 minutos, num circuito fechado de 7.666 kms.

Esses *records* têm sido obtidos por apparelhos especialmente construidos para tental-os. Os aviões communs attingirão uma média rasoavel, realizando a metade dos valores acima.

Assemelhando-se o avião ao *athleta completo*, diz *Henri Bouché*, isto é, tendo em vista os melhores resultados de conjunto, podemos tomar, como médias a obter, os seguintes dados.

- *velocidade* — mais de 250 kms a hora.
- *plafond* — 6.000 metros.
- *percurso sem escala* — 4.000 kms. em 30 horas.

Finalmente, têm sido tentados os *records* de vôo sem escala, mas com *reabastecimento* no ar. Nos Estados Unidos essa especie de vôo obteve já a duração de 152 horas.

em numero de tres por exemplo (dois para o Almoxarifado e um para a Contadoria).

— Os effectivos poderiam prever ainda um sargento encarregado de embarques e desembarques; um sargento do rancho; um cabo e um soldado cosinheiro. Todos esses homens, em manobras ou em campanha seriam aproveitados nas suas especialidades.

Finalmente o artigo 40 do R. S. M., poderia tambem ser ampliado, passando a ter a redacção abaixo:

“Os especialistas (artifices corneteiros, musicos, telegraphistas, dactylographos e contadores) podem ser aceitos, como voluntarios, em qualquer época do anno”.

Ahi ficam, em linhas geraes, algumas sugestões de quem nada pretende, a não ser contribuir modestamente para evitar certos enaves, que, penso, quem lida na caserna, deve conhecer perfeitamente.

Subsídios para os quadros de reserva

A ORGANISACÃO DE UM PEL. DE CAV. (Notas dadas no C. P. O. R. da 1.^a R. M.)

O pelotão de cavallaria consta do seguinte:

Homens:

Tenente cmt.	1
2º sargento.	1
3º sargento.	1
Cabos.	4
Soldados.	27
Total.	34

Cavallos para:

Cmt. de pelotão.	1 + 1
Sargentos.	2
Cabos.	4
Soldados.	27
Cargueiro.	1
Total.	35 — 36

Armamento:

F. M.	1
Mosquetão com sabre bayoneta.	24
Pistolas Parabellum. (1).	10
Espadas.	34
Lanças.	22

(1) — São armados com p'stola: o clarim, o sapador, o fuzileiro metralhador, o ferrador, o 1º municiador, o conductor do cargueiro e o ordenança, bem como os dois sargentos e o Cmt. do Pelotão.

Não levam lança:

O fuzileiro metralhador.	1. ^a Esq.
O 1º municiador.	1. ^a Esq.
O conductor do cargueiro.	
Granadeiro atirador.	2. ^a Esq.
Sapador.	
Ordenança.	3. ^a Esq.
Ferrador.	
Clarim.	
1 Soldado.	4. ^a Esq.
e os sargentos	

Os pelotões de Cavallaria Divisionaria não são armados de lança.

Equipamento do cavalleiro

O equipamento destina-se a condução dos meios para viver e meios para combater e meios para conservação e alimentação do cavalo.

Os meios para viver são:

viveres do dia;
viveres de reserva;
marmita, garfo colher, barraca ($\frac{1}{2}$ por homem; uniforme, objectos de uso no asseio individual);

Os meios para combater são:

Armamento.	Mosquetão ou pistola Espada Lança
------------	---

Munição.	Cartuchos Petardo
----------	----------------------

Apparelo de limpeza do armamento Ferramenta de sapa.

Para uso do cavalo... forragem
balde d'agua
apparelo de limpeza

Assim sendo, um cavalleiro prompto em ordem de marcha conduz sobre si e seu cavalo o segu'nte

(1) — Ordem de marcha.

arrejamento completo
equipamento Mill's de cavallar
munição
forragem
ferragem
viveres
apparelo de limpeza para o cavalo
uniforme e roupa branca
$\frac{1}{2}$ barraca completa
ferramenta de sapa portatil
apparelo de limpeza para o armamento
garfo colher articulado e canecão
objectos de asseio individual

Discriminação da carga do quadro n.º 1

1 ração do dia

(2) — Arreiamento completo.

- 1 Sella
 1 par de loros
 1 par de estribos
 1 par de lategos
 1 manta de panno alvadio
 1 cilha de corda parda
 1 peitoral com gamarra
 1 cabeçada com freio e bridão
 2 pares de redeas (para freio e bridão)
 1 buçal com redea
 1 sobre-cilha

(3) — Equipamento Mill's

- 1 cinturão com presilhas
 1 suspensorio
 1 porta catil
 1 bornal
 6 cartuchos
 1 porta sabre com guia para espada
 1 bandoleira
 1 corre'a movediça

(4) — Equipamento que se coloca sobre o arreiamento.

- 1 par de sacolas com correias de cepilho
 1 sacco de distribuição (de lona impermeável)
 1 alforge
 1 corda para forragem
 1 porta-mosquetão
 1 porta espada
 2 cachimbos para lança
 $\frac{1}{2}$ barraca completa
 1 capote
 1 marmita
 1 balde de lona para água
 1 bornal para ração
 1 bolsa de ferraduras
 4 mallothes para carga de frente
 . mallothes para cargas de trás.

(5) Armamento e munição.....

- 1 mosquetão
 1 espada
 1 lança
 1 sabre-bayoneta
 1 petardo de milinete
 150 cartuchos

(6) — Ferragem.

- 2 ferraduras (1 anterior e 1 posterior
 16 cravos.

(7) — Forragem.

- 1 ração de milho de 4 kgs.

(8) — Viveres.

			grs.
		Carne de vacca de Conserva	250
1	ração de reserva	Biscuitos ou bolachas	250
		Chocolate	150
		Café	60
		Assucar	120
			83

(9) — Apparelhos de limpeza do cavalo.

- 1 escova de raiz
 1 respadeira
 1 pente de chifr
 1 ferro para limpar casco
 1 pedaço de esponja

(10) — Uniforme e roupa branca.

- 1 tunica
 1 calção
 1 par de borzeguins
 1 par de perneiras
 1 par de numeros de metal
 1 chapeu de campanha typo capacete
 1 par de meias
 1 lenço
 1 camisa
 1 ceroula
 1 collarinho

(11) — Objectos de asseio.

- 1 estojo para barba
 1 toalha para rosto
 1 escova para dentes
 1 pente
 botões linha e agulhas

(12) — Apparelho de limpeza para o armamento.

- 1 cordel de limpeza
 oleo

(13) — Ferramenta de sapa portatil.

- Pá portatil
 ou
 Picareta portatil

(14) — Meia barraca completa.

- $\frac{1}{2}$ panno de barraca
 4 estacas
 4 paos de encaixe

Distribuição da carga:

Sobre o cepilho...	O sacco de distribuição com roupa de muda, preso pela correia do cepilho
Sobre a patilha...	$\frac{1}{2}$ barraca emalada O capote emalado por cima da $\frac{1}{2}$ barraca 4 estacas e 4 paos de encaixe 4 mallotes da carga de traz prendem os objectos acima
No lado esquerdo.	frente..... { 1 saccola com gancho porta-lança 1 balde de lona para agua 1 bornal para ração 2 mallotes de carga de frente centro..... { 1 lório 1 estribo 1 cachimbo para lança atraz..... { 1 porta espada com a respectiva arma 1 alforge com a ração do quadro n. 7 1 corda de forragem presa por fóra do alforge
No lado direito..	frente..... { 1 saccola 1 marmita 2 mallotes de carga de frente centro..... { 1 lório 1 estribo 1 cachimbo para lança atraz..... { 1 porta mosquetão com a respectiva arma 1 bolsa de ferraduras.
Nas sacolas..	Por fóra..... { A marmita com a ração do dia do quadro n. 8, presa por 2 mallotes da carga da frente Lado direito..... { A ração de reserva do quadro n. 8 No interior..... { Apparelho de limpeza do quadro n. 9. Apparelho de limpeza do quadro n. 12 Curativos para o cavalo Lado esquerdo.... { Por fóra..... { O balde para a agua contendo o bornal para a ração, preso por 2 mallotes da carga da frente No interior..... { 60 cartuchos dos constantes do quadro n. 5 O petardo de milinite dentro do respectivo estojo
Equipamento Mill's..	No bornal..... { Objectos de asseio do quadro n. 11 Garfo colher articulado e caneca do quadro n. 1. Nas cartucheiras..... { 90 cartuchos constantes no quadro n. 5, (15 cartuchos em cada uma) No porta cantil..... { O cantil com agua, café ou matte, preso pela correia movediça. No porta sabre com guia para espada.... { O sabre bayoneta com a respectiva bainha No cinturão..... { A' retarguarda e a direita uma pá ou uma picareta portatil, presa pelo respectivo estojo. (por baixo do cantil).

Carga do cavallo de mão

O F. M. e sua munição são transportados no cavallo de mão, cuja carga se compõe de:

— Cangalha de modelo especial.

— Cabeçada com bridão e redea andareja.

— F. M. com guarda mechanismo de lona e porta-fuzil, em gancho de ferro cavrado na parte posterior da cangalha.

— Tres cartucheiras duplas, para 16 carregadores.

— Uma cartucheira simples, de lado esquerdo, para 8 carregadores.

— Bolsa, contendo as tres pequenas de accessorios, dois ferros e 16 cravos, tambem do lado esquerdo.

— Sacco de distribuição com 4 kilos de milho, por cima da cangalha.

— Bornal de ração — Idem.

— Balde para agua — Idem.

— Corda de forragem — Idem.

O 1º municiador conduzirá:

a) O cano sobresalente, atiracollo.

b) Saccos para agua, no cinturão do equipamento mills do lado direito.

Cartuchos conduzidos no cavallo de mão — 1400.

MUNIÇÃO**Munição para mosquetão:**

90 a 120 por homem;

Munição para F M:

1400 cartuchos em carregadores.

Exame da potencia de fogo do pel. de cav.

Antes de avaliar a potencia de fogo preciso é apurar os meios de combate pelo fogo de que dispõe o pelotão.

Ele pode constituir o g. c. completo ou o grupo de combate reduzido.

A composição de tais grupos de combate é a seguinte:

G. C. completo

Tenente	1	
Cabo fuzileiro.....	1	
Fuzileiro metralhador..	1	Esquadra de tiro
Auxiliares	3	
Cavalleiros volteadores..	5	

Sargento	1	
Cabo	1	
Cavalleiro volteadores...	8	Esquadra de protecção.
Inclusive o B. F. que sempre faz parte da esquadra de protecção)		
Total em homens.....	21	

G. C. reduzido

Tenente	1	
Cabo fuzileiro.....	1	
Cabo metralhador.....	1	Esquadra de tiro
Auxiliares	3	
Sargento.	1	Esquadra de protecção.
Cavalleiros volteadores..	5	

(inclusive o B. F.)

Total em homens..... 12

Poder do fogo: 1 F. M. e 7 mosquetões.

— O nosso R. E. C. C. diz que "A potencia do fogo é função do numero de armas automaticas" e realmente, podemos ver que a potencia de fogo dos nossos grupos é bastante reduzida, pois se entramos em comparação com a infantaria verificaremos que nosso pelotão tem a quarta parte da potencia de um pelotão dessa arma, porque a nossa potencia de fogo pode ser representada pelo numero 1 (a.a.) enquanto que o pelotão da infantaria terá a sua potencia de fogo representada pelo numero 4 (a.a.). Si estendermos a nossa comparação chegaremos a conclusão que a nossa D. C. equivale como potencia de fogo a menos que R. I.

Dahí concluimos que em comparação com a infantaria, a cavallaria tem o dobro em mobilidade e $\frac{1}{4}$ em potencia de fogo, portanto podemos pedir à cavallaria no tempo e no espaço o dobro daquillo que pedimos a infantaria, mas na capacidade de resistência pediremos apenas a quarta parte.

Para fortalecer o que acabo de vos dizer, termino citando o nosso R. E. C. C. que diz: "A cavallaria pode desempenhar ações violentas pelo fogo; seus efectivos não permitem, porém, elemental-as e produzir efeito de desgaste, diante de uma linha fortemente ocupada e cujos flancos não facultem o desbordamento, não se podem pedir resultados positivos.

SUBSIDIO PARA OS OFFICIAES DE RESERVA A INFANTARIA NAS MARCHAS NOCTURNAS

Pelo Cap. OCTAVIO PARANHOS

A utilização da noite para os movimentos da infantaria impõe-se pelas razões seguintes:

1º) — O accrescimo do poder mortífero dos fogos da infantaria (armas automaticas) e dos fogos da artilharia, tornou-se tão considerável que somos obrigados de procurar na noite o beneficio da invulnerabilidade.

2º) — Os progressos continuos da navegação e da observação aéreas são tais que se impõem cada vez mais os deslocamentos á

noite. Graças a noite é que os deslocamentos conservam o beneficio da surpresa. É então indispensável aproveitarmos a noite para as approximações e os preparativos para o combate.

As etapas nocturnas da infantaria, no decorrer de uma marcha para a frente, começam desde que as unidades entram nas zonas dos reconhecimentos afastados da Aviação inimiga.

Durante a ultima guerra, principalmente na

ultima phase, nas offensivas, tanto allemaes como franceses, elles foram frequentemente realizadas, com o fim principal de escapar aos agentes de investigação do inimigo e poder occultar os movimentos, concentrando tropas em pontos determinados e, conseguindo o segredo da operação, realizar a surpresa.

Em uma guerra futura, é preciso prever que as marchas á noite serão de uso corrente, em virtude dos progressos contínuos da aviação.

As marchas á noite são empregadas:

a) — Para evitar o fogo e as observações do inimigo, e surprehendê-lo ao clarear do dia.

b) — Em pleno verão, quando o dia fôr excessivamente quente e houver necessidade de fazer um percurso longo.

c) — Na vespere de uma batalha para concentrar tropas que estão atrasadas ou em segunda linha.

d) — Em caso de insucesso, para a ruptura do combate.

e) — Para fugir a uma perseguição.

f) — Para realizar um envolvimento.

g) — Para evitar um combate.

h) — Para efectuar surpresas.

i) — Para atravessar uma zona considerável, intransponível de dia.

j) — Etc., etc.

As marchas á noite impõem as tropas de infantaria fadigas excepcionalmente severas.

O homem a pé marcha penosamente á noite, não só atra vez dos campos, como também nas estradas.

Elle não sabe onde o pé, cão nos buracos, bate de encontro as pedras, pois, o somno o prende; elle marcha inconscientemente, vae de encontro á machila do camarada que o precede, o que tira por alguns instantes do estado de sonnambulismo em que estava mergulhado. Tudo isto é o cansaço.

E' preciso annexar á duração da etapa, agravada pela lentidão da marcha, os alongamentos, que gastam o infante moral e phisicamente.

Pensem os em todas estas causas e teremos uma idéa exacta da fadiga que assola o infante durante uma marcha noturna.

Para reduzir o mais possível a fadiga, o regulamento para o serviço em campanha prescreve que as marchas á noite sejam preparadas com o maior cuidado.

Um oficial de infantaria deve estudar e prever, nos seus menores detalhes, o deslocamento da sua unidade quando esta tem que executar um movimento á noite. Deve em particular ter em mente ás seguintes preocupações:

Antes de partir, é necessário fazer os homens descansar, dormir e lhes dar uma refeição quente.

E' preciso assegurar a regularidade da marcha, porque as variações das distâncias na columna são a temer á noite. Para isto, é preciso preparar a marcha, enviando destacamentos precursores tendo por missão: reconhecer o itinerario a seguir, balisal-o, collocar os guias nas bifurcações, barrar si fôr preciso os caminhos a evitar desembaraçar a estrada

dos obstáculos, assignalar as zonas bombardeadas, etc.

E' necessário dirigir a marcha que deve ser executada com uma disciplina rigorosa.

Donde:

a) — necessidade de ter na sua testa um oficial com carta e bussula, tendo a seu lado um guia, a si se julgar preciso;

b) — necessidade de ter, na cauda de cada unidade que marcha, um official, tendo por missão verificar frequentemente si todos os elementos da unidade seguem perfeitamente a estrada indicada e na distancia determinada;

c) — necessidade de ter entre as unidades homens de comunicação, que devem ser fornecidos pelas unidades da retaguarda.

Os altos devem ser frequentes, porém curtos, para que os homens não adormeçam. Durante os altos, interdição formal de se afastarem.

E' preciso utilizar o maior tempo possível as estradas e caminhos para evitar um accrescimo inutil de fadiga. Para as grandes unidades, é preciso utilizar varios intinerarios, de maneira a diminuir o comprimento das columnas e reduzir assim as flutuações.

Quando fôr preciso, todavia, marchar atra vez dos campos, seja para ganhar uma base de partida, seja para se ir ter a um local de bivaque, etc., a dificuldade de guiarmos a tropa apresentar-se.

Esta questão de direcção, já importante de dia, é importantissima á noite.

A' noite, proximo do inimigo, a tropa é impressionavel. Em caso de encontro possivel, é necessário interdictar a tropa de tirar. Atirar á noite não serve de nada, senão para crear o panico. E' necessário á noite nos servirmos das granadas e das bayonetas.

Em contacto com o inimigo, é preciso evitá-lo todo movimento falso.

Ha interesse de prevermos sempre etapas curtas. Todavia, no caso onde as approximações atra vez dos campos sejam longas é preciso, frequentemente, parar as unidades sobre as linhas nitidas do terreno perpendiculars ao eixo da marcha; estas linhas devem ser visíveis á noite (caminhos, estradas, corregos, etc.)

Estas paradas são destinadas a restabelecer a cohesão da tropa e a permitir aos homens tomar folego.

E' preciso não esquecer as precauções a tomar para evitar o barulho: arrumação do equipamento, commandos em voz baixa, na calma da noite os ruidos são escutados ao longe.

Prohibir de accender luzes e fumar.

Os homens devem estar adéstrados a ficar immoveis ou a se deitar, desde que os aviões de reconhecimento lancem seus artificios.

Emfim, para procurar surpresa, um movimento á noite, para conservar o seu valor, deve estar terminado antes do alvorecer. E' neste momento que os aviões procuram o ar para assignalar os movimentos mal dirigidos.

Isto applica-se sobretudo, ás viaturas dos T. C. e T. E., que a este instante devem ter deixado as estradas e caminhos e estar abrigadas.

B I B L I O G R A P H I A

R E V I S T A S

Recebemos e agradecemos:

A) NACIONAIS

Nossa Revista

E' o primeiro numero de uma excellente revista, scientifica e social, da mocidade academic a de OURO PRETO.

Do summario: Os refractarios usados em metallurgia — O plano de viação ferrea no E. M. G. — Assumptos de physica moderna — Uma estação telephonica moderna.

O centurião (Janeiro de 1929).

Revista publicada em nossos meios militares, de carácter exclusivamente religioso, pois é o orgão da União Cathólica Militar. Tem farta e escolhida colaboração e dá noticiosa informação da vida da União, que congrega officiaes do Exercito, Marinha, Policias estadaues, Corpo de Bombeiros.

Boletim do Museu Nacional (Setembro de 1928).

Do summario: Os Etruscos na America — Notas sobre o sambaqui do Forte — A anthropologia — Bibliographia botanica — Notas e opiniões.

A Bandeira (Fevereiro de 1929).

A mulher na poesia brasileira — A dupla nacionalidade.

Liga Marítima Brasileira (Fevereiro de 1929).

Do summario: A Armada chilena — Pelo Brasil maior — A aviação commercial — A equiparação dos operarios da Armada e do Exercito.

B) ESTRANGEIRAS

URUGUAY

Revista Militar y Naval (Janeiro de 1929)

Do summario: Emprego da aviação com a cavallaria — A infantaria — Definição dos diferentes tiros de artilharia — A situação militar da Argentina.

PERU

Revista del Círculo Militar del PERU (Dezembro de 1928).

Do summario: Escola Superior de Guerra Cursos de armamentos, fortificações e communicações — Uma visita á Escola de Infantaria allemã.

SÃO SALVADOR

Boletim del Ministerio de Guerra (Novembro e Dezembro de 1928).

Do summario: A moral e a honra militar — A tática moderna da artilharia — Condições de aptidão para o serviço militar.

MEXICO

El Intendente (Dezembro de 1928).

Do summario: A guerra entre o Paraguai e a Bolivia — O soldado — A America e a guerra mundial.

Revista del Ejercito y de la Marina (Novembro de 1928).

Do summario: Os campos de instrução — A Escola de Infantaria de Camp. Benning. E. U. A. — O serviço de ligações e transmissoes na cavallaria francêza — Missão do official observador na artilharia.

EQUADOR

El Ejercito nacional (1928).

Do summario: As armas no Equador e seus progressos — Textos de Historia patria — Logística e serviço de estado-maior — Armas e tiro — Orientação do goniometro — O Canhão de Acompanhamento da Cavallaria — O Homem de Ayacucho.

CLASSES ARMADAS

"Entre as mais notaveis deficiencias na generalidade de nossos homens publicos, avulta a incomprehensão de nossos problemas militares de terra e mar. Tão grande, tão profunda, que della se pôde inferir uma causa vinda de remoto passado. — Calogeras."

SUGGESTÕES

O KAKI E OS UNIFORMES MILITARES

"Uma das questões que mais ferem á vista do publico, dando-lhe certa idéa de ordem insuficiente das nossas causas militares é a falta de uniformidade dos nossos uniformes, principalmente no que se refere á côr. Os uniformes kaki são os que mais soffrem desse mal, porquanto até aqui f'cavam elles em materia de côr, subordinados ás partidas de fazenda que appareciam no mercado. Dahi a diversidade de tons que se encontram nos uniformes, conforme a peça de onde são cortados, diversidade accrescida ainda pelas modificações de colloração soffridas com as lavagens.

A publicação em o numero passado desta revista do parecer do chefe do Laboratorio de Analyses da D. G. I. G. sobre o kaki militar fabricado pela Companhia Corcovado, fez-nos lembrar das possibilidades que a Industria Nacional offerece para corrigir o defeito apontado.

Sem que tenhamos isto como uma questão de "lana caprina", lembramos a vantagem do Ministerio da Guerra orientar a producção nacional no sentido das necessidades do Exercito, de modo que as mercadorias brasileiras possam ser aproveitadas e preferidas ás estrangeiras, como patrioticamente lembrou o Sr. Bezerra de Mello em artigo da "A Província" de Recife e transcripto nesta Revista. Assim como a

Companhia Corcovado procura resolver o problema do Kaki, outras poderiam ser interessadas nos do calçado, do equipamento, do material de sapa, etc. ou em outra esphera mais elevada, como a siderurgia para fins militares".

DEFESA NACIONAL

"O objecto da defesa nacional pôde ser classificado como o conjunto de condições sociaes que se interessam na guerra, os quaes devem ser determinados na paz pela administração geral do paiz.

Estas condições podem em geral ser classificadas em tres ordens: moral, social e militar.

A moral consiste na educação do povo, excitando do seu patriotismo a necessidade de concurso espontaneo ás injuncções da guerra.

A social na disposição proporcionada do homem e das industrias, principalmente fabris, agricolas e de transporte, no que se relacionarem com a guerra.

E a militar na applicação de todos estes elementos ou a mobilização que constitue o introito da guerra".

(Dr. Carvalho de Brito.)

MAYRINK VEIGA & Co.

13 Rua Mayrink Veiga 21

Erd. Tel. "MAYRINK"

RIO DE JANEIRO

Tel. N. 292, 293 e 355

ESPECIALISTAS EM ARMAMENTOS

Representantes exclusivos de Western Cartridge Co. — Munição "Lubaloy" para fuzis, revolvers, etc.

Société Française — Motores de aviação "Hispano-Suiza".

Hilarion Guenaga & Co. — Revolvers de guerra "Defensor".

Sperry Geproscope Co. — Holophotes de grande potencia para campos de aviação e fortalezas; instrumentos de precisão para navegação marítima; material de controle de fogo para navios de guerra.

Société d'armes e materiel de Guerre — Morteiro Stokes — Brand e munição.

Soares de Sampaio & Cia. Ltd.

Avenida Rio Branco n. 63 - 2º and.

Rio de Janeiro

Teleg. — GUIRIRY

Teleph. { N. 7971
N. 5559

REPRESENTANTES NA EUROPA:

Sté. Anón, Soares de Sampaio & Cie.

4, Rue Pasquier — PARIS

Material fixo e rodante para
Estradas de Ferro

P O N T E S

Estructuras Metallicas

TUBOS PARA AGUA -- GAZ -- ESGOTOS

CONSTRUÇÕES NAVAES

Carga - Passageiros

NAVIOS DE GUERRA